

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

DOUGLAS GONSALVES FÁVERO

**A EXPERIÊNCIA JUVENIL NO PROCESSO DE LUTA PELA MORADIA EM
UBERLÂNDIA – MG (2012-2015)**

UBERLÂNDIA – MG

2017

DOUGLAS GONSALVES FÁVERO

A EXPERIÊNCIA JUVENIL NO PROCESSO DE LUTA PELA MORADIA EM
UBERLÂNDIA – MG (2012-2015)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Trabalho, Sociedade e Educação.

Orientador: Dr. Sérgio Paulo Morais

UBERLÂNDIA

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Sistema
de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

F996e
2017

Fávero, Douglas Gonsalves, 1984-
A experiência juvenil no processo de luta pela moradia em
Uberlândia – MG (2012-2015) / Douglas Gonsalves Fávero. - 2017.
159 f. : il.

Orientador: Sérgio Paulo Morais.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Educação.
Inclui bibliografia.

1. Educação - Teses. 2. Sociabilidade - Teses. 3. Periferias urbanas -
Teses. 4. Estilo de vida - Teses. 5. Habitação - Aspectos sociais – Teses.
I. Morais, Sérgio Paulo. II. Universidade Federal de Uberlândia.
Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDU: 37

DOUGLAS GONSALVES FÁVERO

A EXPERIÊNCIA JUVENIL NO PROCESSO DE LUTA PELA MORADIA EM
UBERLÂNDIA – MG (2012-2015)

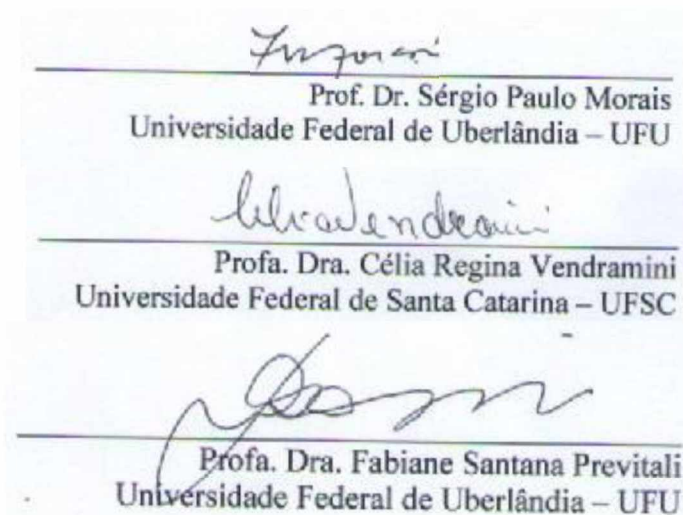
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Trabalho, Sociedade e Educação.

Orientador: Dr. Sérgio Paulo Morais

Uberlândia, 10 de fevereiro de 2017.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Sérgio Paulo Morais
Universidade Federal de Uberlândia – UFU

Profa. Dra. Célia Regina Vendramini
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Profa. Dra. Fabiane Santana Previtali
Universidade Federal de Uberlândia – UFU

Aos meus pais, que sem eles nunca teria chegado até aqui,

Ao Levante Popular da Juventude que incansavelmente busca a organização dos jovens na superação do capital e na construção de uma ordem social mais justa e igualitária,

Aos jovens trabalhadores que sofrem intensas pressões em suas experiências cotidianas vendo, cada vez mais, suas possibilidades de construção futura negadas e

Ao MSTB pela importante e corajosa luta que desenvolve abrindo a possibilidade concreta da moradia para milhares de pessoas

DEDICO

AGRADECIMENTOS

Apesar de um curto tempo, um mestrado possibilita longas e intensas vivências, todas marcadas pelo aprendizado e pela construção coletiva, de forma que faltariam palavras para expressar tal agradecimento e espaço para listar todos os nomes.

Em primeiro lugar, agradeço a meus pais, pela fortaleza e fonte inesgotável de referência e incentivo na incansável luta do viver o dia a dia.

Agradeço especialmente meu orientador, Sérgio Paulo, por todo o aprendizado e possibilidades construídas nesses dois anos. Construções que extrapolam a dimensão profissional criando laços de amizade, intensificadas pelas trocas teóricas e práticas de pesquisa, marcado por um profundo processo de aprendizagem e amadurecimento intelectual. Todo esse caminho não seria possível sem você.

Os laços de amizade criados a partir do mestrado se estendem para os grupos de pesquisas GPTES e GPEPS, envolvendo todos os colegas que inclusive contribuíram diretamente na construção dessa pesquisa com suas cuidadosas avaliações e sugestões.

Agradeço à professora Fabiane Previtali pelo acolhimento no GPTES, por todas as parcerias desenvolvidas, pelos bons debates e pelas valiosas contribuições no exame de qualificação e na defesa.

Agradeço à professora Dilma Andrade de Paula pelas preciosas considerações no exame de qualificação e à professora Célia Regina Vendramini por ter aceito o convite para a defesa e por suas ricas contribuições para a conclusão da pesquisa.

Não poderia deixar de mencionar nessas relações de amizade a Toca da Coruja, república na qual já conhecia a maioria dos membros e que me acolheu esse tempo todo tornando minha própria casa. Assim agradeço todas/os corujas e agregados por maravilhosas vivências e aprendizados.

Agradeço à Comissão Pastoral da Terra, ao MSTB e ao Igino Marcos e Advogados Associados, os quais abriram suas portas para o desenvolvimento dessa pesquisa, e aos quais também somos solidários nessa imensa luta pela moradia e direito à cidade.

Aos compas do Levante e da Consulta, nessa parceria de vida que se torna a militância, cultivando sonhos e utopias, compartilhando de vitórias e derrotas, de momentos de alegria e desespero nesse duro processo que é a luta de classes.

Ao PPGED por ter acolhido a pesquisa e possibilitado seu desenvolvimento com todos os professores e funcionários, e em especial ao James por ser sempre o quebra galho nas questões “burocráticas” do mestrado e referência nas dúvidas legais e prazos.

E, em especial, aos jovens que se mostraram à disposição em participar da pesquisa, abrindo as portas tanto de suas casas quanto de suas experiências, cada uma mais rica que a outra, permitindo vários aprendizados acadêmicos e de vida.

A todos vocês meus sinceros agradecimentos.

E assim veremos florir os girassóis, ouviremos canções de liberdade, viveremos em uma sociedade onde florescerão todas as virtudes. Sentiremos o pulsar de cada coração e a igualdade não terá fronteiras; no dia em que a nossa bandeira, estiver na mão da juventude.

Ademar Bogo

*E assim crescendo fui me criando sozinho
Aprendendo na rua, na escola e no lar
Um dia me tornei o bambambã da esquina
Em toda brincadeira, em briga e namorar
Até que um dia eu tive que largar o estudo
E trabalhar na rua sustentando tudo
Assim sem perceber eu era adulto já*

João Nogueira

RESUMO

O presente trabalho é fruto da pesquisa de Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, vinculado à linha de pesquisa Trabalho, Sociedade e Educação buscando investigar como os jovens de uma ocupação urbana – o bairro Élisson Prieto – vivenciam a experiência juvenil sob a condição de luta pela moradia. Buscamos investigar, sob a condição de ocupação, quais os limites e pressões que se impõem sobre a experiência juvenil e como esta é vivida, pensada e sentida. A partir do diálogo entre o materialismo histórico e a sociologia da juventude, valemo-nos de uma abordagem predominantemente qualitativa combinando técnicas de pesquisas quantitativas – como *survey* e análise de dados institucionais – com fontes qualitativas, sobretudo a história oral. Nesse diálogo, optamos pela noção de experiência juvenil em relação à condição juvenil e situação vivida da sociologia da juventude, visto que capta a dimensão do vivido e do pensado, na unidade entre ser social e consciência social, na relação entre sujeitos, contexto e processo. A hipótese do estudo consiste que as vivências da juventude se dão a partir de situações de classe, propiciando experiências comuns em que a diversidade juvenil se expressa. Assim, apresentamos os principais debates realizados em torno da categoria social juventude e as possíveis contribuições para essa pesquisa, passando para a análise das relações fundamentais de reprodução do ser social e de sociabilidade, como moradia, familiares, trabalho, educação, culturais, religiosas, violência e políticas como limites e pressões determinantes na experiência juvenil e nas possibilidades encontradas para tal vivência, ressignificadas pela experiência da ocupação urbana.

PALAVRAS CHAVE: Condição juvenil. Sociabilidade. Ocupação urbana. Jovens de periferia. Modos de vida. Classe. MSTB.

ABSTRACT

The present work is the result of the Master's Degree in Education research of the Post-Graduation Program in Education of the Federal University of Uberlândia, linked to the line of research Work, Society and Education seeking to investigate how young people from an urban occupation – the neighborhood Élisson Prieto – experience the youth experience under the condition of struggle for housing. We seek to investigate, under the condition of occupation, what are the limits and pressures imposed on the youth experience as it is lived, thought and felt. From the dialogue between historical materialism and the sociology of youth, we make use of a predominantly qualitative approach combining quantitative research techniques – such as survey and analysis of institutional data – with qualitative sources, especially oral history. In this dialogue, we opted for the concept of youth experience in relation to the youth condition and situation experience of youth's sociology, which captures the dimension lived and thought, on unity between social being and social conscience, on the relationship between subject, context and process. The hypothesis of the study is that the experiences of youth come from class situations, providing common experiences in which youth diversity expresses itself. Thus, we present the main debates about the social category youth and the possible contributions to this research going to the analysis of fundamental relations of reproduction of social being and sociability, as housing, family relationships, work, education, cultural, religious, and political violence as limits and pressures determinant on youth experience and the possibilities found for such experience, re-signified by the experience of the urban occupation.

KEYWORDS: Youth condition. Sociability. Urban occupation. Youth on the periphery. Lifestyle. Class. MSTB.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Ceasa	Central Estadual de Abastecimento
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EJ	Estatuto da Juventude
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra
MSTB	Movimento Sem-Teto do Brasil
OIT	Organização Internacional do Trabalho
PEA	População economicamente ativa
PMU	Prefeitura Municipal de Uberlândia
PNEA	População não economicamente ativa
Proerd	Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência
Pronatec	Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
SAE	Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República
SGPR	Secretaria Geral da Presidência da República
SM	Salário mínimo
SNJ	Secretaria Nacional de Juventude
UFU	Universidade Federal de Uberlândia

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – JUVENTUDE: UM DESAFIO TEÓRICO	20
1.1 Juventude: uma construção do capitalismo?	20
1.2 As diferentes concepções sobre a juventude – sistematizando um debate	25
1.3 Juventude(s)? A universalidade e a diversidade	28
1.4 A centralidade da sociabilidade juvenil	30
CAPÍTULO 2 – OS CAMINHOS PERCORRIDOS	38
2.1 A realidade como ponto de partida e de chegada.....	38
2.2 Os procedimentos empíricos	44
CAPÍTULO 3 – RELAÇÕES PRIMORDIAIS DA REPRODUÇÃO DO SER SOCIAL	51
3.1 Moradia.....	52
3.2 Relações familiares.....	55
3.3 Educação.....	58
3.4 Trabalho e renda	61
CAPÍTULO 4 – A SOCIABILIDADE JUVENIL NA PERIFERIA.....	67
4.1 O tempo livre e a sociabilidade	67
4.2 Comunicação, literatura, produção e acesso cultural	70
4.3 Religião.....	73
4.4 Violência.....	77
CAPÍTULO 5 – JUVENTUDE E CLASSE.....	84
5.1 Estado e ação política	84
5.2 A percepção sobre a juventude	87
5.3 Expectativas e o futuro incerto	91
5.4 Situações de classe e consciência de classe entre os jovens.....	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	100
APÊNDICE A – TERMOS DE CONSENTIMENTO	108
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO	111
APÊNDICE C – ROTEIRO DA ENTREVISTA DE HISTÓRIA ORAL	113
APÊNDICE D – PERFIL DOS JOVENS DO BAIRRO ÉLISSON PRIETO	115

APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa buscou investigar a juventude que vive na periferia de Uberlândia, mais precisamente em uma área de ocupação de terras urbanas. A partir de uma vivência particular em movimentos sociais juvenis, surgiu a motivação da pesquisa sobre jovens, principalmente das periferias de grandes centros urbanos, na busca de suas práticas, modos de vidas, valores e concepções de mundo.

Foi a própria militância que nos trouxe até aqui, saindo de uma graduação em engenharia florestal e encantado com as práticas educativas do movimento estudantil é que buscamos a educação como prática de vida e objeto de pesquisa – lembrando que quando falamos de educação, os objetos de pesquisa são sempre sujeitos. Nesse processo, o contato com o marxismo cultiva a curiosidade – que aliado à militância torna-se uma necessidade – de compreensão da realidade, de suas lógicas de desenvolvimento, suas contradições e suas formas de manifestações. Foram essas dimensões que nos colocaram na academia, sobretudo nas ciências humanas, vislumbrando a pesquisa acadêmica como uma das possibilidades de compreensão da realidade, tanto na dimensão individual quanto coletiva.

Após a graduação, houve a possibilidade de cursar uma especialização em economia política¹ sob orientação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), a partir da Escola Nacional Florestan Fernandes. Foi a partir dessa experiência que pudemos iniciar o aprofundamento do estudo da tradição marxista – tendo a clareza que nos acompanhará por toda a vida – e iniciar os estudos sobre a juventude. Essas duas dimensões contribuíram significativamente para o desenvolvimento dessa pesquisa, iniciando-a com certa clareza epistemológica e metodológica em como prosseguir a investigação, aguçadas no desenrolar da pesquisa.

A militância em movimento juvenil coloca-nos vários problemas teóricos e práticos sobre a questão da juventude, abrindo diversas possibilidades – todas com seus limites – para o desenvolvimento dessa pesquisa. A princípio, três problemas se mostraram como demandas de pesquisa para o movimento, sendo eles: a própria história e lógica de ser do movimento – seu processo pedagógico e suas contradições –, o protagonismo e ativismo juvenil – as condições objetivas e subjetivas que possibilitam sua emergência, como esta se expressou em outros momentos e lugares históricos e como se manifesta hoje – e, o que adotamos, os sujeitos que o movimento busca organizar – quem são, como vivem e o que pensam. Nesse sentido que

¹ No caso, trata-se do curso de pós-graduação *lato sensu* em Economia e Desenvolvimento Agrário, promovido pela Escola Nacional Florestan Fernandes em parceria com a Universidade Federal do Espírito Santo.

buscamos pesquisar jovens de periferia e seus modos de ser e pensar, vislumbrando contribuir para o movimento social (re)pensar suas formas de ser e de agir.

Aliado à particularidade social de Uberlândia, uma cidade em que existe um forte movimento de luta pela terra urbana e rural, visível pelo número de ocupações existentes, optamos por desenvolver esse estudo em uma área de ocupação urbana, a ocupação do Glória, ou bairro Élisson Prietro. Dessa forma, buscamos compreender como os jovens vivenciam a experiência juvenil estando em uma situação de ocupação e luta pela moradia. Buscamos compreender quem são esses jovens e como eles vivem, seus anseios e expectativas, seus modos de vida, padrões e experiências comuns nas relações sociais e ações desses sujeitos.

A temática da juventude é muito estudada hoje em dia, com uma vasta produção acadêmica, entretanto, poucos são os estudos direcionados aos jovens que vivem nas periferias. A maioria das pesquisas oscilam entre o protagonismo social juvenil e relações entre escola, família e trabalho, mas poucos são estudos direcionados para os jovens concretos, sobre como eles vivem, sentem, pensam e agem. Esta é nossa proposta, buscar a cotidianidade e experiências destes jovens, necessidades e expectativas, estruturas e sujeitos.

Apesar dos estudos sobre juventude nas ciências humanas terem iniciados no âmbito da sociologia, ficando conhecida como sociologia da juventude (GROPPO, 2000, 2004; SPOSITO, 2009a), na pós-graduação brasileira é uma tendência a pesquisa sobre jovens na área da educação, sendo a mais abrangente nessa temática, conforme demonstra Sposito (2009b)². Ademais, como aponta Dayrell e outros analisando a produção acadêmica da juventude e sua relação com a escola:

Há uma tendência frutífera em boa parte dos estudos de uma aproximação da Sociologia da Educação com a Sociologia da Juventude. Tal deslocamento vem gerando um novo impulso às investigações, marcadas por uma tendência a valorizar os locais e as escolas nas suas especificidades, bem como os atores e as práticas como produtores de realidade e impulsionadores de mudanças. (DAYRELL, NONATO, et al, p. 59).

Ainda, os estudos de Dayrell (2001) e Groppo e Goussain (2016) apontam a dimensão educativa dos espaços de sociabilidade vividos por jovens, sobretudo os que visam a produção cultural, em que o primeiro aponta a construção de estilos e modos de ser jovem mediando a experiência juvenil e o segundo denominando de educação não formal as práticas culturais em torno da sociabilidade e educação informal criadas por organizações sociais que trabalham com

² O estado da arte sobre juventude levantado na pós-graduação brasileira entre 1999 e 2006 consta com 883 trabalhos na educação, seguido de 279 nas ciências sociais e 163 na sociologia. O estudo analisou outras disciplinas como ciências políticas, antropologia e serviço social, sendo menos significativos na quantidade de pesquisas sobre juventude (SPOSITO, 2009b).

jovens. São nestes contextos que optamos por desenvolver a pesquisa sobre modos de vida de jovens no âmbito da educação, buscando esse diálogo entre diversas disciplinas, entre elas a antropologia e a história social.

Investigar a juventude em sua totalidade exige um amplo olhar sobre as diversas relações sociais em que eles estão inseridos, pois, para além das relações socializadoras de família, trabalho, educação e religião, ainda temos a particularidade da sociabilidade juvenil criada e vivenciada, assim como toda uma lógica de produção cultural capitalista que contribuem na constituição da experiência juvenil. Da mesma forma, são sujeitos disputados pelas instituições e políticas públicas, pela mídia, pela religião, colocando limites, mas também possibilidades de ações e resistências para esses sujeitos que vivenciam essas diversas relações sempre a partir da perspectiva de classe – são jovens da classe trabalhadora, estando, na perspectiva de renda, entre os estratos mais baixos da sociedade.

A juventude apresenta-se importante nos países periféricos, pois, na curva demográfica, estamos no momento de pico dos jovens. Diferente dos países centrais, a curva populacional da juventude encontra-se até 2020 em seu máximo, sendo que, após esse período, os jovens de hoje serão o maior contingente de trabalhadores ativos dos países latino-americanos e africanos (SECRETARIA DE ASSUNTOS ESTRATÉGICOS – SAE, 2013). Dessa forma:

Por vinte anos (2003-2023) o Brasil contará com uma população jovem de mais de 50 milhões. Nunca o País contou com uma população jovem tão expressiva e, mantidas as tendências demográficas, tampouco irá contar no futuro (SAE, 2013, p. 31).

Os jovens, muitas das vezes são vistos, principalmente pelo Estado e instituições, como um problema, sobretudo um problema de inserção social, perpassando pelas necessidades de inserção cultural, pela educação, assim como a inserção na vida produtiva. É uma visão muito simplista da juventude, porém significativa, considerando que os jovens são os sujeitos mais afetados pelas contradições sociais e que o Brasil apresenta níveis preocupantes quanto à escolaridade, distribuição de renda, violência, desemprego e informalidade (LIMA, 2004).

Podemos ver a importância no estudo da juventude tanto em sua vasta produção acadêmica quanto nas diferentes maneiras que as disciplinas científicas abordaram e abordam essa categoria social. Ademais, compreender a juventude de maneira mais ampla, possibilita-nos compreender as relações sociais de nosso tempo e suas transformações. As dimensões que as relações sociais são vividas possibilita-nos uma vasta compreensão de agências e instituições nas disputas desses jovens, assim como o permanente processo de transformação do presente, pois a juventude

[...] tem uma importância crucial para o entendimento de diversas características das sociedades modernas, o funcionamento delas e suas transformações. Por exemplo, acompanhar as metamorfoses dos significados e vivências sociais da juventude é um recurso iluminador para o entendimento das metamorfoses da própria modernidade em diversos aspectos, como arte-cultura, o lazer, o mercado de consumo, as relações cotidianas, a política não-institucional etc. (GROPPO, 2000, p. 12).

Como veremos, caracterizar a juventude apresenta várias dificuldades. A dimensão da idade acaba sendo uma necessidade institucional e, de certa maneira, analítica, porém é insuficiente para conceber a juventude em sua dimensão social, cultural e histórica. Nos caminhos percorridos pela pesquisa, ficou nítida a flexibilidade que se deve ter com esses limites. Do mesmo modo, as formulações sobre juventude de setores médios e altos, muitas das vezes, entram em conflito com as experiências dos jovens dos setores sociais mais baixos na perspectiva de renda.

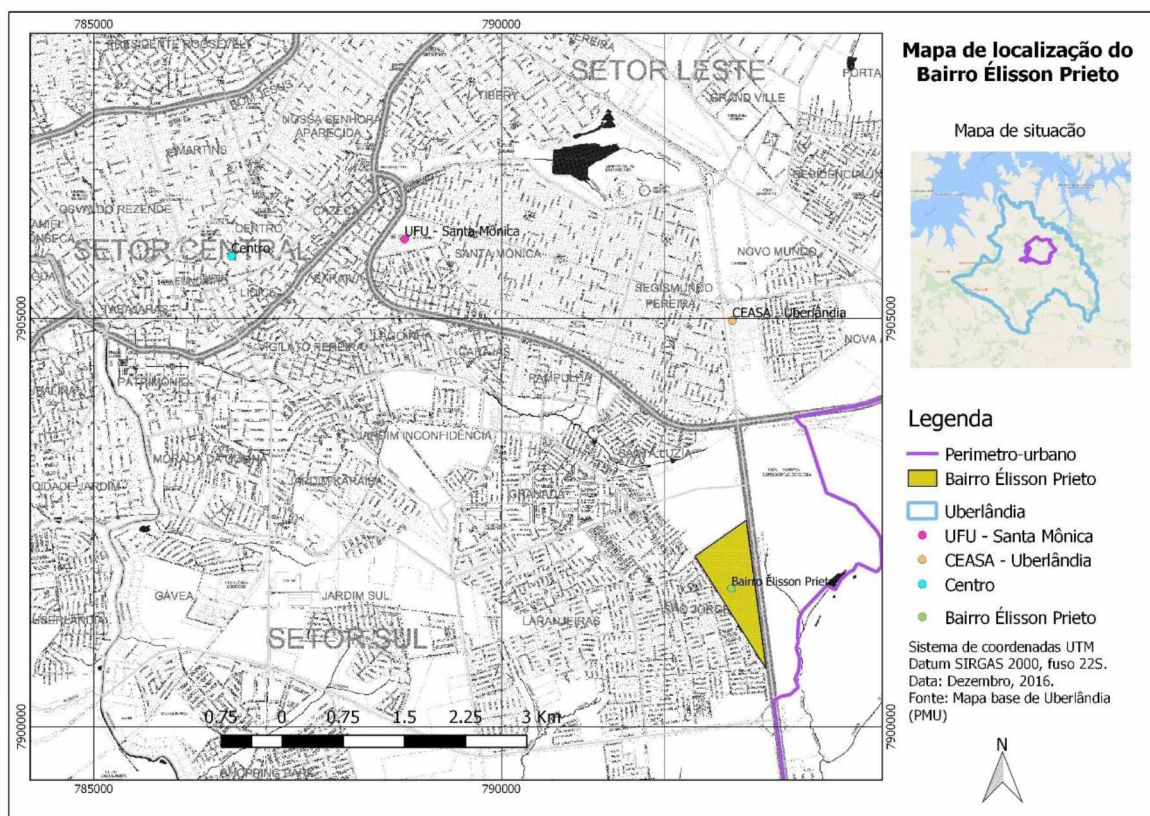
Há, no Brasil, um sistema jurídico de proteção à juventude, abarcando o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e o Estatuto da Juventude (EJ). Ambos traçam orientações para políticas públicas e direitos à serem garantidos para os jovens, o ECA versando até os dezoito anos e o EJ entre 15 a 29 anos, sendo o intervalo dos quinze aos dezoito gerido pelo ECA e excepcionalmente pelo EJ, desde que não entrem em conflito (BRASIL, 2013). Até 2013, ano de lançamento do EJ, havia certa confusão no estabelecimento da juventude, tanto para políticas públicas, quanto para o direito e análises institucionais (geralmente quantitativas). Após o EJ, estabelece-se no Brasil a idade entre 15 a 29 anos para os jovens.

Pudemos perceber, ao longo da pesquisa, que esses direitos nem sempre atingem a juventude, sobretudo quando se trata dos jovens trabalhadores e pobres. Desta forma, esta tutela social encontra-se desamparada, estando esses sujeitos, como buscaremos demonstrar, esquecidos pelos direitos assegurados pelo Estado e a mercê da venda da sua força de trabalho. Direitos previstos no EJ como educação, saúde, trabalho, lazer, mobilidade e, sobretudo, moradia (BRASIL, 2013) não estão ao alcance desses jovens que se encontram em processo de luta por um dos direitos mais fundamentais, a moradia digna.

A ocupação, apesar de ainda não ser regularizada, já se encontra como um bairro qualquer e desde 2012 está em processo de construção. As casas, maioria já construídas com alvenaria, estão dispostas, assim como as ruas, de acordo com os padrões exigidos pela Prefeitura Municipal de Uberlândia (PMU). Os laços entre os moradores já estão estabelecidos. Além de compartilharem das relações sociais enquanto vizinhança, experimentam as relações de organização e luta pela moradia.

A área conhecida como Glória é uma parte do futuro campus da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), localizada à zona leste de Uberlândia, às margens da BR-050, possuindo em torno de 65 hectares e avaliadas em torno de R\$ 30 milhões. A ocupação se deu como desdobramento de um despejo de outra ocupação aos redores da Central Estadual de Abastecimento de Uberlândia (Ceasa) entre janeiro e fevereiro de 2012 (DE SORDI, 2014), localizados na Figura 1. Foi batizado de bairro Élisson Prieto³, em homenagem ao professor da UFU pelo apoio ao movimento – antes dessa homenagem, era conhecido como Assentamento Paulo Freire. Hoje, a ocupação possui em torno de 2200 famílias, de acordo com a coordenação do Movimento Sem-Teto do Brasil (MSTB). Na Figura 1 apresentamos um mapa de parte de Uberlândia, localizando a ocupação em relação ao Centro, ao campus Santa Mônica da UFU e ao Ceasa.

Figura 1 – Mapa de localização do Bairro Élisson Prieto



Fonte: Mapa base de Uberlândia (PMU), elaboração própria⁴.

³ Élisson Prieto foi um professor do Instituto de Geografia da UFU, falecido no dia 14 de outubro de 2012 e grande apoiador da ocupação. A homenagem foi feita no dia 04 de novembro de 2012, período que a ocupação estava se massificando, passando de 30 famílias ocupantes em fevereiro para mais de 1500 no final do ano. Cf. De Sordi (2014) e Ocupação... (2015).

⁴ Agradeço ao Oberdan Rafael que gentilmente contribuiu nas elaborações dos mapas.

A ocupação virou um símbolo da luta pela terra urbana em Uberlândia, devido à sua dimensão e impacto social. As famílias ocupantes da área são trabalhadores em busca de uma moradia digna. Entretanto, esta não é vista como uma mera questão de propriedade, mas em relações sociais mais amplas, que envolvem trabalho, especulação imobiliária, saúde, educação, cultura, transporte, saneamento, enfim, no direito à cidade, que tem como condição básica a moradia (DE SORDI, 2014). Estas dimensões afetam diretamente os jovens, visto que, em sua maioria, moram com as famílias e nesta relação de dependência familiar quanto à moradia, acabam não tendo opções para além de irem para a ocupação com seus parentes. Esta dependência familiar não se dá apenas no núcleo de origem, mas também na constituição de um novo, o qual, por vezes, compartilham a moradia com outros parentes.

A luta pela moradia impõe-se sobre os jovens como uma determinação a mais, abrangendo diversas dimensões da sua vida social. Nesse sentido, partimos de uma hipótese em que a juventude é vivenciada a partir de situações e experiências de classe, acentuadas pela condição de ocupação urbana. Essas situações impõem-se como limites e pressões sobre as próprias necessidades concretas de sobrevivência, determinando a própria vivência da juventude. Essa hipótese construída a partir da bibliografia sobre juventude e dos dados disponíveis e levantados foi revisitada, questionada e muitas vezes ampliadas e reformuladas com o andamento da pesquisa e as análises dos dados.

A revisão bibliográfica perpassou toda a pesquisa, desde a definição das perguntas e objetivos ao processo de síntese e escrita. Partimos de um diálogo envolvendo a sociologia da juventude – sobretudo Abad (2002), Abramo (1997, 2005), Dayrell (1999, 2001, 2003a, 2003b, 2005, 2007), Groppo (2000, 2004, 2010), Lima (2004), Peralva (1997), Reguillo (2007) e Spósito (1993, 1996, 2004), com o materialismo histórico – Marx e Engels (2009), Thompson (1981, 2012c) e Williams (1979, 2011). Esse diálogo culminou em uma pesquisa empírica predominantemente qualitativa, combinando principalmente *survey* (BABBIE, 2003; BARBETTA, 2002) com história oral (PORTELLI, 1993, 1997, 2001; SMITH, 2012).

Portanto, iniciamos a dissertação apresentando uma síntese dos principais caminhos que a produção teórica sobre juventude percorreu, demonstrando um pouco da categoria juventude na história e como se transformaram as representações sobre tal. Seguimos apresentando um estado da arte da juventude, apontando algumas questões centrais no debate acadêmico e no desenvolvimento da chamada sociologia da juventude, suas principais perspectivas e diferenças analíticas, assim como alguns apontamentos dialogando com nossas fontes empíricas. Damos um enfoque nas aproximações e distanciamentos entre os autores que compreendem a juventude como uma categoria social e cultural, portanto histórica. Apresentamos, nesse sentido, algumas

perspectivas e sugestões de análise da juventude e, por vezes, posicionamo-nos com nossas aproximações e distanciamentos com alguns desses autores.

No segundo capítulo, apresentamos nossa concepção epistemológica que orientou tanto a pesquisa empírica quanto a bibliográfica. Nesse caminho, apresentamos as premissas básicas do materialismo histórico e as contribuições metodológicas de Thompson e Williams, sobretudo seguindo a centralidade da experiência. Tal centralidade fez nos orientar mais pelo contexto e processo estudado que pelas próprias formulações existentes sobre juventude, devido a particularidade dos sujeitos por nós estudados e a pouca produção teórica e dados existentes sobre eles. Logo após, apresentamos todos os procedimentos de pesquisas utilizados e os caminhos percorridos empiricamente, buscando o diálogo entre fontes estatísticas e fontes orais.

Percorrido essa dimensão norteadora da pesquisa, partimos para a síntese da investigação, em que dividimos entre relações fundamentais de reprodução do ser social e a sociabilidade juvenil. É preciso ressaltar que essa divisão, assim como a subdivisão que cada capítulo apresenta, dá-se apenas como fins expositivos, visto que são relações indissociáveis, faces de um mesmo processo social que se embrenham e determinam-se reciprocamente, em que, mesmo com essa divisão expositiva, buscamos apresentar essas interdependências, reciprocidades e inter-relações. Ainda, essa divisão foi escolhida a partir do diálogo entre o materialismo histórico e a sociologia da juventude, sempre permeada pelo diálogo com os dados empíricos.

No terceiro capítulo buscamos apresentar modos de vida e relações vividas pelos jovens da ocupação e como elas apresentam-se como limites e pressões objetivas a partir de situações de classe. Na impossibilidade de esgotar todas as relações sociais e os significados pensados e vividos pelos jovens, apresentamos algumas que nos pareceram centrais como reprodução dos próprios jovens e de suas famílias, como a luta pela moradia e os impactos da negação desse direito, relações familiares e movimentos de autonomia e dependência que elas engendram, relações de trabalho e educação.

No quarto capítulo buscamos apresentar a sociabilidade juvenil na ocupação, tão central no debate acadêmico. Nesse caminho, procuramos demonstrar como essas relações de sociabilidade são vividas e pensadas e como são constitutivas da experiência juvenil. Para tal, subdividimos o capítulo entre as relações de tempo livre e sociabilidade, comunicação e literatura, religião e violência. A sociabilidade permite compreendermos várias dimensões das especificidades juvenis em relação ao mundo adulto, como também, apreender a diferença de vivência juvenil a partir de situações de classe, que nos leva ao quinto capítulo, com caráter de conclusão.

Este retoma algumas das relações apresentadas debatendo com nossa hipótese de que a juventude é vivida a partir de relações de classe. Nosso intuito não é cair em um determinismo econômico, mas demonstrar como diversas relações sociais são afetados a partir das situações objetivas e subjetivas e, a partir disso, como os jovens vivem. Todo o texto busca demonstrar essas situações objetivas e subjetivas, sendo esta última mais debatida nesse capítulo. Outro movimento constante que tentamos é apresentar as formas de pensar e agir sobre essas relações, não buscando uma lei ou condição natural, mas padrões nas experiências, que conferem uma unidade perante a diversidade da experiência juvenil.

Por fim, concluímos o texto apresentando algumas sínteses e, principalmente, novos questionamentos e novas possibilidades. Com o estudo, avançamos na problematização da juventude, agora, a partir dos espaços de sociabilidade experimentados pelos jovens e sua importância na constituição da experiência juvenil.

CAPÍTULO 1 – JUVENTUDE: UM DESAFIO TEÓRICO

Buscar os jovens em sua concretude leva-nos a questionar todas as formulações sobre a juventude, no diálogo do conhecimento científico – evidências e conceitos. A conceituação da juventude é um caminho muito tortuoso, como toda conceituação, sobretudo quando nos preocupamos com processos estruturados, ações e representações dos sujeitos. Outra tortuosidade nessa conceituação está na diversidade epistemológica, metodológica e de enfoques em que essa categoria social foi e continua sendo tratada nas diversas ciências aplicadas.

Não nos propomos percorrer todo esse caminho teórico, o que se inviabiliza no tempo de um mestrado, tampouco buscamos apresentar de maneira profunda o resgate de todas essas tendências e perspectivas, mas buscamos contribuições, como expectativas, que nos ajudem no levantamento empírico, nas perguntas e hipóteses levantadas, assim como na elaboração teórica sobre modos de vida de sujeitos concretos, em um contexto determinado. Dessa forma, partimos de uma perspectiva, que mesmo com diversos enfoques e distanciamentos, traz em comum a concepção da juventude como uma categoria social (ABAD, 2002; ABRAMO, 2005; DAYRELL, 2001; GROPPPO, 2000; PÀMPOLS, 2004; PERALVA 1997; REGUILLO, 2007; SPOSITO, 2004; VARELA, 2008).

1.1 Juventude: uma construção do capitalismo?

A juventude obedece, sobretudo, a suas necessidades fisiológicas, entre as quais o prazer sexual desempenha um papel específico. É certo que também domina a luta por uma posição social. Contudo, a juventude é orgulhosa, porque ainda não foi humilhada pela vida, e está cheia de esperança, porque ainda não se decepcionou... prefere a companhia de seus iguais antes que qualquer outra atenção. Para a juventude o futuro é longo e o passado breve. Nada julga segundo sua utilidade, todos os seus erros se devem a exageros... Enquanto a juventude é generosa e audaz, os velhos são covardes e sempre temem pelo pior. Tudo consideram segundo sua utilidade. (ARISTÓTELES⁵).

Conforme demonstra Pàmpols (2004) há teses que defendem uma universalização da juventude em todas as formações sociais, da mesma forma que há outras afirmando que a juventude é uma construção típica do capitalismo. Entretanto, entre os que defendem a última, há o reconhecimento de uma juventude em outras formações sociais, mas não com a intensidade e generalização da forma que concebemos hoje:

⁵ ARISTÓTELES, A República, apud Pàmpols (2004, p. 280).

Pouco importa que a consciência da especificidade da infância e da juventude, como objetos de uma ação educativa, já estivessem presentes na antiguidade clássica. [...] a especificidade da juventude foi reconhecida em outros tempos e em outras sociedades, anteriores à era medieval. Mas ao opor esses dois momentos da história ocidental, do ponto de vista da particularidade de suas atitudes com respeito à infância e à juventude, revela também a particularidade do vínculo social através do qual a juventude aparece como configuração própria da experiência moderna. (PERALVA, 1997, p. 15-16).

Buscar compreender a juventude a partir de uma análise histórica, traz a negação das duas teses acima, a primeira por não querer engessar a análise histórica em modelos teóricos e/ou características universais e gerais, da mesma forma, afirmar que a noção de juventude é uma construção tipicamente capitalista é negar formações sociais anteriores. Como demonstra Pàmpols (2004), a partir de estudos antropológicos de outras formações sociais, não podemos generalizar uma visão construída a partir da Europa Medieval para todas as sociedades sobre juventude, da mesma forma que podemos encontrar elementos presentes nessa representação em outras formações sociais, ainda que o autor afirme a construção da ideia de cultura juvenil a partir do capitalismo.

É comum a noção dos ritos de passagem das formações antigas, em que as crianças passavam imediatamente para a fase adulta a partir de um rito – seja em formas de rituais, por casamentos ou inserção na vida do trabalho. Realmente, em várias formações sociais é possível identificar essa passagem direta da infância para a vida adulta, entretanto, mesmo com esses ritos é possível perceber vivências juvenis de distintas maneiras.

Em sociedades primitivas coletoras, caçadoras e horticultoras⁶ são possíveis identificar relações de igualdade entre as gerações, mesmo não existindo uma relação de juventude para além da puberdade, em que as crianças e adolescentes têm maior participação na vida cotidiana da sociedade, assim como nas decisões políticas. A hierarquização marcante das relações sociais de jovens e adultos se dá a partir da produção de excedentes em sociedades agricultoras. Mesmo nessas sociedades coletoras/caçadoras/horticultoras, marcadas pelo rito de passagem, é possível encontrar uma certa vivência de uma juventude desde grupos de idades que se formavam com papéis sociais específicos e como preparação para tarefas e papéis de adultos até a vivência da adolescência como “[...] um período livre de preocupações, sem responsabilidades e durante o qual se goza de ensaios amorosos e festivos”. (PÀMPOLS, 2004, p. 266).

⁶ A apresentação das formas de ser da juventude em outras formações sociais é toda baseada em Pàmpols (2004), que, apesar de nossa generalização, analisa, a partir de trabalhos antropológicos, várias sociedades concretas, localizadas territorialmente e temporalmente, apresentando a juventude nas relações de hierarquia, participação social, formação de grupos, lazer, ritos de passagem e vivência da juventude.

Apesar da hierarquia entre as idades ser marcada pelas sociedades agricultoras, é possível identificá-la também em grupos pastores e nômades da África Central e Oriental, comum também na relação da adolescência com a questão bélica, com ritos de passagem podendo durar até quatro anos. Estas questões intensificam-se com as sociedades estatais, em que:

[...] a emergência do poder estatal, com seus processos concomitantes de hierarquização social, divisão de trabalho e urbanização, possibilita a aparição de um grupo de idade ao qual não se reconhece a plenitude de direitos sociais de que desfrutara anteriormente, e ao qual se atribui um rol de tarefas educativas e militares. (PÀMPOLS, 2004, p. 278).

Na Grécia Clássica cria-se uma representação simbólica e cultural da juventude que a diferencia ou isola dos outros grupos sociais. Para Pàmpols (2004, p. 278): “a cultura grega clássica oferece alguns testemunhos, tanto relativos a instituições como a ideologias, nas quais se rastreiam as raízes do moderno conceito de juventude”. Aqui, a juventude é vivida pelos jovens aristocráticos, filhos dos cidadãos, passando por um processo educativo cívico-militar como uma preparação para a vida de cidadão livre.

Relacionado a essa moratória da vida adulta, há toda uma representação cultural como a criação de um mito da juventude, com toda uma representação simbólica, de valores e culturais sobre essa fase da vida. Relações como “sensualidade, orgulho, esperança, idealismo, generosidade, audácia, exagero”, marcam essas representações, refletindo também nas artes e nas ideias da época, o que leva a Pàmpols (2004, p. 280) a sugerir se “[...] acaso não estão esses traços ainda vigentes na caracterização da juventude moderna?”.

Outro traço marcante dessas sociedades é a hierarquia e poder dos adultos sobre os jovens, conformando a juventude como uma categoria subalterna. Na Roma Antiga, apesar de ainda não existir toda essa representação cultural e simbólica que existia na Grécia, a hierarquização das idades é tão marcante quanto. Com as transformações e início de declínio do Império Romano, há, também, o início a uma reação dos jovens sobre essa marginalização imposta. Sobreretudo, as formas de resistência davam-se por grupos juvenis (frequentados por homens e mulheres) que se encontravam nos Bacanais – festas em honra à Baco –, sofrendo, certamente, intensas repressões (PÀMPOLS, 2004, p. 282).

O México Pré-Hispânico, apesar de exemplos equivalentes, traz uma característica diferenciada em relação à Grécia e Roma, trata-se da educação dos jovens plebeus. Estes entravam na instituição de ensino por volta dos quinze anos, estudando e trabalhando para o Estado, o que tirava as relações de trabalho do âmbito familiar. Certamente, as escolas eram

diferentes para os jovens plebeus e os varões⁷. Estes vivem a juventude como uma preparação e ascensão social anterior ao matrimônio, enquanto aqueles, mesmo podendo ascender para as escolas dos varões, estavam fadados ao trabalho para o Estado, não vivenciando essa possibilidade de ascensão social. (PÀMPOLS, 2004, p. 283).

Sobre a Europa Medieval, Pàmpols (2004) apresenta as teses de Philippe Ariès⁸, assim como as críticas que recebeu. Nessa tese, é difícil identificar uma fase da vida que corresponda ao que conhecemos por juventude, devido à precoce inserção das crianças na vida adulta pelo trabalho em suas famílias e em outras. Essa relação dava-se em todos os estamentos sociais. Como crítica, Pàmpols (2004) apresenta alguns estudos apontando a existência de grupos de jovens em comunidades rurais e cidades, desempenhando papéis sociais de organização de festas e jogos, assim como as abadias de desgoverno:

[...] que eram organizações juvenis difundidas por toda a Europa, pelo menos até o século XVI, cujas funções eram de caráter social, de ações no interior da comunidade, sobretudo por seu protagonismo em certas festas (as de tipo contestador, como o carnaval), assim como de controle da moral sexual: dos adultérios (com as famosas cavalcadas de asno), dos casamentos desiguais em idade ou dinheiro [...]. E, da moralidade feminina, com as rondas e cantos jocosos. Tinham, também, funções perante o exterior, de defesa da identidade comunal (obrigando a pagar resgates aos estrangeiros que quisessem desposar meninas do povoado). [...] Estas práticas de desgoverno vão-se desestruturando a partir do século XVII e desaparecem praticamente no XVIII, sobretudo pela ação dos poderes religiosos, civis e políticos, que as consideravam subversivas. (PÀMPOLS, 2004, p. 288).

“Entretanto”, continua Pàmpols (2004, p. 288), “a existência destas organizações não desclassifica as teses de Ariès, já que se tratava basicamente de grupos de jovens varões não casados e, de fato, mais do que organizações juvenis, se poderia falar de grupos de solteiros”. As generalizações, imagens, estereótipos que conhecemos hoje como juventude formam-se a partir da industrialização. Porém, essa vivência limitou-se aos setores médios e altos até o século XX. Dessa forma, para Pàmpols (2004, p. 295), “[...] não é possível identificar o nascimento da juventude com uma data precisa nem confundi-lo com o surgimento das teorias sobre este período de vida.”.

Esse período, marcado por uma intensa mudança tanto econômica quanto cultural – com uma imposição de uma nova forma de economia política sobre uma economia moral, com

⁷ Pàmpols (2004) utiliza o termo varão em várias formações sociais denominando os jovens das camadas mais altas da sociedade e das classes dominantes.

⁸ ARIÈS, Philippe. *L'enfant et l'avie familiale sous l'ancien régime*, Paris, Seuil, 1973. Edição brasileira: *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981. Peralva (1997, p. 15) afirma que o trabalho de Ariès foi o marco mais importante na tomada de consciência das idades da vida como fenômenos sociais e históricos.

a ação de um Estado, o processo fabril e a generalização do trabalho assalariado – ocorrem mudanças na consciência social (e a religião, sobretudo o protestantismo, teve papel fundamental), atingindo as instituições e a vida cotidiana das pessoas, como a relação familiar e da diferenciação do tempo de trabalho com o tempo da vida (THOMPSON, 1998).

A partir de uma tutela maior do Estado, que se inicia com a regulação do trabalho infantil e com a criação da escola como uma instituição obrigatória e universal, ocorre a emersão na consciência social de uma cristalização social das idades, surgindo pela separação do mundo adulto dos jovens (em formação), assim como a mistura e reunião de diversas idades sob a tutela da escola. Dessa forma, afirma Peralva:

Os processos através dos quais ocorre a cristalização social das idades da vida são múltiplos e convergentes. Supõem, primeiro, transformações essenciais no âmbito da família e em primeiro lugar da família burguesa, com uma mais nítida separação entre o espaço familiar e o mundo exterior, e uma redefinição do lugar da criança no interior da família. A criança se torna objeto de atenção particular e alvo de um projeto educativo individualizado, que de certo modo qualifica o lugar que ela virá posteriormente a ocupar na sociedade adulta. Escolarização e sentimento familiar se desenvolvem com dimensões complementares e contraditórias da experiência individual: por um lado, enviar a criança ao colégio traduz a atenção particular de que ela passa a ser objeto no seio da família; por outro, essa separação necessária é contraditória com o sentimento de família nascente e com a nova importância assumida pelos vínculos afetivos na estruturação das relações familiares. Em segundo lugar, a cristalização social das idades supõe uma progressiva exclusão da criança do mundo do trabalho. (PERALVA, 1997, p. 16-17).

A sociedade burguesa nascente tem como um de seus fundamentos a igualdade jurídica entre os cidadãos⁹, o que, aliado às intervenções do Estado na vida das pessoas, cria-se uma rígida cronologização do curso da vida, uma objetivação das idades em critérios quantitativos, delimitando limites naturalistas para a determinações desses estágios. Essa cronologização do curso da vida favorece a redução das diferenças a um denominador comum e universal, constituindo o sujeito abstrato e jurídico da modernidade. Todo esse processo cria uma institucionalização da vida pelas relações de tutela do Estado, de trabalho e educativas. No início do século XX, cria-se a noção dos jovens como sujeitos de direitos, fundamentada pela igualdade jurídica da sociedade burguesa, mesmo com toda a desigualdade social que ela engendra (GROPPO, 2000).

É a partir do século XX que passa a generalizar a noção da juventude, primeiro na Inglaterra e Estados Unidos, depois nos restantes dos países ocidentais, retardando a

⁹ Agora não mais proprietários, mas cidadãos livres e, no caso dos trabalhadores, livre dos meios de produção e para vender sua força de trabalho (MARX, 2013).

incorporação ao mundo do trabalho, ficando cada vez mais tempo em instituições educativas (e repressivas, como internatos e prisões para menores) sendo “[...] parte do reconhecimento social de um status singular para aqueles que já não eram crianças, mas que ainda não eram plenamente adultos.” (PÀMPOLS, 2004, p. 297).

É nesse período que iniciam os estudos sobre a juventude a partir da obra de Stanley Hall¹⁰ inspirada no evolucionismo de Darwin. Após a emergência do *Welfare State*, com a intensificação e difusão de meios de comunicação, consumo e escolarização de massa, nasce um novo mercado para jovens, assim como a noção de uma juventude como um modelo de vida. Dessa forma, surgem caracterizações sobre as gerações juvenis como rebeldia, delinquência e uma nova categoria de análise, culturas juvenis (PÀMPOLS, 2004), expressando a variedade de formas que a sociologia e as demais ciências vêm compreendendo a juventude.

1.2 As diferentes concepções sobre a juventude – sistematizando um debate

Vários autores caracterizaram de distintas maneiras e denominações os caminhos percorridos na tentativa de explicação da juventude. Castro (2005) sugere uma boa síntese desse percurso em compreender a categoria juventude, em que:

[...] três movimentos ou momentos (que eventualmente são sincrônicos) se desenham: a definição da categoria a partir de elementos físicos/psicológicos, como faixa etária, mudanças físico-biológicas e/ou comportamentais; a definição substancializada/adjetivada da categoria; e a crítica a esses recortes e buscas de outros vieses. (CASTRO, 2005, p. 19-20).

Entretanto, outros autores valeram-se de outras denominações e classificações dos estudos sobre juventude, como os estudos funcionalistas, interacionistas, estruturais e geracionais (PERALVA, 2007) ou funcionalista, moratória e dialética (GROPPO, 2010). Reguillo (2000), por sua vez, sugere as perspectivas de moratória, geracional e dialética como “estudos culturais”. Mas, no geral, podemos compreender que

[...] os fundamentos da sociologia da juventude estão originalmente ligados a uma representação da ordem social e do lugar dos grupos etários e de suas responsabilidades respectivas na preservação dessa ordem, na sua observância, na ruptura em relação a ela, ou na sua transformação. (PERALVA, 1997, p. 20).

De maneira geral, a perspectiva funcionalista, muito presa a uma concepção naturalizada

¹⁰ HALL, S. G. *Adolescence: Its Psychology and its relations to Psychology, Sociology, Sex, Crime, Religion and Educacion*, New York, Appleton Century Crofts.

das idades, concebe a juventude como uma transição da vida infantil para a adulta, um momento de socialização e inserção/incorporação na sociedade. Dessa forma, emergem estudos com recortes sobre funções e disfunções sociais – sociologia do desvio –, como a delinquência juvenil e a rebeldia. Essa dimensão funcionalista, ao compreender a juventude como uma transição, trabalha com a perspectiva do vir-a-ser destes sujeitos, seu processo de formação para a integração social, ignorando, muitas vezes, suas próprias experiências (PERALVA, 1997). Nessa perspectiva, surgem o que Castro (2005) chama de definições substancializadas e adjetivadas dos jovens, como vulnerável, delinquente, empreendedor, transformador, entre outros.

A concepção a partir da noção de geração, que para Groppo (2010) encontra-se na perspectiva da moratória, propõe uma leitura mais ampla da juventude. Essa concepção, apesar de inspirada nos ciclos biológicos da vida, compreende a juventude como uma noção social e histórica, entendendo as idades como posições e hierarquias, porém com uma perspectiva mais ampla, que engloba as noções de transitoriedade, projetos, crises e rupturas. A concepção de geração analisa as idades – de maneira social e cultural – e os conflitos engendrados por elas, em que as novas gerações sempre vão questionar as heranças sociais e culturais que receberam das gerações mais antigas, podendo essa contestação ser conservadora ou transformadora. Essa noção compreende a juventude a partir de sua perspectiva, em processos de contradições e relações com outras idades e com a estrutura social, porém, ainda com uma referência ao ciclo biológico tende a homogeneizar a condição juvenil (GROPPO, 2000, 2010). Alguns autores chegam a caracterizar toda a juventude de uma época pela relação do enfoque no protagonismo e ativismo juvenil, como rebeldes sem causa, geração X e, para Pàmpols (2004, p. 320), geração @, referindo-se aos jovens do século XXI.

Esta noção recebeu críticas do que Groppo (2010) chama de perspectiva pós-moderna da juventude, concebendo a juventude emergindo a partir de si mesmo, dando um enfoque na diversidade, trabalhando com noções de identidades e culturas juvenis, em que a juventude passa a ser não mais um momento, mas um estilo de vida. Essa noção emerge a partir de uma compreensão da realidade social como pós-industrial, ou pós-moderna, que nega processos históricos, concebendo como descontinuidades e rupturas nos tempos vividos devido toda à lógica de globalização, difusão da comunicação e da sociedade do conhecimento¹¹.

Seja a concepção de geração, de moratória ou cultural, todas vão trabalhar em torno da noção de uma condição juvenil e uma situação vivida (ABAD, 2002; ABRAMO, 2005;

¹¹ Não é nosso objetivo fazer uma crítica ao pensamento social pós-moderno, para tal, cf: Carcanholo e Baruco (2009) e Frigotto (2005).

DAYRELL, 2001, 2003b; GROPPPO, 2000, 2004, 2010; PERALVA, 1997; REGUILLO, 2000; SPOSITO, 2004). Sendo a

[...] *condição* (o modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, que alcança uma abrangência social maior, referida a uma dimensão histórico-geracional) e *situação*, que revela o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia. (ABRAMO, 2005, p. 42, grifos da autora).

Nessa perspectiva, busca-se a compreensão da juventude como uma categoria social, compreendendo-a de maneira abrangente e histórica. Em que essa representação social emerge de diferentes maneiras em diferentes contextos, da mesma forma que os jovens vivenciam essa fase da vida também de distintas formas, compreendendo a juventude não como uma etapa de transição, mas como um estado, assim:

[...] os jovens não representam uma categoria unívoca. A juventude é uma categoria construída culturalmente, não se trata de uma essência e, neste sentido, a mutabilidade dos critérios que fixam os limites e os comportamentos do juvenil, está necessariamente vinculada aos contextos sociohistóricos, produto das relações de força numa determinada sociedade. (REGUILLO, 2000, p. 50-51, tradução nossa¹²).

Gropppo (2010, p. 19) propõe, na mesma perspectiva, uma “dialética da condição juvenil”, congregando o duplo movimento de interação social e autonomia juvenil, partindo da compreensão da condição juvenil na relação sociedade versus indivíduo e grupos juvenis, engendradora por contradições envolvendo integração e inadaptção, socialização e formas diferentes de ser, homogêneo e heterogêneo, culturas e subculturas.

Vemos essa perspectiva da condição juvenil e situação vivida, ou na relação dialética da condição juvenil, um bom terreno para compreender a juventude, em que, a partir da perspectiva materialista da relação entre ser social e consciência social, a experiência torna-se central. Portanto, parece-nos coerente o termo experiência juvenil, pelo diálogo com “metade no ser social e metade na consciência social” (THOMPSON, 1984, p. 314), como um termo mediador, não correndo o risco da dissociação entre condição juvenil e situação vivida, pois da mesma forma que a juventude é pensada, ela é vivenciada, experimentada a partir de sentimentos, valores e escolhas, sob limites e pressões, sempre vivenciadas a partir de situações de classe. Com a perspectiva da experiência, buscamos compreender a juventude a partir dos jovens,

¹² “[...] Los jóvenes no representan una categoría unívoca. La juventud es una categoría construida culturalmente, no se trata de una esencia y, en tal sentido, la mutabilidad de los criterios que fijan los límites y los comportamientos de lo juvenil, está necesariamente vinculada a los contextos sociohistóricos, producto de las relaciones de fuerza en una determinada sociedad.”

buscando seus modos de ser e conceber, rompendo com a dicotomia entre sujeitos e estruturas.

Assumir uma posição de compreensão da juventude como uma categoria cultural traz outros desafios, que, ainda sob a mesma perspectiva, foram propostas distintas soluções. Quais seriam as relações fundamentais que caracterizam essa consciência social ou representação simbólica da juventude? Ou, quais recortes metodológicos são necessários para compreender os jovens em seus contextos e processos, relacionando sujeitos e estruturas? Ou ainda, podemos falar em experiências comuns sobre a condição juvenil ou “a juventude é mais que uma palavra”?

1.3 Juventude(s)? A universalidade e a diversidade

O debate a respeito da concepção de juventude no singular ou no plural também é diverso na sociologia da juventude. Bourdieu (1983) é incisivo ao afirmar que “a juventude não é mais que uma palavra”, podendo ser considerado um marco nesse debate que suscitou várias críticas. Defendendo a classificação das idades como uma disputa social, em que cada sociedade vai atribuir dimensões, valores e impor limites em que cada faixa etária deve-se manter, o autor analisa as relações geracionais e os conflitos e contradições engendradas sempre na perspectiva de classe, de disputa pelo poder, de relações de trabalho e educação. Dessa forma compreende duas juventudes, ou duas manifestações da juventude, a partir da perspectiva de classe.

Dayrell (2001, p. 6) sugere que a dicotomia entre geração e classe social não ajuda muito para compreender os jovens em sua concretude, em suas práticas diárias, devendo, dessa forma, considerar “[...] o contexto de classe por meio da origem social, mas tendo o cuidado de não cair em determinismos e levando em conta também os diferentes sistemas de interações sociais e simbólicas que interferem na trajetória social dos jovens.”.

A formulação de Bourdieu suscitou críticas na perspectiva pós-moderna, bebendo, como ponto positivo, da perspectiva geracional na relação de experimentação de valores com a realidade, apontando a imensa diversidade existente, no caso, das juventudes. Entretanto, essa leitura também traz – na perspectiva da compreensão da realidade social pós-moderna globalizada e marcada pelas discontinuidades temporais – a dimensão da juventude como um estilo de vida, que se cria por si própria, e que todos podem ser jovens, dependendo do seu espírito (e consumo) de jovem (GROPPO, 2010).

Por outro lado, a noção de juventudes (no plural) é contestada e, ao mesmo tempo, utilizada. Contestada no sentido assumido pela noção pós-moderna e utilizada para não cair na polarização e determinismos apontados por Dayrell (2001). Podemos ver a contestação a partir

de Sposito:

Tem sido recorrente a importância de se tomar a ideia de juventude em seu plural – juventudes –, em virtude da diversidade de situações existenciais que afetam os sujeitos. Mas, no limite, assumir somente a diversidade pode levar a outras imprecisões, pois, ao pensar apenas sob o ângulo da heterogeneidade de modos de vida, não poderíamos mais tratar da juventude como categoria social, de modo que ela estaria totalmente diluída pelas outras formas de vida dos sujeitos na sociedade e os jovens não constituiriam mais foco de atenção: seriam privilegiados seu pertencimento de classe, suas origens étnicas, sua condição de homem ou mulher, etc. (SPOSITO, 2004, p. 73-74).

Na mesma perspectiva de Sposito, Dayrell (2001, 2003b), Groppo (2000, 2004) e Abramo (2005) vão trabalhar com a noção de juventudes. Mesmo ancoradas na ideia de condição juvenil (representação simbólica) – que permite analisar a juventude como uma categoria social – a utilizam no plural para enfatizar os diversos modos de vivenciar essa condição e as diferentes experiências encontradas. Entretanto, entre esses, ainda é possível encontrar algumas diferenças, sobretudo aos enfoques utilizados, como exemplo:

Certamente, a diferença entre “condição juvenil” e “situações juvenis” permanece, mas as questões colocadas agora são outras. Se há tempos atrás todos começavam seus textos a respeito do tema da juventude citando Bourdieu, alertando para o fato de que “juventude” podia esconder uma situação de classe, hoje o alerta inicial é o de que precisamos falar de juventudes, no plural, e não de juventude, no singular, para não esquecer as diferenças e desigualdades que atravessam esta condição. Esta mudança de alerta revela uma transformação importante na própria noção social: a *juventude*, mesmo que não explicitamente, e reconhecida como condição válida, que faz sentido para todos os grupos sociais, embora apoiada sobre situações e significações diferentes. Agora a pergunta é menos sobre a possibilidade ou impossibilidade de viver a juventude, e mais sobre os diferentes modos como tal condição é ou pode ser vivida. (ABRAMO, 2005, p. 43-44, grifo da autora).

E em uma perspectiva semelhante:

Dessa discussão queremos reter que estamos entendendo a juventude como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem suas especificidades que marcam a vida de cada um. Constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem, assumindo uma importância em si mesmo. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona. Assim, os jovens pesquisados constroem determinados modos de ser jovem que apresentam especificidades, o que não significa, porém, que haja um único modo nas camadas populares. É nesse sentido que enfatizamos a noção de juventudes, no plural, para enfatizar a diversidade de modos de ser jovem existentes. (DAYRELL, 2001, p. 18).

Parece-nos, na perspectiva histórica e dialética, que compreender a condição juvenil

como uma representação simbólica, ou uma consciência social confere uma unidade às chamadas juventudes, sendo assim, parece coerente mantermos a noção de juventude (no singular). Compreender um elemento unificador não significa negar a diversidade, mas buscar os processos e fenômenos em sua totalidade – como diferenças no seio de uma totalidade (MARX, 2011). Nesse sentido, essa consciência social exerce pressões sobre o ser em toda sua diversidade, a pressão em como a juventude é pensada nas distintas formas e como é vivida na totalidade do processo estruturado, em que a consciência e o ser são determinados social e historicamente, sob limites e sobre pressões.

Lima (2004), por sua vez, sugere que esse debate é uma falsa questão. A partir das diferenças visíveis entre os jovens e as formas de viver a juventude, a autora propõe como recorte de análise as relações de classe – jovens de classes médias e altas e de camadas populares – e gênero. Sendo que nas camadas populares, a questão de gênero é ainda mais significativa. Ainda sugere, partindo desses recortes, a análise da relação desses com etnia, religião, escola, política, lazer, violência, manifestações artísticas e a relação com o futuro. Sendo esta última, a noção de um futuro duvidoso, a característica mais compartilhada pelos jovens de hoje.

Já Abramo (2005, p. 45), sugere como elementos constitutivos da condição juvenil: “[...] relação de dependência/independência da família de origem, situação matrimonial, condição de maternidade/paternidade, atividades nas quais suas vidas estão centradas (escola, trabalho, lazer). Enquanto que Reguillo (2000, p. 62) sugere quatro relações centrais: os grupos e suas constituições, a relação com o outro e na identidade juvenil, a cultura política e a noção de futuro.

Da mesma forma, Groppo (2000, 2004, 2010) e Dayrell (1999, 2001, 2003a, 2003b 2005) propõem os grupos juvenis como centrais para a compreensão da juventude, assim como para a compreensão da realidade social de maneira mais ampla. Entretanto, mesmo reconhecendo essa centralidade dos grupos juvenis, vários ainda são os problemas suscitados. Até mesmo nas denominações essa questão é diversa, utilizando os termos como grupos informais ou espontâneos, bandas, tribos, gangues, grupos de pares, grupos de idades entre outros. Dessa forma, sucinta outro debate, a de culturas juvenis, subculturas e identidades juvenis, que, para Groppo (2000), seriam a característica típica da juventude moderna.

1.4 A centralidade da sociabilidade juvenil

Estamos chamando aqui de sociabilidade juvenil um processo mais amplo que envolve a relação com grupos de jovens e as tais chamadas culturas juvenis. E, novamente, autores

denominaram de diferentes formas esses espaços sob diferentes recortes epistemológicos e metodológicos. Reguillo (2007) apresenta duas formas que a sociologia até agora tem abordado essa questão dos grupos juvenis, uma partindo do grupo para a totalidade social e outra da totalidade social para o grupo. A primeira necessariamente precisa de um estudo empírico, convertendo-se em um referencial chave para compreender como sujeitos e sociedade se articulam, para a autora:

Por razões do próprio enfoque, para conceituar (poucas vezes de maneira explícita) a inclusão juvenil, recorreu-se a categorias como “identidades juvenis”, “grupo de pares”, “subculturas juvenis”, e a muitas das vezes, sobretudo durante a primeira metade da década de 1980, utilizou-se “banda¹³” como “categoria” para nomear o modo particular de estar juntos dos jovens populares urbanos. Este olhar intergrupar, apesar de contribuir com elementos de compreensão muito importantes, tem sido insuficiente para captar as vinculações entre o local e o global e as interações culturais. (REGUILLO, 2007, p. 61, tradução nossa¹⁴).

Já, a segunda perspectiva, da totalidade social ao grupo, busca uma abordagem das práticas sociais relacionadas com a configuração dos grupos juvenis. Valem-se da indústria cultural, dos estilos musicais e práticas culturais mais amplas para compreender as relações e significados sociais dos e para os jovens, falando de “jovens de classe média”, de “jovens de setores populares”. Esta vertente amplia os imperativos territoriais e identidades essenciais, sem necessariamente um grupo empírico,

[...] construindo categorias como as de ‘culturas (no plural) juvenis’, ‘atribuição de identidade’, ‘imaginários juvenis’ [...] É um olhar que trata de não perder o sujeito juvenil, mas que busca entendê-lo em seus múltiplos papeis e interações sociais. (REGUILLO, 2007, p. 61, tradução nossa¹⁵).

Por sua vez, Groppo (2000), a partir de Eisenstadt¹⁶, vai trabalhar com a noção de grupos etários heterogêneos e homogêneos a partir de sociedades com orientações particularistas ou universalistas, respectivamente. Para esses autores, as sociedades até hoje dividem-se – por seus critérios fundamentais de socialização e valoração nas tomadas de decisões – em particularistas

¹³ No Brasil costuma-se utilizar o termo “tribo”.

¹⁴ “Por razones del propio enfoque, para conceptualizar (pocas veces de manera explícita) la agregación juvenil se ha recurrido a categorías como “identidades juveniles”, “grupos de pares”, “subculturas juveniles”; y la más de las veces, sobre todo durante la primera mitad de la década de 1980, se utilizó “banda” como “categoría” para nombrar el modo particular de estar juntos de los jóvenes populares urbanos. Esta mirada intragrupal, si bien ha aportado muy importantes elemento de comprensión, ha sido insuficiente para captar las vinculaciones entre lo local y lo global y las interacciones culturales.”

¹⁵ “[...] construido categorías como la de ‘culturas (en plural) juveniles’, ‘adscripción identitaria’, ‘imaginarios juveniles’ [...] Es una mirada que trata de no perder al sujeto juvenil pero se busca entenderlo en sus múltiples ‘papeles’ e interacciones sociales.”

¹⁶ EISENSTADT, S. N. *De geração a geração*. Coleção Estudos/41. São Paulo: Perspectivas, 1976.

e universalistas. As primeiras tendem à uma socialização e tomadas de decisões em torno de laços de parentescos, enquanto que as sociedades universalistas tendem à uma socialização a partir da esfera pública. Para Eisenstadt apud Groppo (2000), as sociedades particularistas tendem a criar grupos etários heterogêneos em torno das relações de parentesco, enquanto que as sociedades universalistas tendem a criar grupos homogêneos. Portanto, a sociedade moderna, como expressão máxima de sociedade universalista, teria essa característica de criação de grupos homogêneos de idade, explicando a centralidade dos grupos juvenis, sobretudo os informais, sendo a grande diferenciação das juventudes modernas em relação à outras formações sociais:

Na verdade, a especificidade da juventude na modernidade é a sua adesão prioritária a grupos juvenis informais ou independentes, qualidade que diferencia a maioria dos grupos juvenis modernos dos grupos etários homogêneos das sociedades primitivas, por exemplo. Assim como nos grupos etários primitivos, nos grupos juvenis informais modernos a “panelinha de adolescentes” avalia cada indivíduo por critérios próprios ao grupo – critérios universalistas, diferenciados dos valores familiares. Porém, ao mesmo tempo julga o indivíduo de modo difuso, de acordo com sua personalidade total (como era dentro da família). Mas as semelhanças param por aí, porque o *status* atribuído ao indivíduo no grupo juvenil moderno não lhe garante *status* algum na vida adulta da sociedade (ao contrário dos grupos etários primitivos), pois os grupos juvenis modernos conseguem apenas outorgar papéis sociais com características meramente preparatórias. (GROPPO, 2000, p. 46-47).

Groppo (2000) aponta os grupos juvenis como uma dupla relação ao mundo adulto, uma forma de diferenciar das práticas adultas, ao mesmo tempo que busca seu reconhecimento enquanto diferente, constituindo em uma forma de comunicação mais ampla. Mesmo afirmando não haver nenhuma unidade entre os grupos etários homogêneos da sociedade moderna, devido a sua complexidade e universalismo, ainda propõe três tipos possíveis de grupos juvenis contemporâneos, são eles:

[...] sistema escolar educacional, agências juvenis mantidas por adultos, e grupos juvenis espontâneos. Esses tipos de grupos juvenis podem ocorrer simultaneamente, não ocorrer todos ou possuírem alguma espécie de relação sistemática; mas nunca existirá entre eles total harmonia e complementariedade. (GROPPO, 2000, p. 43).

Ainda que Groppo (2000) afirme as diversas possibilidades que a condição juvenil é vivida a partir de contextos e determinações, compreender as sociedades como modelos particularistas ou universalistas parece-nos engessar a análise histórica, enrijecendo as categorias em um modelo estático, ademais:

Um perigo ainda maior é que um modelo, por mais flexível que seja o seu

emprego, predispõe para que se olhe apenas para *certos* fenômenos e para examinar a história pelas *conformidades*, ao passo que é possível que a evidência descartada esconda novos significados. (THOMPSON, 2012c, p. 156, grifos do autor).

Portanto, buscamos a experiência juvenil nas estruturas da particularidade histórica, na totalidade das relações sociais, econômicas e culturais, no processo e no contexto, não partindo de modelos a-históricos ou categorias estáticas de análise.

Por outro lado, Dayrell (2001, 2005) pesquisando grupos de produção cultural, sobretudo o *rap* e o *funk*, aponta-os como espaços privilegiados de constituição de sujeitos sociais, da expressão da realidade juvenil, da mesma forma que mostra seus anseios e contradições. Esses espaços, para o autor, suprem demandas de comunicação, democracia, de autonomia, reconhecimento e identidade, que vão conformar modos de ser jovem, sempre mediados por estilos, constituindo-se no emaranhado das relações de lazer, consumo cultural e manifestação artística, dessa forma:

O estilo constitui, assim, uma combinação hierarquizada de elementos culturais, na forma de textos, artefatos e rituais, que no nosso caso tem na música o elemento central. [...] O estilo também se manifesta muitas vezes na criação de uma linguagem própria ou na apropriação de expressões e gírias utilizadas em outros meios; na utilização de elementos estéticos visíveis (roupas ou cortes de cabelos), como também na participação em atividades ou eventos próprios de cada um deles. Dessa forma, asseguram a demarcação de diferenças com o mundo dos adultos e com outros grupos juvenis. Longe de ser uma combinação arbitrária, as expressões culturais levadas a cabo pelos jovens nos mais diversos estilos assumem um papel na recriação das identidades individuais e coletivas. (DAYRELL, 2001, p. 26).

Para Dayrell, esses grupos ainda têm uma dimensão simbólica na forma de comunicação e posicionamento, sendo a produção cultural e o estilo um processo mediador na construção de valores, identidades e das culturas juvenis. Esses grupos são, para Dayrell (2005), espaços de experimentação da vida social para além das instâncias clássicas de socialização, como a escola e a família, assim como ampliação das relações do bairro e no direito à cidade, ademais:

Esses aspectos indicam que os grupos de estilo são espaços exemplares para a compreensão da juventude contemporânea, seus desafios e impasses. Aprofundar a compreensão dos diversos grupos existentes, apreender sua lógica interna, as relações que estabelecem com as outras dimensões da realidade juvenil, pode nos levar a desvendar os espaços sociais onde esses jovens vêm se construindo, sendo produzidos e se produzindo como seres sociais, a relação que mantêm com as instituições clássicas de socialização, tais como a família, o trabalho, a escola. (DAYRELL, 1999, p. 32).

Essa centralidade em grupos juvenis, leva à outra dimensão analítica em torno do lazer e do tempo livre, constituindo como um elemento da singularidade da experiência juvenil

contemporânea, sendo muitos dos grupos de pares, assim como a sociabilidade desenvolvida em torno desse âmbito. Esse processo tende a gerar uma cultura juvenil, com modos de vidas específicos, com produção de significados e valores compartilhados, linguagens próprias, rituais, com certa autonomia das instituições, que confere sentidos à experiência desses sujeitos (DAYRELL, 2001, 2003a; REGUILLO, 2007; SPOSITO, 2004).

Apesar das ressalvas quanto às culturas e identidades juvenis, que ainda merecem uma revisão e um aprofundamento teórico e empírico, a noção de estilo e seus elementos como modos de ser jovem nos parecem ser coerentes para compreender a juventude – em relação ao modelo pré-determinado de sociedades modernas e grupos juvenis de Groppo e Eisenstadt –, visto que são dimensões constitutivas do ser social, que emanam da linguagem, da literatura, das formas de ser, de se expressar e de conceber o mundo (WILLIAMS, 1979). Dessa forma, essa leitura possibilita, a nosso ver, uma aproximação maior na compreensão dos jovens e seus modos de vida.

Ademais, a noção de cultura juvenil ainda pode ser confrontada com as formulações sobre cultura a partir do materialismo histórico, sobretudo a partir das perspectivas de Thompson (1981, 1998) e Williams (1979, 2011). Quanto ao primeiro, somos convidados a pensar se essas práticas culturais estariam entrelaçadas a uma cultura experimentada e pensada a partir de situações e formações de classe, enquanto no segundo poderíamos questionar a noção de cultura juvenil como uma formação emergente apropriada, alternativa ou antagônica à dominante, sendo que ambos propõem a compreensão da cultura em diálogo com a noção gramsciana de hegemonia. É uma questão aberta, visto as dimensões que Dayrell (2001, 2003a, 2005) apontam, são vistas por Williams (1979) como constitutivas do ser social e de formações culturais, como formas de consciência prática, entretanto esse debate foge aos princípios desse trabalho, merecendo um aprofundamento teórico e empírico particularizado.

Claramente inspirado na concepção de Raymond Williams, Varela (2008) questiona a noção de cultura juvenil. O autor interroga esse conceito trazendo a ideia que os grupos de pares são partes de formações culturais, sendo esses momentos de experimentação e tomadas de decisões de práticas culturais e inserção em formações culturais mais amplas. Questiona também o fato da juventude estar inserida em relações culturais anteriores, ou seja:

Os jovens não constroem uma “cultura juvenil”, mas são capazes de tomar suas decisões e escolhas das práticas sociais, que os distinguiram como uma “cultura juvenil”, isto obviamente vai mudando de geração em geração, mais ainda com a influência da modernidade, vista anteriormente. Dão-se novas características, de acordo com os tempos, é assim que os jovens constroem suas práticas sociais, seja com *The Beatles* do passado, *Metallica* de ontem ou

My Chemical Romance de hoje; grupos globalizados, que têm causado, como exemplo, uma influência na seleção da cultura dos jovens.

Portanto, a mal chamada cultura juvenil, não é mais que o processo de tomada de decisões e do ingresso a uma cultura determinada, que se dá na juventude. Onde os jovens que sejam capazes de determinar quais são as práticas sociais de acordo com sua realidade, os estilos que os identifiquem e assumam os diferentes componentes de uma forma cultural, encaminham-se a deixar de ser jovens e serem indivíduos com cultura própria. (VARELA, 2008, p. 89-90, grifos nosso, tradução nossa¹⁷).

Ainda temos, a partir da antropologia, Magnani (1992, 2005), questionando sobretudo a noção de tribos urbanas – que, muitas vezes, aparece como sinônimo de culturas juvenis. O autor propõe outra forma para pesquisar a juventude, para ele, tribos urbanas é uma metáfora, que muitas vezes é (mal) usada no sentido contrário ao termo de origem na antropologia, explicando que seu uso deve ser feito com cuidado, como toda metáfora, explicitado dentro de um contexto, com as aproximações e distanciamentos das origens do termo e das noções mais comumente difundidas (MAGNANI, 1992). Sua análise parte de outra perspectiva para além das formulações da sociologia da juventude, em que: o “[...] ‘ser jovem’ foi tomado menos como uma categoria explicativa do que como um ponto de partida, empírico, para os recortes.” (MAGNANI, 2005, p. 174). Assim:

Para justificar tal decisão, ponderou-se que tomar um amplo conjunto de recortes com as mais diferentes preocupações – lazer, sociabilidade, posturas afirmativas, religiosidade, ação política, transgressão, gostos musicais etc. –, ligados a segmentos que se apresentavam, de forma genérica, como jovens aos pesquisadores, e reduzir toda essa multiplicidade visível na paisagem urbana a um comportamento padrão ditado por determinado recorte de faixa etária, seria perder importantes dimensões explicativas que a etnografia poderia revelar. Dessa forma, ao deixar de lado o denominador comum, a opção foi buscar outro ponto de articulação entre temas e recortes desconexos. (MAGNANI, 2005, p. 174).

Dessa forma, em contraposição à noção de culturas juvenis, ou tribos urbanas, propõe a metodologia de circuitos de jovens, buscando as relações da sociabilidade juvenil a partir da inserção na cidade, mapeando os espaços que os jovens circulam e interagem, que abrange diferentes territórios dentro do palco da cidade, mas que se articulam e muitas vezes são pontos

¹⁷ “Los jóvenes no construyen una ‘cultura juvenil’, sino que son capaces de tomar sus decisiones y elecciones de las prácticas sociales, que los distinguirán como una ‘cultura juvenil’, esto obviamente va cambiando de generación en generación, más aún con la influencia de la modernidad, vista anteriormente. Se van dando nuevas características, acordes a los tiempos, es así que los jóvenes construyen sus prácticas sociales, ya sea con The Beatles del pasado, Metallica de ayer o My Chemical Romance de hoy: grupos globalizados, que han causado, a manera de ejemplo, una influencia en la selección de la cultura de los jóvenes.

Por lo tanto la mal llamada cultura juvenil, no es más que el proceso de toma de decisiones y advenimiento a una cultura determinada, que se da dentro de la juventud. El que sean capaces los jóvenes de determinar cuáles son las prácticas sociales acorde a su realidad, los estilos que los identifiquen y asuman los diferentes componentes de una forma cultural, los encamina a deja de ser jóvenes y ser individuos con cultura propia.”

de encontros e, também, de conflitos entre grupos.

Para tal, trabalha com as noções de pedaços – locais de encontros mais particulares, intermediário entre o privado e o público, como praças em bairros, ou a “quebrada” –, manchas – espaços mais amplos com maior visibilidade, geralmente juntando grupos de vários pedaços a partir de estilos comuns, ou próximos de alguma forma, em torno de estabelecimentos e equipamentos urbanos –, trajeto – como fluxos de movimentação recorrentes, entre pedaços e manchas – e circuitos – sendo práticas e experiências com dimensões espaciais ampliadas, a partir de espaços, equipamentos urbanos e serviços, que possibilitam pontos de encontro e sociabilidade mais amplos, podendo, até mesmo, extrapolar a cidade e a dimensão territorial (MAGNANI, 2005). Dessa forma:

A escolha de *circuito*, dentre as outras categorias da família, deve-se à particularidade de ser a mais abrangente delas, pois, ao mesmo tempo que possibilita identificar e construir totalidades analíticas mais consistentes e coerentes com os objetos de análise, permite também extrapolar o espaço físico, mesmo na metrópole, proporcionando recortes não restritos a seu território. (MAGNANI, 2005, p. 177-178, grifo do autor).

A partir de etnografias nos circuitos, Magnani (2005) consegue demonstrar a apropriação da cidade pelos circuitos, padrões de comportamento na sociabilidade juvenil em vários grupos a partir de redes de espaços de sociabilidade, assim como relações entre grupos que tomados pela noção de culturas juvenis ou tribos urbanas seriam impensáveis.

Toda essa dimensão teórica construída pela sociologia da juventude e apresentada aqui serviu-nos como um guia na construção das hipóteses, do levantamento das evidências e, até mesmo, no próprio questionamento das teorias a partir do trabalho empírico. Dessa forma, não pretendemos construir uma teoria social da juventude ou fazer críticas às anteriores, mas compreender como os jovens da ocupação do Glória experimentam e vivenciam a juventude e seus modos de vida.

Para tal, a partir das referências de Thompson (1981, 2012c) em diálogo com a sociologia da juventude, optamos por trabalhar com a noção de experiência juvenil, pois possibilitou-nos captar como são vividas e pensadas as pressões e os limites impostos, da mesma forma que possibilita compreender a representação que os jovens fazem dos processos. Ademais, a própria representação social sobre a juventude, ou a condição juvenil, não está dissociada tanto das relações culturais e consciência social dominantes quanto das experiências vividas, ou seja, a própria compreensão social do que é juventude é determinada social e historicamente, no contexto e no processo.

Os estudos de Dayrell (2001) contribuem na proximidade de perfil dos sujeitos por ele

pesquisados e por nós – jovens de periferia. Dessa forma valemo-nos de algumas hipóteses levantadas por Dayrell (2001, 2003b) do jovem como um sujeito social que vive no presente, nas relações familiares, educativas e de trabalho, no papel da música como espaços de sociabilidade e dos estilos e modos de ser jovem. Entretanto, apesar das formulações do estilo apontarem para dimensões constitutivas do ser social, não foi uma característica marcante nos jovens por nós pesquisados. Ao trabalharmos com jovens comuns, e não produtores musicais como no caso de Dayrell, o estilo como determinante em um modo de ser jovem pouco apareceu ou se expressou, fazendo-nos buscar outras ferramentas analíticas.

Por sua vez, as formulações de Groppo (2000, 2004 e 2010) contribuem na relação dialética entre autonomia e dependência juvenil, integração e adaptação, assim como nas formas de grupos juvenis, tanto os espontâneos quanto os mantidos por adultos, apesar das ressalvas do modelo estático e a-histórico por ele utilizado. Por fim, Magnani (2005) ajuda-nos na identificação de possíveis circuitos que os jovens frequentam, criam e vivenciam, mesmo não sendo central em nosso trabalho, essas dimensões influenciam os modos de vidas dos jovens, sobretudo quando são relacionados aos estilos, ao lazer e ao tempo livre.

Nesse diálogo entre essas várias abordagens, buscamos orientações para a pesquisa, visto a particularidade desses sujeitos e, também, pela quase inexistência de dados e estudos sobre os mesmos. Assim, apesar de alguns pontos de convergência e distanciamentos com os autores mencionados, faz-se necessário apresentarmos a concepção epistemológica e as ferramentas metodológicas que adotamos, visto nossa orientação pelo materialismo histórico. Nesta orientação, apoiamo-nos mais nas propostas metodológicas de Thompson (1981, 1998, 2012c) e Williams (1979, 2012) para captar as experiências dos jovens da ocupação que na própria produção teórica da juventude, a qual nos orientou mais na construção das hipóteses e na coleta de dados empíricos. Dessa forma, criamos um caminho único, com todas suas tortuosidades, idas e vindas, porém ancorados em perspectivas teóricas e sugestões metodológicas que apresentamos a seguir.

CAPÍTULO 2 – OS CAMINHOS PERCORRIDOS

Para apreender toda essa dimensão social dos jovens do Élisson Prieto, partimos do materialismo histórico inaugurado por Marx e Engels (2009), compartilhando das propostas metodológicas propostas por Thompson (1981, 2012c) e Williams (1979, 2011). Como procedimentos para a pesquisa empírica, valemo-nos de uma abordagem predominantemente qualitativa, combinando dados oficiais e estatísticos, com um *survey* (BABBIE, 2003; BARBETTA, 2002) e a história oral (PORTELLI, 1993, 1997, 2001; SMITH, 2012). Partimos, também, da produção sobre juventude exposta anteriormente, propondo, a partir da lógica histórica, compreender a condição juvenil “mais como uma expectativa do que regra”, desta forma, propomos um diálogo entre as evidências produzidas e coletadas com toda a produção teórica, no que Thompson (1981, p. 54) denomina como “conhecimento histórico”.

O processo de pesquisa não é linear, mas marcado por avanços e retrocessos, saltos e recuos, questionamentos das próprias certezas e construções teóricas. Com a conclusão da pesquisa, trata-se de organizar e sistematizar todos os resultados obtidos, saindo do âmbito das perguntas para a exposição, como aponta Marx:

Sem dúvida, deve-se distinguir o modo de exposição segundo sua forma do modo de investigação. A investigação tem de se apropriar da matéria em seus detalhes, analisar suas diferentes formas de desenvolvimento e rastrear seu nexos interno. Somente depois de consumado tal trabalho é que se pode expor adequadamente o movimento real. (MARX, 2013. p. 128-129).

Portanto, antes de apresentarmos nossos resultados e sínteses, expomos nosso método de pesquisa, assim como os procedimentos metodológicos utilizados.

2.1 A realidade como ponto de partida e de chegada

Como o próprio título da subseção sugere, nosso método de pesquisa tem na realidade não o ponto de partida, mas o de chegada, ainda que ela, a realidade, seja efetivamente o ponto de partida (MARX, 2011, p. 54). É neste sentido que buscamos compreender os jovens como eles são, como eles vivem, como eles são produzidos e reproduzidos pelas determinações sociais e por suas próprias ações dentro dos limites e sob as pressões colocadas. Dessa forma:

O fato é, portanto, este: o de determinados indivíduos, que são produtivamente ativos de determinado modo, entrarem em determinadas relações sociais e políticas. A observação empírica tem de demonstrar, em cada um dos casos, empiricamente e sem qualquer mistificação e especulação, a conexão da

estrutura social e política com a produção. A estrutura social e o Estado decorrem constantemente do processo de vida de determinados indivíduos; mas desses indivíduos, não como eles poderão parecer na sua própria representação ou na de outros, mas como eles são *realmente*, ou seja, como agem, como produzem material, realmente, como atuam, portanto, em determinados limites, premissas e condições materiais que não dependem da sua vontade. (MARX e ENGELS, 2009, p. 30, grifos do autor).

Nesta busca de compreender empiricamente os jovens, como eles realmente são e vivem e não como pensamos que eles são, orientamo-nos pela premissa básica e fundamental do materialismo histórico em que o “ser social determina a consciência social” (MARX, 2008, p. 47), assim:

[...] A moral, a religião, a metafísica, e toda outra ideologia, e as formas de consciência que lhes correspondem não conservam assim por mais tempo a aparência de autonomia. Não têm história, não têm desenvolvimento, são os homens que desenvolvem a sua produção material e o seu intercâmbio material que, ao mudarem essa sua realidade, mudam também o seu pensamento e os produtos do seu pensamento. Não é a consciência que determina a vida, é a vida que determina a consciência. No primeiro modo de consideração, parte-se da consciência como indivíduo vivo. No segundo, que corresponde à vida real, parte-se dos próprios indivíduos vivos reais e considera-se a consciência apenas como a *sua* consciência. Esse modo de consideração não é destituído de pressupostos. Parte dos pressupostos reais e nem por um momento os abandona. Os seus pressupostos são os homens, não num qualquer isolamento e fixidez fantásticos, mas no seu processo, perceptível empiricamente, de desenvolvimento real e sob determinadas condições. (MARX e ENGELS, 2009, p. 32, grifos do autor).

Buscar a experiência juvenil consiste em buscar as condições sociais que ela se realiza e se expressa. Essa busca remete-nos ao problema das determinações, em que da mesma forma que é central no materialismo histórico, é muitas vezes incompreendida e utilizada equivocadamente como crítica à própria tradição marxista como uma teoria reducionista dos fenômenos sociais aos fatores econômicos.

O sentido marxista de determinação pode ser compreendido a partir de “fixar limites e exercer pressões” (WILLIAMS, 2011, p. 44). Não se trata de que todas as relações sociais são determinadas pela dimensão econômica, mas da indissociabilidade dos fenômenos sociais, culturais e econômicos, em que o processo de produção e reprodução do ser social envolve a unidade dessas dimensões. Dessa forma, podemos compreender determinações como

[...] um processo complexo e inter-relacionado de limites e pressões – está na própria totalidade do processo social, e em nenhum outro lugar: não num ‘modo de produção’ abstrato, nem numa psicologia abstrata. (WILLIAMS, 1979, p. 91).

Os limites são fixados a partir da realidade objetiva construída pela própria ação

humana, que exercem pressões sobre esses limites assim como sobre o ser social, conformando a experiência pela ação dos sujeitos. Além disso, as pressões:

São no mínimo também pressões derivadas da formação e do impulso de um determinado modo social: com efeito, uma compulsão de agir de forma que o mantêm e renovam. São também, e vitalmente, pressões exercidas por formações novas, com as suas intenções e exigências ainda não percebidas. A “sociedade” não é nunca, então, apenas a “casca morta” que limita a realização social e individual. É sempre também um processo constitutivo com pressões muito poderosas que se expressam em formações políticas, econômicas e culturais e são internalizadas e se tornam “vontades individuais”, já que tem também um peso de “constitutivos”. (WILLIAMS, 1979, p. 91).

Essas pressões expressam-se em formações políticas, econômicas e culturais, incorporando nas expectativas, vontades e valores individuais, por sua dimensão constitutiva. Dessa forma:

[...] na totalidade de qualquer sociedade, tanto a autonomia relativa como a desigualdade relativa das diferentes práticas (formas de consciência material) afeta de maneira decisiva o desenvolvimento real, e o afetam como determinantes, no sentido de pressões e limites. (WILLIAMS, 1979, p. 92).

Marx e Engels (2009, p. 40-44) sugerem relações históricas primordiais, ou “aspectos básicos da atividade social” a serem observadas em qualquer concepção histórica, não como dimensões isoladas, mas como facetas do mesmo processo: 1) a produção material da vida dos meios para a satisfação das necessidades¹⁸; 2) a produção de novas necessidades; 3) a reprodução humana e relações familiares. Todas essas faces devem estar articuladas com o modo de produção, assim como em relação indissolúvel com a consciência social que permeia todas as dimensões materiais da vida.

O modo de produção e as determinações sociais que os sujeitos nascem e inserem-se, independentes de suas vontades, são faces do mesmo processo social, sempre em relação com a consciência, que além de ser social e histórica, está entrelaçada com o ser. Toda essa complexa totalidade cria novas necessidades e novas relações sociais, também indispensáveis na análise histórica (MARX e ENGELS, 2009, p. 40-44). Com a ajuda de Linebaugh:

[...] Como modos de produção quero considerá-los não como fontes de riqueza ou meios de criação de valor, nem como etapas de crescimento econômico, e menos ainda como maneiras de satisfazer os desejos humanos. Considero-os apenas como um quadro de interação humana, quadro que tanto conduz como molda a experiência humana. Com isso eles deixam de ser a infra-estrutura

¹⁸ A análise que Marx faz da mercadoria em *O Capital* lembra-nos que as mercadorias são antes de tudo produtos do trabalho humano para a satisfação das necessidades, e que “[...] A natureza dessas necessidades – se, por exemplo, elas provêm do estômago ou da imaginação – não altera em nada a questão.” (MARX, 2013, p. 113).

técnica da economia e passam a ser de fato “o reino público” da atividade autônoma da classe operária (LINEBAUGH, 1983, p. 31).

Assim, nesse diálogo entre ser social e consciência social, buscamos compreender as interações de relações sociais que moldam a experiência destes jovens pelo processo estruturado, nos limites e pressões em que eles agem, perpassando pelas relações de trabalho e produção, familiares, educativas, de sociabilidade, de comunicação e linguagem, da literatura, da religião, da violência, assim como das percepções desses sujeitos sobre essas dimensões. Para isto, partimos das formulações de Thompson dos dois diálogos na formação do conhecimento científico:

[...] primeiro, o diálogo entre o ser social e a consciência social, que dá origem à experiência; segundo, o diálogo entre a organização teórica (em toda a sua complexidade) da evidência, de um lado, e o caráter determinado de seu objeto, do outro. (THOMPSON, 1981, p. 42).

A experiência assume uma centralidade na análise, justificando a opção pela noção de experiência juvenil, em que possibilita apreender como esses jovens vivem e veem o mundo – sendo o primeiro diálogo na construção do conhecimento científico, constituindo parte das fontes no processo de demonstração empírica. Dessa forma:

[...] a experiência é um termo médio necessário entre o ser social e a consciência social: é a experiência (muitas vezes a experiência de classe) que dá cor à cultura, aos valores e ao pensamento: é por meio da experiência que o modo de produção exerce uma pressão determinante sobre outras atividades: e é pela prática que a produção é mantida. (THOMPSON, 1981, p. 112).

A experiência, além de ser um termo de junção entre estrutura e processo, compreende a forma como o ser social vivencia as relações de produção, que por ser pensada, retorna ao ser como pressões, pois:

[...] Os homens e mulheres também retornam como sujeitos, dentro deste termo – não como sujeitos autônomos, “indivíduos livres”, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida “tratam” essa experiência em sua *consciência* e sua *cultura* [...] das mais complexas maneiras (sim, “relativamente autônomas”) e em seguida (muitas vezes, mas nem sempre, através das estruturas de classe resultantes) agem, por sua vez, sobre sua situação determinada. (THOMPSON, 1981, p. 182, grifos do autor).

Thompson (1984, p. 314) propõe a experiência como junção, “metade no ser social e metade na consciência social”, da mesma forma que a experiência é vivida, ela também é percebida, sentida e pensada. Dessa forma, promove um verdadeiro diálogo entre ser social e consciência social, em que:

Obviamente, esse diálogo se processa em ambas as direções. [...] Evidentemente a consciência [...], atua de volta sobre o ser, por sua vez: assim como o ser é pensado, também o pensamento é vivido – as pessoas podem, dentro de limites, *viver* as expectativas sociais ou sexuais que lhes são impostas pelas categorias conceptuais dominantes. (THOMPSON, 1981, p. 17, grifos do autor).

Thompson (1968) a partir da prática educativa de adultos, convida-nos a analisar a educação na relação dialética com a experiência, o que nos permite ampliar essa relação para compreendermos a experiência como um processo de constituição e de formação humana. A experiência é ao mesmo tempo ação humana e elaboração mental e, nesse processo, toda ação humana tem uma dimensão educativa, sendo ao mesmo tempo transformação das relações sociais e autotransformação dos sujeitos (VÁZQUEZ, 2007). Dessa forma, a experiência está intrinsecamente relacionada com a cultura, assim:

[...] verificamos que, com “experiência” e “cultura”, estamos num ponto de junção de outro tipo. Pois as pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como ideias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos, ou [...] como instinto proletário etc. Elas também experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valores ou (através de formas mais elaboradas) na arte ou nas convicções religiosas. (THOMPSON, 1981, p. 189).

As dimensões vividas e pensadas da experiência nos conduzem a questões como valores, morais e expectativas, visto que organizam o processo de elaboração mental, influenciam nos sentimentos e determinam, em partes, as ações dos próprios sujeitos, contribuindo no moldar da experiência, nas pressões da consciência sobre o ser. Portanto, essas dimensões, por existirem e serem constitutivas da experiência, devem ser incorporadas na análise histórica, dessa forma:

[...] Os valores não são “pensados”, nem “chamados”; são vividos, e surgem dentro do mesmo vínculo com a vida material e as relações materiais em que surgem as nossas ideias. São as normas, regras, expectativas etc. necessárias e aprendidas (e “aprendidas” no sentimento) no “*habitus*” de viver; e aprendidas, em primeiro lugar, na família, no trabalho e na comunidade imediata. Sem esse aprendizado a vida social não poderia ser mantida e toda produção cessaria. (THOMPSON, 1981, p. 194, grifos do autor).

É a partir de toda a centralidade metodológica na experiência, que é tanto social quanto individual, que optamos pela noção de experiência juvenil, nessa busca do vivido e do pensado dos jovens, em que captar a experiência perpassa por compreender as necessidades e expectativas desses sujeitos (THOMPSON, 1998, p. 22), sempre no contexto e no processo, no

qual a própria noção de juventude, assim como as formas de vivenciá-las são determinadas.

Por fim, somos conduzidos ao segundo diálogo na formação do conhecimento, o diálogo entre, de um lado, conceitos e hipóteses – categorias gerais e formas de organizar as evidências para explicar um processo histórico – e, de outro, evidências produzidas e já existentes:

Trata-se, num sentido bastante crítico, novamente de uma questão de diálogo. Na medida em que uma tese (o conceito, ou hipótese) é posta em relação com suas antíteses (determinação objetiva não teórica) e disso resulta numa síntese (conhecimento histórico), temos o que poderíamos chamar de dialética do conhecimento histórico. (THOMPSON, 1981, p. 54).

Dessa forma, Thompson (1981, p. 49) propõe o que ele denomina de “lógica histórica”, como um método de pesquisa social, alinhado com o materialismo histórico, buscando a eliminação de uma pesquisa autoconfirmadora, no diálogo entre conceitos e evidências, entre hipóteses sucessivas e a pesquisa empírica. Assim:

[...] o objeto imediato do conhecimento histórico (isto é, o material a partir do qual esse conhecimento é aduzido) compreende ‘fatos’ ou evidências, certamente dotados de existência real, mas que só se tornam cognoscíveis segundo maneiras que são, e devem ser, a preocupação dos vigilantes métodos históricos.” (THOMPSON, 1981, p. 49).

A partir das experiências dos jovens, buscamos compreender a intensidade do que é vivido, das representações e sentimentos, necessidades e expectativas, modos como os jovens vivem, seus valores e normas morais, percepções e opiniões, ou estruturas de sentimento consistindo em “[...] uma qualidade particular da experiência social e das relações sociais, historicamente diferente de outras qualidades particulares que dá o senso de uma geração ou de um período.” (WILLIAMS, 1979, p. 133).

O caminho que percorremos nesse diálogo entre evidências e conceitos, perpassou por uma pesquisa documental de análise da juventude, dados produzidos por instituições públicas e organizações sociais, da mesma forma por dados que produzimos durante o processo de pesquisa. Todo esse material foi confrontado com uma pesquisa bibliográfica, sobretudo com a sociologia da juventude (já citada acima) que orientou, inclusive, a produção de fontes empíricas com os jovens da ocupação. Os conceitos já elaborados pela sociologia da juventude, nos serviram como uma guia, “com caráter de expectativas, mais do que regras” (THOMPSON, 1981, p. 125).

Todo esse processo possibilitou-nos levantar novas hipóteses, a serem novamente confrontadas com as evidências e conceitos, gerando novas possibilidades de interrogação das evidências, assim como na orientação na produção de novas fontes e para pesquisas futuras.

Dessa forma, o que buscamos nesse caminho metódico é a busca de padrões, de estruturas de sentimentos, experiências em comum vivenciadas pela juventude sob a situação de ocupação urbana.

A busca de padrões, tendências e estruturas de sentimentos deve estar articulada com a lógica do processo, ou no processo estruturado, que fixa limites e exerce pressões sobre os jovens, que molda e conduz suas experiências, portanto, suas histórias estão inter-relacionadas no tempo real, em que o processo se realiza, o objetivo final da construção do conhecimento histórico (THOMPSON, 1981, p. 111). Ou, nas palavras de Marx, a “viagem de retorno”, apreendendo a realidade como “uma rica totalidade de muitas determinações e relações”, “como síntese de múltiplas determinações, portanto unidade da diversidade”, em suma, o método de “ascender do abstrato ao concreto” (MARX, 2011, p. 54).

2.2 Os procedimentos empíricos

Há poucos dados sistematizados sobre os jovens de periferias e, no caso da ocupação, são inexistentes. Essa situação levou-nos a um processo de pesquisa empírica combinando diversas técnicas, como a pesquisa documental, a pesquisa quantitativa e a qualitativa, o *survey* com a história oral. O início da pesquisa se deu por uma estratégia de levantamento exploratório e aproximação com os jovens por meio de um *survey* descritivo, seguido por uma escolha dentre estes para as entrevistas em profundidade, a história oral.

Como afirmamos anteriormente, esta pesquisa tem um caráter predominantemente qualitativo, em que o *survey* teve a função de uma aproximação e levantamento do perfil e padrões dos jovens, analisando uma situação de maneira estática, descritiva, pois:

Surveys são frequentemente realizados para permitir enunciados descritivos sobre alguma população, isto é, descobrir a distribuição de certos traços e atributos. Nestes, o pesquisador não se preocupa com o porquê da distribuição observada existir, mas com o que ela é. (BABBIE, 2003, p. 96).

Esta metodologia nos proporcionou um conhecimento inicial dos padrões de vida desses jovens, conhecendo um pouco do perfil dos mesmos e as condições de vida que eles experimentam na ocupação, possibilitando, também, um cruzamento com estimativas nacionais e locais a partir de dados institucionais, além de contribuir na elaboração de perguntas e hipóteses. Entretanto, os dados estatísticos tornam-se limitados para avançar na compreensão das distintas e interligadas relações sociais, mostra-nos um pouco da estrutura, dos padrões, mas não do processo, assim:

Nesse ponto, uma nova série de dificuldades principia, já que o termo “padrão” nos leva informações suscetíveis de medição estatística (salários ou artigos de consumo) para aquelas satisfações algumas vezes descritas como “imponderáveis” pelos estatísticos. Da alimentação passamos à moradia, da moradia à saúde, da saúde à vida familiar, e desse ponto ao ócio, à disciplina no trabalho, à educação e lazer, à intensidade do trabalho, e assim por diante. Do padrão de vida, passamos ao modo de vida. Mas eles não significam a mesma coisa. O primeiro é uma medida de quantidades; o segundo, uma descrição (e, às vezes, uma avaliação) de qualidades. Enquanto as evidências estatísticas são apropriadas para o primeiro caso, precisamos confiar em “dados literários” para o segundo. A principal fonte de confusão surge quando se procuram extrair conclusões para um caso a partir de dados apropriados apenas para o outro. (THOMPSON, 2012a, p. 42-43).

É esta a abordagem metodológica que buscamos: passar dos “padrões de vida” para os “modos de vida” desses jovens. Para isso, valemo-nos da história oral como possibilidade de “dados literários” e das visões dos próprios jovens sobre esses processos. Vilanova (1994) propõe uma combinação com dados estatísticos e fontes orais, afirmando que os primeiros possibilitam fazer as perguntas relevantes que somente os segundos podem responder, explicitando, assim, as tendências das majorias que são, a princípio, invisíveis. Dessa forma:

[...] Porque o que não se vê, o invisível, é justamente o majoritário. E somente a estatística evidencia aquela descrição da paisagem social que é imprescindível para matizar as diferenças e chegar a contemplar os pequenos – que é sempre o interessante. A porcentagem nos assegura aquilo que é majoritário. Somente a porcentagem. E a porcentagem da porcentagem nos aproxima de uma estatística qualitativa fina que estabelece, finalmente, as perguntas interessantes, porque abarcam o majoritário. *Perguntas que só a fonte oral pode responder*. Nesse sentido, há uma analogia, um casamento perfeito entre a estatística e a fonte oral. [...] A estatística constitui-se, portanto, num instrumento imprescindível para uma História completa, uma História bem-feita. (VILANOVA, 1994, p. 52, grifo nosso).

Ao encontrar o majoritário, explicita-se também o minoritário e, a partir deste, é possível adentrar, pelas fontes orais, na intensidade do que é vivido, limitada pela análise estatística. Esta, inclusive pode amenizar uma situação vivida a partir dos números, como no exemplo de Portelli em que:

[...] o escravo que foi punido com cem chibatadas pode esclarecer mais a instituição da escravatura do que aqueles que foram chicoteados 0,7 vezes por ano. O número extremamente reduzido de toxicômanos, em uma cidadezinha industrial, pode fornecer indicações inestimáveis sobre a experiência dos jovens como um todo. (PORTELLI, 1997, p. 17).

Para a realização do *survey* fizemos uma amostragem aleatória estratificada e sistemática nas residências, sendo que em cada casa sorteada apenas um jovem foi entrevistado.

Foram realizadas 173¹⁹ entrevistas com jovens entre 15 a 29 anos, com 95% de confiança e uma margem de erro de até 7,5%²⁰. Como não dispomos de dados oficiais devido ao bairro ainda não estar regularizado, não é possível saber o número de jovens que vivem lá, apenas uma estimativa a partir das médias nacionais, de Minas Gerais e de Uberlândia. Foi, a partir dessa estimativa que fizemos uma estratificação da amostragem a partir de sexo e idade, conforme apresentado na Tabela 1. A estratégia de uma amostragem sistemática se deu pela possibilidade de percorrer toda a ocupação, com um intervalo de seleção²¹ de doze casas. Percorremos todas as ruas do bairro, tentando distribuir uniformemente as entrevistas, conforme trajeto apresentado na Figura 2. Não nos prenderemos em apresentar todos os resultados do *survey*, os quais estão disponíveis no Apêndice D²², mas nos resultados combinados com as fontes orais, outras fontes estatísticas e a bibliografia. Já o questionário aplicado pode ser encontrado no Apêndice B.

Tabela 1 – Amostragem aleatória estratificada

Idade	Homem	Mulher	Total
15 a 19 anos	28	30	58
20 a 24 anos	30	32	62
25 a 29 anos	24	29	53
Total	82	91	173

Fonte: o autor.

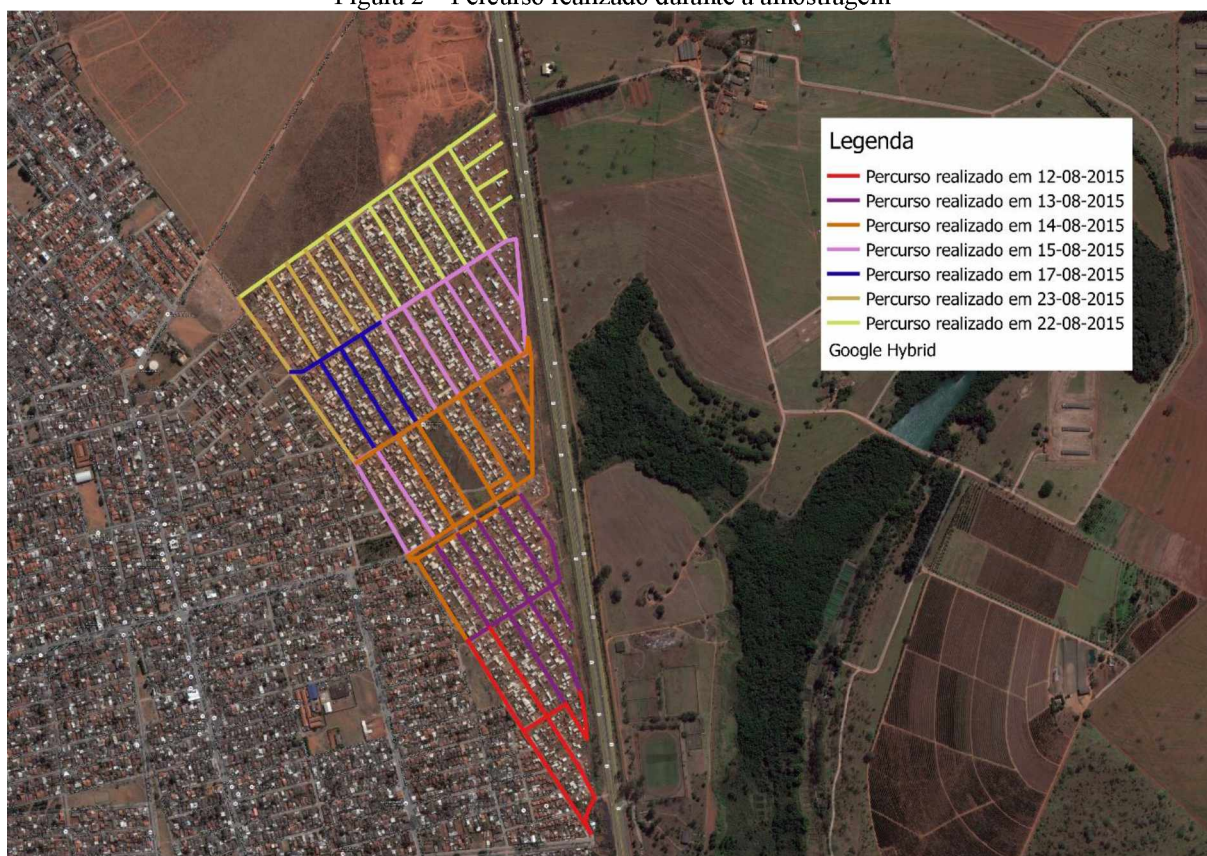
¹⁹ Todos os cálculos amostrais foram realizados a partir do número de 2200 residências informado pela coordenação do MSTB com referência em Babbie (2003), Barbetta (2002) e Levin (1978). O fato de não termos o número exato de jovens que moram na ocupação, torna a margem de erro menos precisa, não sendo possível determinar essa imprecisão. Entretanto, como o estudo quantitativo não é nosso foco, é uma margem de erro, mesmo que imprecisa, completamente aceitável.

²⁰ Isto significa que de 100 vezes que a pesquisa for repetida, 95 os resultados estarão em intervalos coincidentes. Como se trata de uma amostragem, as respostas em percentuais não são um ponto, mas um intervalo subtraindo e somando, ao ponto, a margem de erro, neste caso até 7,5% para mais ou para menos.

²¹ O intervalo de seleção é uma constante que torna a amostragem sistemática. Em nosso caso, não foi possível seguir à risca esse intervalo pelas condições de campo, pois nem sempre a casa sorteada tinha algum jovem, então, buscávamos sempre a casa mais próxima. O objetivo desse tipo de amostragem é espalhar as entrevistas por toda a área de estudo.

²² Trata-se de um relatório feito para a coordenação do MSTB com os resultados do *survey* aplicado, citado neste texto como Fávero e Moraes (2015).

Figura 2 – Percurso realizado durante a amostragem



Fonte: Google Earth, elaboração própria.

Os questionários foram aplicados em períodos distintos, possibilitando uma maior aleatoriedade da amostra. Feitos os mesmos, tabulamos e processamos os dados a partir de planilhas eletrônicas, utilizando da estatística descritiva para análise e apresentação dos dados. A partir das referências bibliográficas e outras pesquisas de opinião (SECRETARIA NACIONAL DE JUVENTUDE – SNJ, 2013; SAE, 2013) fizemos cruzamentos entre as principais variáveis levantadas. No final do questionário, contextualizávamos a entrevista com a continuidade da pesquisa em questão, perguntando, logo em seguida, sobre a possibilidade e disponibilidade na participação das entrevistas de história oral caso fossem sorteados e, também, solicitávamos uma avaliação do questionário aplicado.

Com os resultados em mãos, fizemos, entre os que aceitaram continuar participando da pesquisa, uma outra amostragem para a história oral, desta vez não mais probabilística, mas intencional. Buscamos uma diversidade entre os jovens, tentando abranger diferentes modos de vidas e formas de pensar, buscamos uma maior representatividade entre sexo, escolaridade, relações de trabalho, família e sociabilidade. Terminamos com um total de oito entrevistas de história oral realizadas.

As entrevistas foram realizadas nas casas dos jovens, após eles assinarem um termo de

consentimento livre esclarecido para os maiores de idade, e, para os menores, um termo de ciência, sendo o termo de consentimento assinado pelo responsável (Apêndice A). As entrevistas eram semiestruturadas (Apêndice C), o que possibilitou o aprofundamento de alguns temas julgados relevantes tanto pelo pesquisador quanto pelo pesquisado, possibilitando um diálogo entre os mesmos. Essa flexibilidade das entrevistas fez com que cada uma fosse particular e diferente das outras, com caminhos percorridos distintos, sempre com base nas experiências dos sujeitos que sempre conduziam a outras perguntas não previstas anteriormente. Para preservar a identidade desses jovens, os nomes que apresentamos são fictícios, escolhidos a partir de homenagens a grandes pensadores dedicados à classe trabalhadora.

Apesar de alguns desencontros e imprevistos, fomos muito bem recebidos pelos jovens, tanto nos questionários quanto nas entrevistas. Muitas das vezes, eles nos viam com certo estranhamento, afinal, para a maioria deles (senão a totalidade?), era a primeira vez que a academia ou alguma instituição estava interessada em simplesmente ouvi-los, em saber quem eles são, quais suas histórias, como eles vivem e o que eles pensam. Alguns, no início, viam-nos com certa desconfiança, enquanto outros como oportunidade, outros, simplesmente, com certa indiferença. Essa relação de diálogo que a história oral possibilita, nesse encontro de experiências, proporcionou uma vivência única ao ter contato com histórias de vidas distintas, cada uma com suas peculiaridades, em que, como afirma Portelli (1997), tentamos “aprender um pouquinho”.

Um elemento importante a se registrar é o período em que foram realizadas as entrevistas de história oral, pois havia uma liminar de despejo em voga que foi derrubada juridicamente um dia antes do início das entrevistas. Alguns dos entrevistados não sabiam ainda da derrubada da liminar. Esta questão teve alguma interferência em algumas das entrevistas, mas no geral, nada que afetasse o desenvolvimento da pesquisa.

Assumimos um compromisso ético com o MSTB e a comunidade com o retorno da pesquisa para os mesmos, visto que são os sujeitos do processo e a quem mais interessa esse estudo. Entretanto, essa ainda é uma dimensão limitada, visto que nosso verdadeiro retorno, e isto ficou claro nas entrevistas, é dar a oportunidade desses jovens narrarem e expressarem suas experiências vividas, é no provocar uma reflexão sistemática sobre suas histórias e poder apresentá-las, ou seja:

[...] aquilo que realmente restituímos é uma oportunidade para as pessoas com quem conversamos organizarem seus conhecimentos com maior clareza: um desafio para aumentarem sua consciência, para estruturarem aquilo que já sabemos – processo que começa com a entrevista e continua, à medida que se defrontam com nossas conclusões. Esse processo, no entanto, ocorre mais na

mente das pessoas do que nos arquivos. Assim, nossa primeira responsabilidade no tocante à restituição é com nosso próprio desenvolvimento e aquele das pessoas com quem encetamos um diálogo, iniciando-se concomitantemente à entrevista. (PORTELLI, 1997, p. 30).

Após as transcrições das entrevistas²³, buscamos um cruzamento entre as mesmas com os dados do *survey*, buscando, dessa forma, encontrar padrões e experiências em comuns entre esses jovens. Esse processo possibilita os dois diálogos na produção do conhecimento histórico – o diálogo entre conceitos e evidências e o diálogo entre o ser social e a consciência social – centrais na lógica histórica proposta por Thompson (1981). A partir da proposta de Passerini *apud* Smith (2012), buscamos, com a história oral, compreender experiências individuais e coletivas a partir dos elementos simbólicos, como autorrepresentações, humor, silêncios, contradições, tendo as entrevistas como guias e janelas para pensamentos e experiências. A partir da compreensão do indivíduo como um ser social e da indissociabilidade entre este a consciência social, buscamos a partir de entrevistas individuais no diálogo com outras evidências e conceitos, compreender esses sujeitos no contexto e no processo, pois “[...] a História Oral alia o esforço de reconstruir padrões e modelos à atenção às variações e transgressões individuais concretas” (PORTELLI, 1997, p. 16).

Apesar da história oral trabalhar com indivíduos, não quer dizer que temos estes como referência do processo social, mas que, como eles vivenciam suas experiências produtivas, sociais e culturais a partir de situações de classe, podemos encontrar experiências comuns tanto nas entrevistas individuais, como com o cruzamento das demais fontes e com o estado da arte. Como indica Portelli:

Embora a história oral sempre seja associada com a “micro-história” devido ao seu enfoque nas vidas individuais e seu modo de transmissão, o trabalho de seus historiadores varia amplamente. A disposição dos caracteres pode ir da história de vida de um indivíduo à reconstrução do cerne de um processo envolvendo milhões de pessoas; a meta geográfica pode ser um trabalho de campo, uma vizinhança, uma cidade, um fenômeno internacional; o tempo pode variar de 30 minutos para um ou dois séculos. Uma história de vida em profundidade, uma coleção de entrevistas, um ensaio interpretativo em um período histórico, todos são *história oral*, mas não são a mesma coisa; de preferência, eles assinalam a existência de muitos gêneros diferentes com muitas estratégias retóricas diversas. (PORTELLI, 2001, p. 27-28, grifos do autor).

²³ Para fins de referências, agrupamos todas as entrevistas realizadas em um único arquivo denominado “Entrevistas de história oral dos jovens do bairro Elisson Prieto”, o qual seguimos a numeração das páginas para utilizar como referências ao longo do texto. Optamos pela fidelidade da transcrição em como os jovens realmente falam, não valendo de correções ortográficas, visto que formas de linguagem, além de constitutivas do ser social, podem expressar outras relações sociais vividas.

Ademais, partimos, como exposto anteriormente, da indissociabilidade entre ser social e consciência social, em que “pensar e ser são, portanto, certamente diferentes, mas [estão] ao mesmo tempo em *unidade* mútua” (MARX, 2010, p. 108, grifo do autor). Dessa forma:

O indivíduo é o *ser social*. Sua manifestação de vida – mesmo que ela também não apareça na forma imediata de uma manifestação *comunitária* de vida, realizada simultaneamente com outros – é, por isso, uma externalização e confirmação da vida social. (MARX, 2010, p. 107, grifos do autor).

Portanto, vemos as entrevistas realizadas não como evidências por si só, mas como fatos que devem ser interrogados, confrontados com hipóteses e conceitos, com outras fontes, da mesma forma que o conhecimento acumulado deve permanentemente ser revisto, pois:

[...] os fatos não revelarão nada por si mesmos, o historiador terá que trabalhar arduamente para permitir que eles encontrem “suas próprias vozes”. Mas atenção: não a voz do historiador, e sim *a sua (dos fatos) própria voz*, mesmo que aquilo que podem “dizer” e parte de seu vocabulário seja determinado pelas perguntas feitas pelo historiador. (THOMPSON, 1981, p. 40, grifos do autor).

Orientamo-nos, como estratégia analítica, a partir das sugestões de Thompson (1981, p. 38) em como interrogar os fatos de maneira isoladas – sobretudo como evidências portadoras e isentas de valor –, como elos em uma série linear de ocorrências e como elo de relações em série lateral de relações sociais/ideológicas/econômicas/políticas. Entretanto, lembra-nos o autor, que os dados nunca são isolados, mas podem ser interrogados em busca das estruturas, da mesma forma que não podem ser compreendidos independentemente das mesmas, sendo analisados como indicadores de relações do sistema (THOMPSON, 1981).

Após todo esse longo caminho, partimos para o momento de síntese da pesquisa, ou a viagem de retorno, tentando com a elaboração teórica um salto de qualidade buscando a reprodução (no âmbito ideal) da própria realidade vivida, o que passamos a discutir como sínteses do processo de pesquisa.

CAPÍTULO 3 – RELAÇÕES PRIMORDIAIS DA REPRODUÇÃO DO SER SOCIAL

Investigar os limites e as pressões em que os jovens estão inseridos é fundamental para compreender suas experiências e modos de vida. Para empreender tal análise, partimos de algumas relações centrais da produção e reprodução do ser social, as quais perpassam, indissociavelmente, as relações econômicas, culturais e sociais. As pessoas vêm ao mundo sob relações sociais que não escolheram, que são vividas a partir de experiências de classe, que são pensadas a partir de limites estabelecidos e sobre pressões exercidas por um processo estruturado, que molda a realidade vivida. Dessa forma, as situações de classes colocam-se como determinantes em distintas dimensões da vida social. Ou seja:

A experiência de classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram – ou entraram involuntariamente. A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais. Se a experiência aparece como determinada, o mesmo não ocorre com a consciência de classe. (THOMPSON, 2011, p. 10).

No contexto da pesquisa, encontramos uma situação de pressões que levaram à ação direta, a ocupação. A experiência da maioria das famílias em tentar sair do aluguel pela incompatibilidade com a renda familiar e a especulação imobiliária, as ameaças de despejos, o desemprego, entre outros, conferem sentido à ação direta, com uma dimensão moral legitimadora na negação de um direito básico de uma vida digna (DE SORDI, 2014). Esse processo confere, nas palavras de Thompson (1998, p. 79) um verdadeiro “solavanco brusco da experiência” abrindo novas possibilidades e novas relações de solidariedade e interesses comuns entre os trabalhadores.

Dessa forma, a moradia, ou melhor, a luta por uma moradia digna, em conjunto com as relações de trabalho colocam-se como determinantes na vida desses trabalhadores, restringindo muitas vezes suas possibilidades de acesso à bens e serviços, constituindo em relações centrais para compreender a juventude. Em cadastro, ainda em andamento²⁴, realizado pelo MSTB e pelo escritório Igino Marcos e Advogados Associados, mais de 75% dos moradores do Élisson Prieto vivem com renda familiar menor que dois salários mínimos²⁵ (SM) – 37,20% com 1 SM,

²⁴ Até o momento da escrita, o cadastro contava com 500 residências registradas. Considerando que o cadastro está sendo feito de forma aleatória, podemos calcular uma margem de erro amostral de até 3,85% para mais ou para menos com 95% de significância. Agradecemos ao Igino Marcos e Advogados Associados por disponibilizar o acervo de dados.

²⁵ Na época da consulta dos cadastros e da realização das entrevistas, o salário mínimo estava em R\$ 788,00, já no momento da escrita, o salário mínimo encontra-se em R\$ 880,00.

28,60% entre 1 e 1,5 SM, 16,80% entre 1,5 e 2 SM e 10,40% vivendo com menos que 1 SM (IGINO MARCOS E ADVOGADOS ASSOCIADOS, 2016).

Por outro lado, a ocupação possibilita novas vivências e relações sociais, desde a solidariedade encontrada entre os trabalhadores nas dificuldades do dia a dia, como a venda à prazo (ou, o famoso fiado) na mercearia, no dividir o fazer do almoço entre a vizinhança, assim como nas ajudas mútuas na construção da casa, possibilitando, com novos significados e valores, espaços de vivência, sociabilidade, organização e moradia (DE SORDI, 2014).

Os limites e pressões que os jovens vivenciam são indissociáveis, emaranham-se no cotidiano com a totalidade social. Por fins expositivos, apresentamos as principais determinações encontradas individualmente. Não pretendemos esgotar todas as dimensões da vida social, mas apresentar algumas centrais na vivência da juventude, a partir de experiências em comuns e situações objetivas de classe e da ocupação, que se impõem sobre esses jovens e, sobre os quais, eles pensam e agem.

3.1 Moradia

Foi meio assim, porque a gente estávamos precisando de um lugar pra morar, sabe... de... mesmo que fosse de aluguel. Mas aí a gente escutamos que aqui tava tendo uma invasão, então a gente viemos pra cá, aí a gente conseguimos um lote aqui e estamos aqui, desde então. (ERNESTO, 2015, p. 56).

Esse é Ernesto – um jovem entrevistado de 22 anos que mora no Élisson Prieto há dois anos – relatando sua ida com a família para a ocupação. Após migrarem do interior de Goiás para Uberlândia em busca de melhores condições de vida e trabalho, a família decidiu ir para ocupação devido às dificuldades de encontrar emprego e moradia compatível com a renda familiar. Já Antônio, outro jovem entrevistado, com vinte anos de idade foi para a ocupação com a família, pois:

[...] tava morando com minha avó, minha mãe, meus irmãos... tava muito apertado onde que nós tava morando lá. Aí saiu aqui né... nós falamos, não... vamo pra lá tentar lá né. Vê se nós consegue um terreno lá, vê que que nós consegue lá, vê se nós firma de vida né. Beleza... nós veio pra cá nesse terreno aqui... nós ta aqui. (ANTÔNIO, 2015, p. 23).

Para a maioria dos jovens entrevistados, a ida para a ocupação foi por decisões familiares, na grande maioria das vezes, na busca em se libertar do aluguel. 68% dos jovens do Élisson Prieto moravam em outros bairros de Uberlândia antes de irem para ocupação, enquanto 26,01% moravam em outra cidade – 16,76% em outro estado e 9,25% em outra cidade em

Minas Gerais – e menos de 3% moravam em zona rural (FÁVERO; MORAIS, 2015, p. 19). Hoje, a maioria das casas, 81,60%, estão construídas em alvenaria, enquanto pouco mais de 5% ainda são barracos construídos com materiais recicláveis (IGINO MARCOS E ADVOGADOS ASSOCIADOS, 2016).

A construção da casa é uma questão permanente na vida das pessoas da ocupação, mesmo sob a não certeza de adquirir o terreno, aos poucos o dinheiro economizado no aluguel converte-se na construção da mesma. Patrícia, uma jovem de vinte anos que mora com a filha de um ano e meio, é um bom exemplo, “[...] por enquanto nós só fez essa aqui de madeirite e tamo pensando... juntando pra construir ali na frente. Enquanto não constrói vai ficando aqui” (PATRÍCIA, 2015, p. 31). Entre os jovens que participaram das entrevistas de história oral, Patrícia é a única entrevistada que não vive em casa de alvenaria, também foi a única que mora somente com a filha apesar, de boa parte da semana, contar com a ajuda da mãe para cuidar da criança.

Para os jovens entrevistados, apesar da falta de estrutura do bairro, oriundas por sua situação de não regularização, a ocupação é como um bairro qualquer, sendo uma afirmação comum entre eles. Com o processo de ocupar, várias são as dificuldades surgidas: construir o barraco, ausência de água, luz e saneamento, no cuidar da vida enquanto precisa permanecer no local sob ameaças de despejo, na dificuldade de acesso a serviços públicos por não ter um comprovante de residência, entre outras. Pudemos notar, entre os jovens, um choque inicial na ida para ocupação, seja por todas as dificuldades apresentadas e ainda pela forma como parte da sociedade (e eles mesmos) veem um processo de ocupação urbana, como uma invasão.

“Uai... não é tão diferente não né... tão diferente quanto morar no asfalto não, pra mim é quase normal... é quase normal.”, afirma Eduardo (2015, p. 75), jovem de quinze anos que mora na ocupação há dois anos. A afirmação geral e ênfase na ocupação de ser um bairro comum – apesar de ser terra, de não ter estrutura, conhecido como invasão – pareceu ser um contraponto à visão que se tem da ocupação. Na mesma perspectiva, afirma Alexandra, uma jovem de quinze anos que mora na ocupação há pouco mais de três anos:

No começo eu não queria não, no começo. Ai, no começo eu falava nem, eu vou falar não, meus amigos vai achar ruim, ninguém vai querer conversar comigo mais. Agora eu gosto de ficar aqui. Tenho mais esse preconceito não. Aqui é um bairro como qualquer outro, só falta organizar tudo direito. (ALEXANDRA, 2015, p. 2).

Como aponta De Sordi (2014) a ida para a ocupação se dá, a princípio, pelas condições materiais, sobretudo em fugir do aluguel, ampliando para um questionamento da noção de

propriedade, função social da terra, direito à cidade e no papel das instituições na garantia desse direito fundamental. Essa ampliação na consciência vem, em boa parte, no processo de luta e organização no MSTB. Assim como De Sordi (2014), podemos encontrar essa perspectiva também entre os jovens, como é o caso de Tito, um jovem pastor de 27 anos, que decidiu, junto com a esposa de 26 anos, ir para a ocupação e “abraçou a ideia”:

Nós morávamos lá... tínhamos um contrato, assim... sem formalizar com o dono, na qual nós precisaríamos uma casa por algum tempo pra morar. Não tínhamos... é... no momento condições de tá.... condições nós tínhamos, não tínhamos vontade de tá financiando uma casa. Achemos, assim, uma forma muito injusta essa questão da construção... essa questão de... de... essa questão do financiamento. E com dois a três meses sem um prévio aviso... ó, eu vou precisar do apartamento [no caso a proprietária]. Mas nós fizemos.... falei com você antes de vim que... que eu precisava de um tempo maior. Até porque eu... eu precisava estudar. A muié disse: não, eu vou precisar porque... e um montão de desculpas. Aí eu fiquei assim... revoltado, porque... é muito injusto você não ter um lugar proê morar. Aí eu lembrei daqui... um amigo meu falou que tava tendo a invasão do Glória lá, aí eu peguei e vim procurar saber como que funciona isso aqui. De primeira vista eu dei uma assustada né, o ambiente dá uma assustada. Mas... aí é o que tinha e outra casa pra alugar não vai ser fácil de achar e já tava meio em cima. [...] E aí foi a opção que eu tive. Só que eu tive e abracei a ideia, achei interessante a ideia que me passaram. (TITO, 2015, p. 38).

A negação da moradia, condição básica de uma vida digna, conforma um elemento moral legitimador da ocupação. Essa dimensão moral questiona, ao mesmo tempo que afirma, a noção de propriedade. Questiona no ato de ocupar, sobretudo na não possibilidade da propriedade para quem trabalha, assim como na lógica da especulação imobiliária. Afirmada, entretanto, pela vontade de pagar pelo terreno, adquirindo-o a um preço justo e acessível, permeado pela noção de honestidade. Alexandra, falando sobre a importância do MSTB na vida das pessoas da ocupação, oferece-nos uma noção dessa dimensão simbólica em relação à propriedade:

Tipo a pessoa que num tem teto, vamo coloca assim, que num tem onde morar. Aí ele [MSTB] vai lá, fala assim... não, você tá precisando mesmo... e pega e coloca você naquele lugar. Só que aquele lugar ali já é de outra pessoa, só que ele tá lá, ele luta por você, te ajuda. (ALEXANDRA, 2015, p. 9).

A dimensão da moradia permeia as expectativas desses jovens, sendo uma afirmação geral tanto nos questionários aplicados quanto nas entrevistas realizadas. A não garantia da moradia exerce pressões em outras dimensões da vida social, como nas relações de trabalho e educação, como é o caso de Simone, uma jovem de quinze anos cuja família cogitava, à época da entrevista, ir para Montes Claros, cidade em que contaria com apoio familiar, devido à

liminar de despejo vigente na época. No entanto, um dia antes da entrevista, a liminar tinha sido revogada, informação que Simone ainda não sabia. É uma situação ilustrativa, em que as relações de trabalho e educação, muitas das vezes, dependem da moradia fixa. As dimensões familiares também se demonstraram importantes na vida dos jovens emaranhadas nas relações de moradia, merecendo um olhar mais de perto.

3.2 Relações familiares

As relações familiares demonstraram-se como dimensões importantes nos limites e pressões da vivência da juventude, assim como uma fonte de referência na construção de valores e expectativas. As determinações e referências no âmbito familiar perpassam tanto pela família de origem quanto no processo de constituição de uma nova, havendo, também, situações de constituição de uma nova com a integração de novos membros e relações na família de origem, dando-se, sobretudo, no compartilhar a moradia.

Temos uma situação no Élisson Prieto em que 60,60% das famílias têm as mulheres como responsáveis, contra 39,40% de homens, sendo 57,80% dos responsáveis solteiros, 21,60% que vivem com cônjuges – casados, união estável e amasiado –, viúvos e divorciados somam 6% e 6,20% não responderam (IGINO MARCOS E ADVOGADOS ASSOCIADOS, 2016). Já os jovens, 50,87% são solteiros, 47,40% vivem com cônjuge e filhos – união estável, casados e amasiados –, 1,16% divorciados e viúvos e 0,58% não responderam (FÁVERO; MORAIS, 2015).

Em relação à moradia, 45,09% dos jovens já assumiram a responsabilidade de constituição de uma nova família, dividindo a moradia com cônjuges e filhos, enquanto 43,93% dos jovens ainda moram com a família de origem, 5,78% moram sozinho e 5,20% dividem a moradia com a família de origem e com a nova em constituição. Quanto aos filhos, 53,76% dos jovens possuem filhos, contra 46,34% que não possuem. Dos jovens que possuem filhos, 21,51% são solteiros, 3,23% divorciados/viúvos e morando com cônjuge – casados, amasiados e união estável – somam 75,27% (FÁVERO; MORAIS, 2015).

As pressões e limites no âmbito da família de origem manifestaram-se em duas dimensões, na dependência – financeira e de decisões – e na ajuda da reprodução do núcleo familiar – financeira e com o trabalho doméstico. Por outro lado, na constituição de uma nova família, as pressões e limites expressam-se, principalmente, na reprodução do núcleo familiar. Essa dimensão, relaciona-se, muitas das vezes, com as relações de trabalho e estudos, fazendo com que os jovens sintam sobre si as responsabilidades de adultos, ingressando no mundo do

trabalho e abandonando os estudos.

Antônio ilustra bem essas relações da contribuição da reprodução do núcleo familiar de origem, em que “[...] a situação foi ficando difícil, minha mãe tava sozinha né, que ela separou do meu pai, aí ela ficou sozinha. Aí meus irmãos teve que trabaiá pra ajuda ela... aí eu decidi parar [de estudar] né.” (ANTÔNIO, 2015, p. 23-24).

Na relação financeira com a família, temos um quadro em que 43,35% dos jovens são financeiramente dependentes, enquanto 31,79% dividem os gastos da casa com a família de origem, 14,45% sustentam uma nova família e 10,40% dos jovens são independentes em relação à família de origem (FÁVERO; MORAIS, 2015). Tito é um bom exemplo da pressão que os jovens estão sujeitos na constituição de uma nova família e nas responsabilidades que, principalmente, os filhos trazem:

Eu tenho... que... sete anos que eu to casado, casei novo, sete anos. A pessoa, assim, quando vê a gente, qual é a primeira coisa que pergunta? Cadê o filho? Ah, porque... Eu falo assim... não, eu amo tanto meu filho, que eu antes de tê-lo, eu já quero, já quero... já... prevenir ele de algumas coisas, quer dizer... eu... é... Como que eu vou ter um filho sem ter um... o principal, que é um lugar pra você morar? Não tem um... um... uma base assim, de recursos, as vezes não tem o tempo – filho exige tempo, exige dinheiro, exige muitas coisas. (TITO, 2015, p. 42).

A moradia novamente impõe-se como limites e pressões nas relações familiares, sendo central para a reprodução do núcleo familiar. Dessa forma, percebemos, também, essa preocupação geral entre os jovens na relação familiar, seja no ajudar a comprar os materiais para a construção da casa, assim como no trabalho de construção e no cuidar do espaço. O trabalho doméstico apareceu como uma dimensão em que 95% das mulheres que responderam os questionários têm responsabilidades com trabalho doméstico, o que não ocorria entre os homens, sendo poucos os que contribuem com o serviço em casa (FÁVERO; MORAIS, 2015).

A tendência que encontramos entre os homens que contribuem no serviço doméstico oscilou entre os jovens solteiros que não trabalham e os casados, como é o caso de Tito que contribui com a louça por insistência da esposa, afirmando, ao ser questionado sobre o trabalho doméstico:

[risos]... A muié que arruma as coisas. Nós dividimos mais que eu agora tô... [no caso desempregado]. Ela sempre diz que eu tenho esse... esse defeito, de não ajudar né, em casa. Mas eu to me... me policiando e tentando melhorar isso aí... agora eu arrumo as vasilhas... vasilhas é comigo [risos]. (TITO, 2015, p. 38-39).

Uma questão interessante sobre o trabalho doméstico é a não representação do tal como

trabalho pela relação não assalariada. Durante os questionários, as mulheres respondiam não trabalhar, somente apontando o trabalho doméstico após serem interrogadas sobre tal.

A outra relação de dependência familiar encontrada se deu, sobretudo, na ausência de autonomia nas tomadas de decisões, como ir para a ocupação, por exemplo. Alexandra, ao ser questionada sobre como é a sua relação com a família, ilustra bem essa falta de autonomia: “É mais ou menos. São regras demais. [risos]. Mas dá para conviver.” (ALEXANDRA, 2015, p. 2). No caso, ela já quer ter sua maioridade logo, pois: “Ser jovem... que nem eu falei né... é ser liberto, livre, ser livre. Mas muitas das vezes nem é né. Eles seguram muito a gente dentro de casa...” (ALEXANDRA, 2015, p. 12). Da mesma forma, pudemos notar com Eduardo, brincando conosco na entrevista falando que “sofre violência familiar”: “[risos] Se você sair eu vou te dar umas porradas [risos].” (EDUARDO, 2015, p. 71). E mais a frente, ao explicar o que diferencia os jovens dos adultos:

Ih. Jovem tem que ir pra escola todo santo dia, menos sábado e domingo... e se falta... o bicho pega [meio que caçoando, seguido de risos]. O adulto não... o adulto vai trabaia. O jovem também, se quiser trabaia vai... mas tem que ir pra escola também... Nossa Senhora... Isso que diferencia meu. Eu também não posso dirigir carro, nem moto... se eu for dirigir alguma coisa vai te que ser bicicleta... entrô com o carro em casa já pode ir embora. [risos]. É isso... isso que diferencia. Também não posso ter filho agora...o bicho pega... [...] Minha mãe sempre diz né: Se você trazer um neto pra mim, eu vou pegar e te dar paulada [risos]. (EDUARDO, 2015, p. 71-72).

Apesar das brincadeiras de Eduardo com a relação de autoridade da mãe, essa falta de autonomia entre os jovens foi observada apenas entre os mais novos. Geralmente as relações de trabalho possibilitam uma liberdade da dependência familiar, uma certa associação com autonomia nas tomadas de decisões com a relação financeira. Entretanto, ao mesmo tempo que existe essa vontade de alcançar a maioridade logo entre os jovens mais novos para se libertarem da família, há, como também observa Dayrell (2001, 2003b), no núcleo familiar, uma referência de valores estruturantes em suas experiências. Essa referência questiona a imagem das famílias de periferias como desestruturadas, muitas vezes pela ausência de um pai:

Grande parte das famílias desses jovens não contam com a presença do pai, organizando-se em termos matrifocais, e nem por isso se mostram “desestruturadas”, garantindo, com esforço, a reprodução física e moral do núcleo doméstico. Mais do que a presença ou não do pai, o que parece definir o grau de estruturação familiar é a qualidade das relações que se estabelecem no núcleo doméstico e as relações sociais com as quais podem contar. E nisso a mãe desempenha um papel fundamental. Ela é referência de carinho, de autoridade e dos valores, para a qual é dirigida a obrigação moral da retribuição. Não é de se estranhar que ambos contemplem a mãe nos seus projetos, desejando-lhe uma vida mais confortável. (DAYRELL, 2003b, p.

50).

Essa tendência apontada por Dayrell também foi observada em nossa pesquisa, em que junto ao lado da moradia, uma vida melhor para a família, sobretudo para a mãe, mostrou-se uma característica comum entre os jovens que vivem com a família de origem, mesmo entre os que queixam de pouca autonomia e liberdade:

[...] o sonho da casa própria né... eu também não consegui lá no Minha Casa Minha Vida... tem muitos aqui que era de lá né... não conseguiram lá e vieram pra cá, tentar conquistar seu espaço... [...] Pra mim é... como que chama... é bom ué... Até bom... tá aqui, com minha mãe né... conquistar um terre... a casa própria dela... ajudar ela. (EDUARDO, 2015, p. 72).

Mesclando-se com as relações familiares e de moradia, ainda temos as relações de educação e trabalho, impondo-se como limites e pressões na experiência juvenil, muitas das vezes colocando responsabilidades vistas do mundo adulto, sobretudo no abandono dos estudos pela necessidade de trabalho para a reprodução do núcleo familiar.

3.3 Educação

Ah, os estudos, eles abre as portas né, do futuro. Aí, eu estudei até o ensino médio, quando eu fui pra fazer faculdade... aí apertou um pouco por causa do trabalho, eu dei... eu adiantei, aí da outra vez que eu fui fazer, eu engravidei, parei... mas o estudo, ele é muito importante, pra pessoa ter um futuro, pode escolher um trabalho, uma profissão melhor. (PATRÍCIA, 2015, p. 31).

Os estudos para esses jovens são vistos apenas como ampliadores das possibilidades de trabalho, o que não significa perspectiva de ascensão social, talvez mais como expectativa do que possibilidades concretas. Tito, entretanto, é uma exceção, visto não acreditar que os estudos possibilitam melhores condições de trabalho:

[...] É.. é... assim... porque pra mim, o estudo... no nosso país eu acho um pouco injusto. Porque aqui... eu costumo dizer sempre: aqui no Brasil pra você ganhar dinheiro, você não... não.... não forma pensando que você vai ganhar dinheiro porque é ilusão. Aqui no Brasil a forma de você ganhar dinheiro é sendo empreendedor. Que nem as pessoas que não tem um... um... não sabe nem fazer uma leitura normal e assim... e a pessoa que é formada ganha bem menos que a pessoa que não sabe nem ler, só porque ele teve a ideia de fazer alguma coisa. Então o Brasil é totalmente injusto. (TITO, 2015, p. 39-40).

Mesmo não acreditando em melhores condições de trabalho a partir dos estudos, Tito reconhece a importância do conhecimento e dos estudos na formação humana e, nessa perspectiva, tem como expectativa concluir o curso de teologia (em fase final), fazer um curso

de psicologia e abrir um negócio próprio. Tito foi um entre três – em 173 que responderam aos questionários – que tiveram contato com curso superior, que apesar de presente nas expectativas dos jovens, está longe de ser uma realidade ou materializar-se, como no caso de Patrícia que, enquanto sonha em ser psicóloga, trabalha como fiscal de caixa em uma rede de supermercados para conseguir sustentar a filha.

Pudemos notar uma baixa escolaridade entre os jovens da ocupação, sendo que 41,62% não completaram o ensino fundamental e 32,37% não completaram o ensino médio. Apenas 23,70% dos jovens concluíram o ensino médio que, na visão deles, é a conclusão dos estudos. Entre os jovens entrevistados, 21,39% estão estudando. Notamos uma maior escolaridade entre as mulheres, sendo 54,05% entre os que estão estudando, contra 45,95% dos homens. Entre os que concluíram o ensino médio, 65,85% são mulheres contra 34,15% de homens. Temos uma tendência que a partir dos dezenove anos, cai drasticamente o número de jovens que ainda estudam; 89% dos que estão estudando têm entre 15 a 19 anos, contra 10,81% de 20 a 29 anos (FÁVERO; MORAIS, 2015).

Esse quadro faz com que questionemos a dimensão da moratória concebida pela juventude, alargando o período de estudos e postergando a entrada no mundo do trabalho. Essa vivência juvenil sob moratória está longe para esses jovens, que muitas das vezes são obrigados a abandonar os estudos para a reprodução do núcleo familiar, seja um novo ou o de origem. Há outros motivos que os jovens abandonam os estudos, como é o caso de Rosa, que parou de estudar no primeiro colegial por causa das drogas e agora tem dificuldades para voltar, dificuldade compartilhada por muitos que interromperam os estudos, em suas palavras:

Rosa: Hoje eu sinto falta, porque esses tempo agora eu tentei voltar e fiquei muito sem noção dentro da sala, então eu fiquei com vergonha. Agora eu parei nesse ano passado agora... eu parei por causa de vergonha mesmo, por causa que a matemática e a física já tava bem num nível elevado que eu já nem lembrava mais aí.

Douglas: E você pretende voltar? Concluir?

Rosa: Ah... mas agora acho que não dá não, mas eu queria... ser assistente social, quatro anos só. Cinco ano eu terminaria tudo né, que só falta um ano. Dá pra fazer segundo e terceiro junto e a faculdade, mas... vamo ver né... só Deus agora [risos]. (ROSA, p. 14).

Conforme aponta Dayrell (2007), no Brasil, a partir da década de 1990, há uma ampliação da escola para uma escola de massas, a qual, mesmo recebendo um enorme contingente de jovens das camadas populares, não leva em conta as experiências desses sujeitos. Apesar de se conformar como um espaço de sociabilidade importante, os jovens não atribuem à escola um espaço de referências de valores, mas como um mal necessário, sobretudo para

melhores condições de trabalho:

Dessa forma, a relação dos jovens pobres com a escola expressa uma nova forma de desigualdade social, que implica o esgotamento das possibilidades de mobilidade social para grandes parcelas da população e novas formas de dominação. Neste caso, a sociedade joga sobre o jovem a responsabilidade de ser mestre de si mesmo. Mas, no contexto de uma sociedade desigual, além deles se verem privados da materialidade do trabalho, do acesso às condições materiais de viverem a sua condição juvenil, defrontam-se com a desigualdade no acesso aos recursos para a sua subjetivação. A escola, que poderia ser um dos espaços para esse acesso, não o faz. (DAYRELL, 2007, p. 1122-1123).

Frigotto (2004, p. 188-190) sugere, a partir da longa história de escravidão no Brasil, uma relação entre escolaridade e trabalho a partir das dimensões de classe e raça. Podemos notar, no âmbito da educação, essa necessidade a partir da tendência nacional em que jovens negros têm menos escolaridade, em todos os níveis e idades, que os brancos, da mesma forma que os negros apresentam menos tempo de estudo que os brancos (ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO – OIT, 2015a, p. 11-12). Na ocupação, essa relação parece ser importante, visto que 73,41% dos jovens são negros (FÁVERO; MORAIS, 2015).

Voltando aos jovens que interromperam os estudos, novamente temos uma diferença entre os homens e mulheres quanto aos motivos da interrupção. Quando analisamos os jovens em conjunto, 36,84% deles interromperam os estudos devido ao casamento e/ou surgimento de filhos, enquanto 26,32% por causa de trabalho, 13,68% sem motivo maior, 12,63% por mudança e 5,26% por drogas ou prisão. Outros motivos somados com os que não responderam chega a pouco mais de 5%. Quando analisamos a interrupção a partir de gênero, as mulheres interrompem os estudos por filhos e casamento em 57,45% dos casos, enquanto apenas 10,64% por necessidade de trabalho. Esse quadro inverte-se com os homens, em que 41,67% dos casos de interrupção deram-se por causa do trabalho, enquanto 16,67% responderam interromper os estudos por causa dos filhos (FÁVERO; MORAIS, 2015). Da mesma forma que podemos notar uma maior pressão na esfera da reprodução da vida doméstica nas mulheres, nos homens essa pressão se expressa na orientação para a vida pública e para o mundo do trabalho, característica bem marcante da sociedade brasileira.

A conciliação entre estudos e trabalho não é uma realidade para muitos desses jovens, em que apenas 15% dos jovens que trabalham continuam estudando, como afirma Antônio ao ser questionado se pretende voltar a estudar: “Por enquanto não pretendo não né, porque tá meio difícil né. É muito chato também trabaia de dia e estudar a noite, mas se Deus quiser eu vou voltar ainda.” (ANTÔNIO, 2015, p. 24). Essa dificuldade em relacionar estudo e trabalho torna-

se determinante na experiência juvenil, uma vez, que no Brasil, “[...] o trabalho afasta o aluno da escola, que, por sua vez, afasta o aluno trabalhador.” (SPOSITO, 2004, p. 81).

3.4 Trabalho e renda

A dimensão da moratória juvenil para esses jovens também pode ser questionada na relação com a entrada no mundo do trabalho, sendo muito frequente um ingresso precoce, como o caso de Alexandra, que começou a trabalhar como auxiliar de produção em um pequeno frigorífico aos treze anos acompanhando a mãe, ou com Eduardo que trabalhava informalmente como chapeiro em uma lanchonete aos quatorze anos de idade, que para ele:

Era meio ruim, né! Porque eu trabalhava seis hora. Entrava lá seis hora, saía de lá uma hora da manhã, vinha em casa e acordava seis hora da manhã pra ir pra escola, chegava da escola, arruma a casa, lavava a louça... era correria pra mim. [...] Gostava... porque final de semana eu podia ficar de boa, ir pros lugar né... pro shopping, assistir um filme. É... pra mim era bom. (EDUARDO, 2015, p. 66-67).

Esta fala de Eduardo é característica para demonstrar a dupla dimensão que o trabalho assume para a experiência juvenil. Da mesma forma que afasta os jovens do estudo, traz novas responsabilidades – vistas por eles principalmente como específicas do mundo adulto –, que limitam os processos de lazer e sociabilidade, ao mesmo tempo e por outro lado, possibilitam a vivência da juventude, permitindo uma independência restrita em relação à família, a locomoção entre os circuitos na cidade, um maior consumo cultural assim como no manter o estilo, como fala Alexandra ao ser questionada sobre seus gastos e orgulhosa por sustentar seu próprio consumo:

Eu sou uma pessoa viciada em doces [risos]. E roupa também. Eu compro umas roupas aí. Piercing, principalmente [risos] [ela tem dois piercing na boca]. É, acho que é só isso. Ajudo de vez em quando aqui em casa, prá coisas... tipo alimentos assim. (ALEXANDRA, 2015, p. 4).

Dayrell (2001, 2007) nota essa dupla dimensão do trabalho, em que os jovens por ele pesquisados não o viam, assim como na escola, uma fonte de referências de valores e moral, mas como uma necessidade limitando a condição juvenil, ao mesmo tempo possibilitando um maior consumo cultural e a vivência do próprio estilo. Porém, pudemos notar, diferente da pesquisa realizada por Dayrell, uma realização e referência de valores nesses jovens quanto ao trabalho, pois: “É como se tivesse uma responsabilidade assim a mais. Tipo você focar naquilo sabendo que você é bom naquilo e pra você aprender cada vez com aquilo que você faz, que

você gosta de fazer.” (ALEXANDRA, 2015, p. 3). Como também afirma Patrícia, falando sobre seu trabalho como fiscal de caixa:

Eu gosto de trabalhar lá, assim, a gente tem contato com o cliente direto, já vai ganhando é... como eu posso dizer... já vai ganhando aprendizado, porque a gente vai tendo contato, caso no futuro a gente queira fazer outras coisas, eu gosto de trabalhar lá. (PATRÍCIA, 2015, p. 32).

Na ocupação, temos um quadro em que 57,80% dos jovens fazem parte da população economicamente ativa (PEA), enquanto 42,20% compõem a população não economicamente Ativa (PNEA). A PEA é composta majoritariamente por homens – 66%, contra 34% de mulheres –, enquanto a PNEA é composta majoritariamente por mulheres – 78,08% contra 21,92% de homens. Entre os jovens que compõem a PEA, 47% trabalham com carteira registrada, 35% trabalham informalmente – bicos, *free lancers*, autônomos –, 15% desempregados e 3% com trabalho fixo sem registro (FÁVERO; MORAIS, 2015).

O desemprego afeta de maneira mais intensa os jovens, sobretudo entre 18 a 24 anos. No período que realizávamos o *survey*, o desemprego encontrado estava um pouco acima da estimativa nacional, em torno de 12%, sendo as faixas etárias mais atingidas entre 18 e 19 anos, seguida por 20 a 24 anos (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE, 2015). Em nossa pesquisa, a faixa etária mais atingida pelo desemprego foi, diferente da tendência nacional, os jovens entre 25 a 29 anos, com 53,85% dos desempregados, seguido por 20 a 24 anos, com 38,46% e de 15 a 19 anos, com 7,69% (FÁVERO; MORAIS, 2015).

Ernesto, que sonha em ser músico, vive o drama do desemprego, apesar de até conseguir fazer uns bicos com música tocando em bares, fica refém dos trabalhos que aparece no dia a dia. Após trabalhar um tempo em auxiliar de operação em uma rede de supermercados e, depois, de produção em uma rede de frigoríficos vive dos bicos que aparece e relata a dificuldade de conseguir um emprego fixo:

Eu to procurando, mas na verdade tá mais difícil do que... do que... eles pedem muito, sabe; tem emprego, mas só que eles não escolhem tanto assim, sabe... num... eles fazem, mas pegam poucas pessoas, eles... Eu acho que até uma estratégia que eles fazem, sabe, eles não deixam a pessoa completar o terceiro mês pra num ter... fica só como experiência básica... mas aí, a pessoa perde o direito tudo. (ERNESTO, 2015, p. 57).

A soma de 38% de jovens da ocupação que trabalham informalmente também é reflexo do mundo do trabalho brasileiro, em que a informalidade afeta, também, de maneira intensa os jovens que ficam oscilando entre um trabalho formal e os bicos, como o caso de Antônio, que se profissionalizou em serralheiro, mas faz bicos com fundação de prédios, ou com Tito, que

estava fazendo bicos com serralheria, mesmo sendo mecânico industrial. Para Cardoso (2012), é típico do mercado de trabalho brasileiro a alta rotatividade nos empregos formais:

Em uma palavra (e como é sabido), o mercado formal é caracterizado por altas taxas de rotatividade, tanto mais altas quanto mais jovens os ocupados. Mais ainda: quanto mais empregos são gerados, maiores as taxas de rotatividade. Na verdade, as chances de emprego de diferentes coortes de idade são uma função combinada da criação de empregos e da rotatividade, com idade, escolaridade, sexo, raça [...] e outros atributos jogando um papel importante, mas subsidiário. Novos postos de trabalhos são ocupados por novos entrantes e por pessoas que perderam seus empregos para outros, e, em um prazo muito curto. O mercado formal pode ser uma “terra de sonhos” para boa parte dos trabalhadores, mas não é garantia de segurança no emprego. E quanto mais passa o tempo, mais ele se revela como uma experiência ao mesmo tempo múltipla e fugaz nas biografias de jovens e velhos igualmente. (CARDOSO, 2012. p. 94).

Aliado as dimensões do desemprego e da informalidade que atinge os jovens, temos a precarização do trabalho que eles estão inseridos. Apesar do aumento no número de emprego nas últimas décadas, esses se davam, na maioria das vezes, nas faixas salariais mais baixas e, ainda mais, essas vagas eram preenchidas em sua maioria pela faixa etária entre 25 a 34 anos (CARDOSO, 2012). No caso da ocupação, podemos notar essa precarização pela baixa faixa salarial e altas jornadas de trabalho que os jovens – e seus familiares – estão submersos. Entre os jovens que trabalham, 23% deles trabalham oito horas por dia e outros 23% trabalhando nove horas. Ainda encontramos 6% que disseram trabalhar doze horas por dia e 5% dez horas (FÁVERO; MORAIS, 2015).

Quanto à renda, 68,97% dos jovens recebem menos de 1,5 SM – 6,90% recebem menos que 0,5 SM, 25,29% entre 0,5 e 1 SM, 36,78% entre 1 e 1,5 SM –, 17,24% recebem entre 1,5 e 2 SM e 9,20% recebem mais que 2 SM. Quanto à renda familiar, 33,53% recebem entre 1 e 1,5 SM, 10,89% entre 1,5 e 2 SM, 12,14% entre 2 e 2,5 SM, 9,25% entre 2,5 e 3 SM, 9,83% recebem mais que 3 SM e 21,89% não sabiam ou não responderam. Houve, também, uma pequena parte de 2,89% dos jovens que responderam viver com menos de 1 SM como renda familiar. Entre os jovens que trabalham, 60% deles têm empregos como atendentes, balconistas, telemarketing, *fast food* e serventes, seguido por 13,43% que trabalham como diaristas, domésticos, cuidadores, cabelereiros e vendedores autônomos de cosméticos; trabalhadores da indústria (geralmente auxiliares) e da construção civil somam 11,94% e autônomos 10% (FÁVERO; MORAIS, 2015).

Rosa (2015, p. 14-15) começou a trabalhar desde a infância vendendo temperos com os pais. Compravam os temperos em grande quantidade no Ceasa, embalavam e revendiam em

feiras. Após isso nos conta que já trabalhou em: “Restaurante, já trabaiei de telemarketing também, manicure, cuida de cabelo dos outros, vendedora, que eu tenho curso”. Sendo o seu primeiro emprego como “doméstica e faxina memo. Eu sempre gostei de fazer faxina, porque é um dinheiro mais fácil, rápido – cabou, recebeu...”.

Para a OIT (2015b, p. 9), as causas das condições precárias de trabalho e desemprego na juventude relacionam-se em três dimensões, o perfil dos jovens – sua baixa escolaridade, experiência e propensão a aceitar postos de trabalho precários –, questões estruturais, culturais e históricas de desenvolvimento brasileiro e insuficiência e inadequação de políticas públicas para a inserção do jovem no mercado trabalho. Entretanto, para Alves (2012), esse quadro resulta do processo de reestruturação produtiva do capitalismo, que emerge no Brasil a partir dos anos de 1990. Essa reorganização do capital conforma uma nova forma de trabalho, perpassando por salários mais precários, maior desgaste mental do trabalhador, perdas de benefícios sociais, rotatividade, terceirizações, entre outros. Esse processo gera uma nova forma de trabalhador, o precariado, assim:

O precariado é constituído, hoje, por jovens empregados e desempregados do novo mundo do trabalho [...]. Uma de suas características candentes é a invisibilidade social, tendo em vista que estão incorporados em formas atípicas e instáveis de contratação, que disfarçam as relações empregatícias. Além disso, não possuem representação sindical, o que os coloca à margem da camada estável do proletariado organizado. (ALVES, 2012, p. 11).

Outra dificuldade para esses jovens está na questão do primeiro emprego, em que a falta de experiência impõe-se como uma pressão limitante ao lado da necessidade de continuar os estudos. Para Patrícia, a grande dificuldade ao procurar o primeiro emprego foi a timidez, relatando que: “[...] foi mais complicado, a gente não conhece muito bem... eu no meu caso, eu era muito tímida, não relacionava com ninguém, ficava mais quieta... aí isso era mais complicado pra trabalhar.” (PATRÍCIA, 2015, p. 33). Tito, por sua vez, ingressou no mundo do trabalho em uma fábrica que produz equipamento de proteção individual, encontrando como dificuldade a conciliação com os estudos:

Estudava... trabalhava de dia... estudava a noite e trabalhava de dia. Eu lembro que eu chegava em casa 7h15 pra tá na escola 7h30. Quer dizer, eu perdia... perdia a primeira aula e lembro que esse ano, que eu tava cursando o terceiro ano do ensino médio, eu fiquei devendo duas matérias, por quê? [...] Física e biologia, porque era sempre o primeiro e o último horário. O primeiro eu não tinha chegado e no último eu já tava dormindo [risos]... então... é bastante cansativo... e... e... um trabalho industrial... e eu pegava oito ônibus por dia, quatro pra ir e quatro pra voltar. Então você imagina, eu acordava quatro horas da manhã... foi bastante cansativo, foi puxado com força. (TITO, 2015, p. 41).

Apesar das dimensões precárias de trabalho, ainda há nessa relação alguma referência na constituição de valores. O trabalho, além da possibilidade de vivência da juventude pelo poder de compra, apresentou-se como um importante espaço de sociabilidade, sobretudo para os jovens mais velhos. A tendência que encontramos quanto aos grupos de pares, foi um distanciamento dos grupos formados a partir da escola para os grupos formados em torno do trabalho e da família, como Patrícia (2015, p. 32): “[...] lá nós temos amizade por fora do trabalho também né. De vez em quando nós sai, vai nos bares, ou vai no shopping, nós temos relação por fora também.”. Ou com Antônio, que praticamente não separa as relações de amizade com as de trabalho: “Amigos né... quando nós trabalha... mais... é só os amigo memo... conheço faz muito tempo, e nós... de vez em quando nós encontra ai. [...] Nós faz um churrasquinho... faz... a gente bebe uma cervejinha, fica de boa.” (ANTÔNIO, 2015, p. 24).

As pressões e limites colocados pelas relações de trabalho adentram-se para outras dimensões da vida social, como a família, a educação e a moradia, o que separamos apenas para fim expositivos. Essas relações em conjunto apresentam-se como determinantes na experiência juvenil, sobretudo trazendo responsabilidades e práticas consideradas como do mundo adulto, o que também expressa na juventude, tornando uma experiência juvenil distinta de outras camadas sociais.

Para esses jovens, as relações de trabalho e educação colocam-se mais como expectativas do que possibilidades reais. Buscam uma melhor educação para ter um melhor trabalho, enquanto isso, abandonam os estudos, sobretudo pela necessidade de reprodução do núcleo familiar e, nessa relação, mantêm-se em trabalhos precários. Portelli (1993) analisando relatos de militantes comunistas no pós-guerra italiano nos ajuda a compreender essas narrativas, trabalhando com a noção de uchronia. Nesta, as narrativas aparecem como caminhos que a história poderia ter tomado, mas não tomou, mudando as narrativas em torno de alguma derrota histórica, para ele:

A uchronia, assim, resguarda a preciosa consciência da injustiça do mundo existente, mas fornece os meios de ressignificação e reconciliação. Na medida em que aviva as chamas do descontentamento ao revelar a contradição entre realidade e desejo, faz com que esta contradição não ecloda em conflito aberto. (PORTELLI, 1993, p. 58).

Entre os jovens do Élisson Prieto, a uchronia aparece nas narrativas não como caminhos diferentes que a história poderia ter tomado, mas nesse conflito, ou no deslocamento do conflito, entre realidade (possibilidades) e expectativas. O deslocamento desse conflito se dá por trazer essa contradição entre realidade e desejo para o âmbito individual e não social. Dessa forma, os

jovens vislumbram empregos melhores a partir de melhores estudos, colocando-se como próprios culpados por seus trabalhos precários.

Essa dimensão das expectativas expressa relações que estão no social, permeadas nas representações (dominantes) de ascensão social pelo trabalho, que não está colocado, de fato, objetivamente. Da mesma forma, cai por terra, também, a representação sobre a própria juventude, vivida por esses sujeitos com relações que se mesclam entre o mundo juvenil e o mundo adulto, sobretudo pelo abandono da escola e entrada precoce no mundo adulto, criando, de certa maneira, uma uchronia sobre a própria representação do que é ser jovem.

As relações sociais apresentadas como limites e pressões, como determinantes da experiência juvenil, também adentram a dimensão da sociabilidade, nas chamadas instâncias clássicas de socialização (DAYRELL, 2001; GROPPPO, 2000). Optamos por não as incluir, apesar de pontuá-las, no capítulo seguinte, visto, ao que nos parece, são relações que expressam de maneira mais intensa a necessidade de reprodução do ser social, mesclando com relações de sociabilidade da infância e da idade adulta. Portanto, apresentamos a seguir as relações de sociabilidade que se manifestaram mais intensamente na experiência juvenil, mesmo que essas relações também se apresentam como limites e pressões e como determinantes na reprodução do ser social, como constitutivas.

CAPÍTULO 4 – A SOCIABILIDADE JUVENIL NA PERIFERIA

Todas essas dimensões da vida social discutidas no capítulo anterior mostram os limites e pressões impostos na experiência juvenil, muitas vezes limitando, muitas vezes negando a vivência da própria juventude. Entretanto, ao mesmo tempo que ela é negada ou limitada, é também vivida e afirmada, sobretudo pelos espaços de sociabilidade que os sujeitos aqui elencados criam e significam, pelas expressões culturais e literárias, assim como nas formas de manifestação dos estilos, modos de ser jovem e no uso do tempo livre.

As determinações objetivas não esgotam a prática humana, mas estabelece até onde ela pode ir e para isso, muitas são as possibilidades. Sob os limites e pressões, os sujeitos agem, criam novas práticas e ressignificam outras a partir da experiência, que tendem a ser incorporadas imediatamente pela lógica dominante, mas podem, também, conformarem-se como resistências, ou meramente alternativas (WILLIAMS, 2011). Dessa forma, a vivência da experiência juvenil realiza-se a partir das particularidades de relações que os sujeitos estão inseridos, nos seus modos de ser jovens, dentro dos limites e das possibilidades concretas.

4.1 O tempo livre e a sociabilidade

Poucos foram os jovens que responderam participar de algum grupo mais frequente ou formal, representando 15,61%. Destes, a maioria, frequentam espaços em torno da religião, sobretudo as células, sendo 48,15% (voltaremos a esse ponto). Em segundo lugar aparece grupos em torno do esporte com 26,93%, principalmente o futebol, vôlei e bicicleta, sendo frequentados em outros bairros com a frequência de jovens também de outros bairros e grupos. O último significativo, foi grupos que se encontram frequentemente na rua, em alguma praça, ou esquina, o que Magnani (2005) chama de “pedaço”, representando 18,52% (FÁVERO; MORAIS, 2015).

Entretanto, partindo dessa categorização (feita pelos próprios jovens), a rua aparece como sub-representada, visto que, quando questionados sobre o que faziam nos momentos de lazer, a maioria respondeu alguma atividade relacionada, de certa maneira, com a rua, somando 21,97%, em que essas atividades giravam em torno de esportes (diferenciado do grupo anterior por ocorrer próximo de casa, enquanto aqueles ocorriam em quadras, campos ou parques com grupos de outros bairros), sobretudo o futebol, de brincadeiras de época, no caso a pipa e, até mesmo, no simples encontrar os amigos e conversar. Em seguida à rua, sair com a família aparece com 17,92%, descansar e aproveitar a família com 16,18%, atividades em casa 14,45%,

festas, sair com amigos e beber aparecem com 6,38%, acampar com 4,05% e religião com 2,89%. Houve ainda significativos 15,03% que responderam não ter lazer e apenas trabalhar e/ou cuidar do núcleo familiar e 1,16% que não responderam (FÁVERO; MORAIS, 2015).

Quanto aos grupos de pares, os questionários e a abordagem estatística tornam-se limitados para captar, pois além de serem uma questão tão comum e naturalizada para os jovens, mesclam-se com diversas dimensões do vivido, como os já citados casos nas relações de trabalho e educação. É possível notar algumas relações dos grupos de pares com a escola nos jovens mais novos e nos que estão estudando, assim como no trabalho para os jovens mais velhos ou que trabalham e estudam. Como nos casos apresentados de Patrícia e Antônio que estabelecem redes de amizades no trabalho, ou no de Alexandra (2015, p. 5), que, como trabalha com a mãe, as amigas são: "Todas da escola. A gente fica fofocando [risos]. Fofoca [risos]. Conversando sobre as outras amigas, conversa sobre meninos [risos]. Vai e sai... assim."

Esses grupos de pares pareceram responder demandas de comunicação e reflexão de experiências em comum da juventude, não experimentadas por outros espaços de socialização, como demonstra Eduardo (2015, p. 70), afirmando não conversar sobre sexualidade com a família, pois: "Ah vei... dá vergonha né mano... falar isso na frente da mãe.", e mais afrente afirmando conversar com os amigos: "Ah... conversa uns trens aí... umas fofoca pra lá, umas prá cá [risos]... principalmente com esse cara aqui ó [apontando para um amigo que chegou durante a entrevista]". Alexandra responde na mesma perspectiva, com a diferença de ter uma irmã²⁶ de quase a mesma idade:

Com meus amigos sim, com minha família não. Só com minha irmã, da família assim, só minha irmã. Minhas amigas... sei lá... elas entende... se eu for conversar com minha mãe, acho que ela não entende, aí eu saio andando, deixo ela falando sozinha. Aí com minha irmã, como ela é mais ou menos da minha idade assim, um pouco mais velha, dois anos mais velha, mas eu acho que ela entende bem também. Ela é casada, mas deve entender. (ALEXANDRA, 2015, p. 10).

A partir da terminologia de Magnani (2005), pudemos identificar alguns lugares comuns, ou pedaços, manchas e trajetos, frequentados por esses jovens, como algumas praças nos bairros ao redor do Glória, o Terminal de ônibus Santa Luzia²⁷ e os arredores e,

²⁶ No caso, a irmã de Alexandra participou dos questionários, visto que não mora com ela e foi sorteada na amostragem. Entretanto, na busca da diversidade, ela não foi sorteada para as entrevistas de história oral.

²⁷ O Terminal de ônibus Santa Luzia é o principal ponto de ônibus que vai para o bairro Élisson Prieto, em seu arredor conta com alguns estabelecimentos como bares e lanchonetes que, junto com a demanda de ônibus, aglutinam alguns jovens, enquanto outros se aglomeram na avenida em frente ao terminal para simplesmente passar o tempo.

principalmente, o Parque do Sabiá²⁸, mostrando-se um importante local de encontro dos jovens, seja para a prática de esportes ou simplesmente de encontro. Entretanto, esses encontros tomam outras territorialidades e, muitas das vezes, dão-se em diversos grupos diferentes, como relata Ernesto sobre a relação com os amigos:

Douglas: E o que vocês costumam fazer aqui no bairro?

Ernesto: A gente jogamos futebol, a gente conversamos, conversas de amigos... sobre vários assuntos, sobre garotas, sobre... futebol, sobre cidade natal, sobre tudo [risos].

Douglas: Você costuma frequentar bares, festas?

Ernesto: Normalmente eu num... eu gosto de frequentar poucos bares, mas é... balada, essas coisas eu não sou fã, não gosto.

Douglas: Você costuma frequentar atividades culturais?

Ernesto: Nossa, é muito difícil né...

Douglas: Shows, feiras, teatros, ou outras quaisquer?

Ernesto: Até hoje não... não, no teatro eu fui sim, mas poucas vezes, muito poucas vezes.

Douglas: Quando você vai no Teatro Municipal é para ficar mais do lado de fora?

Ernesto: É... mais para ver certos grupos e amigos que eu não vejo há muito tempo [risos]. (ERNESTO, 2015, p. 60).

Ir ao Teatro para ficar do lado de fora à primeira vista não parece fazer muito sentido, até passarmos pelo local em um fim de semana no final da tarde e vermos a aglomeração de jovens em suas dependências, alguns andando de skate, outros ouvindo música, ou nas palavras deles “curtindo um som”, e aqueles que simplesmente estão ali, trocando uma ideia.

O *funk* apareceu como um circuito interessante, porém limitados a alguns bairros, sobretudo o Dom Almir²⁹, o qual existe um forte movimento cultural em torno do *funk*, bastante frequentado por Antônio (2015, p. 26): “É... nós costuma ir mais é pro funk né. Todo fim de semana nós tá indo. [...] Aqui... aqui não tem né. Nós vai pro Dom Almir... tem o funk lá. [...] Todo fim de semana nós tá lá [risos].”. Apesar de hoje não haver festas de *funk* na ocupação, houve, no início, algumas bastante frequentadas por jovens, inclusive de outros bairros, como relata Alexandra (2015, p. 12): “No começo tinha muito, todo mundo vinha pra cá. [...] daqui eu nunca fui. Eu fiquei sabendo porque minhas amigas sempre tavam lá.”.

Esses espaços de sociabilidade, sejam as festas de *funk* ou simplesmente grupos de amigos dando um “rolê”, podem ter uma territorialidade concreta, como o caso da rua, ou da quebrada, no pedaço. Entretanto, outras formas e possibilidades extrapolam o pedaço ou a

²⁸ O Complexo Parque do Sabiá, localizado na Zona Leste de Uberlândia, possui uma área de 1.850.000 m², possuindo bosques, lagos e represas, zoológico, lanchonetes e locais para atividades esportivas, como pistas de atletismo, quadras, campos e piscinas, possibilitando para a população um espaço de práticas desportiva e de lazer (PMU, [201-]).

²⁹ Para ter uma dimensão do *funk* produzido e vivido pelos jovens no bairro Dom Almir, cf: É o fluxo (2014).

territorialidade em torno do bairro e avançam para outras localidades, sendo permanentes – nesse caso um grande lugar comum encontrado foi o Parque do Sabiá – ou transitórios – como as festas de *funk*, praças, bares e estabelecimentos que os jovens costumam se encontrar por um tempo, o que Magnani (2005) chama de “trajetos”. É comum, também, os mesmos grupos de pares frequentarem vários espaços e territórios diferentes, nos trajetos e circuitos. Outros espaços ainda podem perder a territorialidade, como o *hip-hop* que toma dimensões nacionais, assim como as redes sociais, que desempenham um importante papel de sociabilidade entre os jovens.

Espaços de sociabilidade juvenil também são criados e vivenciados nos âmbitos familiares, de trabalho e, sobretudo, escolares, nas chamadas instâncias clássicas de socialização. Entretanto, os grupos de pares, que assumem tanto a dimensão do pedaço quanto de estilos mais amplos, como o *hip-hop*, parecem cumprir um importante papel no extrapolar essas instâncias clássicas e na experimentação de relações sociais mais amplas, sendo uma mediadora de valores, visões de mundos, práticas e modos de ser. Dayrell (2001) demonstra essa dimensão em torno da produção musical, entretanto, parece-nos bastante significativo em outras esferas, como no lazer, no tempo livre e na relação com os amigos, visto que poucos são os jovens envolvidos com produções musicais e os espaços de sociabilidade sempre aparecem em outros âmbitos para além da música.

Notamos um padrão nesses espaços entre os jovens pesquisados, sobretudo quanto aos sexos. Enquanto as garotas frequentam lugares como parques, praças e alguns estabelecimentos (lanchonetes, bares, shopping), os garotos costumam encontrar-se, além desses, na rua e alguns pontos públicos, como terminal de ônibus, campos de futebol, ou simplesmente em uma esquina. Notamos também, uma relação desses espaços com as dimensões escolares, de trabalho e familiares, enquanto jovens que estudam tendem a encontrar-se com amigos da escola e do bairro, os que trabalham tendem a relacionarem-se com grupos de pares do trabalho. Já os jovens que assumiram responsabilidades com a constituição de uma nova família, essas relações de lazer e tempo livre giram em torno dos parentes. Mas são percepções que ainda carecem de um aprofundamento empírico que se torna limitado no âmbito dessa pesquisa.

4.2 Comunicação, literatura, produção e acesso cultural

Apontamos a internet, sobretudo as redes sociais, como uma ferramenta que vem assumindo uma importância na sociabilidade juvenil. Da mesma forma, a internet supre uma demanda de informação e comunicação, assim como de consumo e acesso cultural, como

aponta Simone (2015, p. 53) ao ser questionada sobre como costuma se informar: “Internet, muita internet... assim... eu procuro muita coisa na internet. Televisão eu não sou muito fã de ver, é muito difícil eu assistir televisão, eu uso mais internet mesmo.”. A internet, para alguns desses jovens parece substituir várias dimensões da literatura³⁰, inclusive de leitura, como aponta Antônio (2015, p. 26):

Douglas: E você costuma ler?

Antônio: Não... ler eu não costumo a ler não... [risos]. Muito difícil eu tá lendo um livro assim... esses trem... eu gosto de jornal, de revista... de vez em quando eu vejo, eu leio... só.

Douglas: Como você costuma se informar?

Antônio: Uai, internet né. Internet... nem vejo muita televisão né, é mais a internet.

Douglas: Você usa muito a internet?

Antônio: Vish! Muito. Internet eu curto.

Douglas: E o que você costuma fazer na internet?

Antônio: Uai... é Facebook, Whatsapp, pesquisa no Google... esses trem.

A leitura, com algumas exceções, parece não fazer parte do cotidiano dos jovens, ou melhor, parece ser deslocado de livros, revistas e jornais para a internet, como também demonstra Eduardo (2015, p. 68), ao ser questionado sobre o hábito da leitura: “Ahhh... já é meio difícil. Só ler no Face... [risos]”. Como também demonstra Rosa, que no caso não tem acesso à internet:

Douglas: Você costuma ler?

Rosa: Já li, hoje não

Douglas: E o que você costumava ler?

Rosa: Jornal, porque jornal edifica né, na palavra e aprende também falar português correto. Jornal eu lia muito. Hoje eu só... só leio intimação quando chega [risos].

Douglas: Como você costuma se informar?

Rosa: Televisão, meu marido, meu marido também, ele vê muito jornal.

Douglas: E internet? Você costuma acessar?

Rosa: Não. Desde quando eu fiz curso [...] é porque não tem condição mesmo. Nem celular não tem, o meu tinha internet, mas agora não tem mais. (ROSA, 2015, p. 17).

A falta de acesso à internet de Rosa não é um caso isolado, pois boa parte dos jovens que pesquisamos não possuem computador em casa nem acesso à pontos de internet, valendo-se do celular para usá-la, limitando suas possibilidades, como afirma Patrícia (2015, p. 34): “Douglas: E internet, você utiliza? Patrícia: Só no telefone... só no celular. Douglas: O que você

³⁰ Falamos de literatura com uma dimensão ampliada, como a compreende Williams (2011, p. 62), acrescentando “[...] à literatura as artes visuais e a música, e em nossa própria sociedade as artes poderosas do cinema e da radioteledifusão”.

costuma acessar? Patrícia: Só Whatsapp, Face... aí de vez em quando eu faço algumas pesquisas, mas não dá pra fazer muito né... é só isso que eu utilizo.”. Dessa forma, Pàmpols (2004) afirma que a era da informação traz uma nova forma de desigualdade, a digital. Por outro lado, a internet possibilita, de certa maneira, um acesso cultural negado para os jovens, como afirma Alexandra quando questionada se costuma frequentar atividades culturais:

Não. Prefiro meu telefone, lá tem tudo. Sei lá, eu nunca tentei ir. Nunca fui pra saber. Eu falo que eu não gosto mas eu nunca fui. Falta de tempo também né, tipo, falta de tempo de vergonha na cara [risos]. Fico em casa o dia todo... falta de dinheiro, vamo colocar assim. É tudo longe, aí você tem que ajudar dentro de casa, comprar alguma coisa pra você, você até esquece de lazer, essas coisas assim. Tem que pegar ônibus, voltar... nossa, tá cara a passagem, não vou não. (ALEXANDRA, 2015, p. 6).

Podemos ver também, essa relação quando Ernesto afirma ir ao teatro apenas para ficar ao lado de fora, não utilizando da estrutura e das apresentações, mas apenas o local e o espaço externo. Para além das festas de finais de semana com amigos e no *funk*, os jovens não costumam participar de shows, feiras, atividades culturais ou esportivas, apenas, e de vez em quando, um cinema. Essa tendência de poucas possibilidades de acesso e consumo cultural manifesta-se também a nível nacional, em que, quase 60% dos jovens nunca frequentaram bibliotecas fora de suas escolas, 65% nunca frequentaram teatros, 71% nunca frequentaram exposições de arte ou fotográficas, 58% nunca frequentaram eventos esportivos e 62% nunca frequentaram atividades culturais (SNJ, 2013). Para Dayrell, isso é uma nova face da desigualdade social:

[...] Vivemos, no Brasil, uma situação paradoxal, na qual a modernização cultural que vem ocorrendo nas últimas décadas não veio acompanhada de uma modernização social. Dessa forma, se há ampliação do mercado de bens materiais e simbólicos, há restrição ao seu acesso, sendo uma das faces perversas da nova desigualdade. Esses jovens se vêem, assim, privados do emprego, acompanhados da limitação de meios para a participação efetiva no mercado de consumo, da limitação das formas de lazer, muitos deles fora da escola, sem acesso a uma capacitação cultural, enfim, limitados dos direitos de vivenciar a própria juventude. É nesse contexto que os grupos culturais devem ser situados e compreendidas as formas de sociabilidade criadas. (DAYRELL, 2005, p. 313-314).

Apesar do autor referir-se a grupos musicais, esse contexto é vivido pelos jovens da ocupação, que muitas das vezes não têm a possibilidade da produção musical coletiva, como são os casos de Simone e Ernesto. Ambos sonham em ser músicos, utilizando parte do tempo livre compondo poemas e canções. Simone oscila entre o sonho de ser médica e o de ser música, enquanto Ernesto tem a esperança convicta em ser músico, conseguindo até ganhar alguns

trocados com música, afirmando: “Eu quero voltar a estudar, fazer música. Tentar uma cadeira na Academia de Letras, quem sabe [risos].” (ERNESTO, 2015, p. 57).

A música toma uma dimensão importante para esses jovens, em que todos a vivenciam de maneiras distintas, alguns apenas ouvindo – Patrícia e Rosa, por exemplo –, outros produzindo – como Ernesto, Simone e Tito, que toca violão e usa nas atividades da Igreja – e outros mais fiéis a um tipo de música, compondo um estilo – como o caso de Antônio com o *funk* e Ernesto com o *rock*. Nesses últimos, é visível a dimensão do estilo, como aponta Dayrell (2001), na constituição dos modos de ser jovens perpassando pela música, pela linguagem e visual, dimensões, para Williams (1979), constitutivas do ser social. Entretanto, a dimensão do estilo não se apresentou de maneira significativa em nossa pesquisa para compreender os modos de vida do conjunto dos jovens.

O consumo cultural ainda perpassa a dimensão do cinema e da televisão, em que muitos dos jovens dizem acompanhar algum tipo de programação, como novelas, filmes e telejornais, sobretudo os que não têm tanto acesso à internet. Importante ressaltar, que aliado ao acesso literário pela mídia, os jovens também a utilizam como fonte de informação, em que, mesmo os que possuem acesso à internet valem-se de fontes hegemônicas da grande mídia, com exceção de Tito, que mesmo com pouco acesso à internet prefere fontes alternativas de informação, como jornais impressos e alternativos, devido à manipulação da grande mídia.

4.3 Religião

A dimensão religiosa mostrou-se bastante significativa entre os jovens na ocupação, em que 64,74% deles responderam frequentar alguma religião e, destes, 61,61% responderam frequentar pelo menos uma vez por semana. Entre as religiões frequentadas, os jovens distribuem-se em: 67,86% Protestantes, 30,36% Católicos, 2,68% Adventistas, 0,89% Testemunhos de Jeová e 0,89% não responderam (FÁVERO; MORAIS, 2015).

Na tradição marxista, o tema da religião foi visto, muitas vezes, a partir da citação de Marx:

A miséria *religiosa* é, num aspecto, a *expressão* da miséria real e em outro, o *protesto* contra a miséria real. A religião é o suspiro da criatura atormentada, a alma de um mundo sem coração, da mesma forma que é o espírito das situações desprovidas de espírito. É o *ópio* do povo. (MARX, 2010, p. 30-31, grifos do autor).

Muitas das vezes, a religião é vista apenas como ópio do povo e outras conseguindo

trazer a uma dimensão mais fiel a leitura de Marx no momento da obra, como uma dupla dimensão, na legitimação e reprodução da ordem existente, assim como um papel crítico e de protesto, como uma negação das relações materiais. (LÖWY, 2007).

Entretanto, o tema é um pouco mais complexo. Nas formulações posteriores de Marx e Engels, a religião toma outra dimensão, como parte de uma formação cultural que permeia as relações materiais a partir da luta de classes. Dessa forma, distintos autores levaram adiante essa discussão em várias direções. Thompson (2012a), por sua vez, analisa a influência do metodismo tanto na emergência do livre mercado como na pressão moral, sobretudo no controle e na disciplina do trabalho, ao mesmo tempo que influenciou na formação da classe trabalhadora a partir de valores de solidariedade, do acolhimento e formas de auto-organização e autoeducação, em que os dogmas se misturavam às crenças populares em uma ressignificação, a partir da experiência, de práticas e valores.

Essas formulações orientaram-nos em como compreender a dimensão da religião entre os jovens, parecendo manifestar-se tanto como uma pressão moral, assim como na busca (afirmação e negação das relações materiais) de um mundo melhor e acolhimento. Essas manifestações não se contradizem, ou excluem-se, mas se inter-relacionam, podendo manifestar-se ao mesmo tempo sob distintas formas. Quanto às pressões, Alexandra (2015, p. 4) oferece-nos um exemplo, contando sobre como se sentia obrigada a frequentar uma religião: “Sei lá, tipo, todo mundo tá indo, você também tem que ir. Acho que, tipo assim, me chamavam e com medo de dar um não e a pessoa achar ruim, eu falava: ‘Não... eu vou’. Mais ou menos isso.”.

A pressão, sobretudo moral, que a religião impõe sobre os jovens torna-se difícil de captar pela história oral, necessitando outras técnicas de pesquisas inviabilizadas pelo tempo do mestrado, entretanto, algumas pistas surgiram, como Ernesto, ao falar sobre o que não gosta na religião (apesar de frequentar várias):

[...] mais o modo das pessoas agirem com as outras, porque assim... uma pessoa, ela tá indo pra buscar Deus, não importa se ela tem um alargador, se ela tem um brinco, o importante é ela tá buscando aquilo, saca... buscando a Deus né... o importante... é viver, não importa como você vive, como... o que você faz... o importante é fazer o que gosta né, ser quem você é. (ERNESTO, 2015, p. 59).

Pudemos percebê-la, também, por meio da fala de Tito, que, estando nos dois lados da relação, conta-nos sobre como é ser pastor de jovens:

Ah... é desafio, é desafio... bastante desafiador. Porque, hoje em dia, os jovens têm muitas opções, assim... você... você... o leque pra eles é bastante aberto.

Então, você tentar encaixar alguma coisa na cabeça dos jovens, é difícil, porque os jovens costuma ser meio... é... não pensa nas... nas consequências, é inconsequente. [...] Quer dizer, as pessoas... passa muito rápido e os jovens não percebe isso, um exemplo... quando eu acabei o ensino médio, eu fui direto fazer um curso, eu fui tentar fazer um... fui na... fazer um... um... um curso preparatório pra fazer uma faculdade, eu queria fazer psicologia na época, aí falei não... deixa, deixa... no ano que vem eu faço... não, o ano que vem eu faço. Então, assim, o tempo vai passando, a gente não... num... num pensa nas consequências do amanhã. Então, pra você colocar na cabeça dos jovens que... que... que o amanhã... já é hoje, você tem que correr, o tempo tá passando e passa rápido. Gente ó... vamo... vamo... plantar alguma coisa que... pra colher é difícil, então vamo começar a plantar, que, quando chegar amanhã, você vai olhar pra trás e falar: eu tenho uma base, eu construí alguma coisa, mas eles não pensam assim, eles querem viver a vida assim... de qualquer maneira, e é difícil. (TITO, 2015, p. 42-43).

Tito diz tentar não interferir nas escolhas dos jovens, buscando sempre apenas se colocar como exemplo e estimular as escolhas de maneira críticas. Entretanto, sua fala traz elementos que contradizem essa intenção, no tentar “encaixar alguma coisa na cabeça dos jovens” acaba sendo, mesmo que nas melhores intenções, uma disputa dos destinos, práticas e visões desses jovens, como sugere Groppo (2000, p. 45) referindo-se a grupos juvenis incentivados e criados por adultos, como o caso da religião, que “procuram o comprometimento dos jovens com as metas específicas da organização e o desenvolvimento da lealdade desses jovens para com a organização.”. Pudemos perceber essa dimensão nos espaços religiosos voltados especificamente para jovens (voltaremos a estes), como explica Alexandra sobre discussões realizadas nas células:

Tipo assim, se você tem uma discussão dentro docê assim: tipo... não... será que existe mesmo Deus? Aí eles vão sentar com você, vai conversar, vai te explicar direitinho porquê e tentar tirar isso da sua mente. É meio que isso [risos]. (ALEXANDRA, 2015, p. 4-5).

Alexandra, apesar de frequentar por bastante tempo a igreja sentindo-se forçada, abandonou a religião, inclusive os espaços para jovens que gostava mais de frequentar e sentia-se mais à vontade. Entretanto, a dimensão mais presente, no âmbito da religião, nos relatos dos jovens girava em torno de uma vida melhor, como o já mencionado caso de Eduardo que via na religião uma forma de não se envolver com as drogas:

[...] Pra mim é uma vida melhor... em vez de você ficar aí na esquina vendendo droga, tiver o risco de ser morto né... ir preso. Pra mim é melhor, já fico mais de boa. O colega ali é pastor também [apontando para uma casa da frente], vou... vou pra Igreja mais vezes. Pra mim é legal. (EDUARDO, 2015, p. 67).

Essa vida melhor, muitas vezes manifesta-se na perspectiva apontada por Marx, de expressão e negação das relações materiais, como mostra Ernesto:

A religião é mais um aprendizado também, porque... a gente tentamos buscar uma paz sabe... que no mundo aqui fora não tem, na verdade, então a gente vamos na Igreja mais para buscar isso, pra buscar Deus... pra sentir uma paz, um pouco de paz. (ERNESTO, 2015, p. 58).

Essa dimensão, possibilita uma pressão no âmbito da deferência quanto a Deus, colocando-o como centro da referência moral e de valores, orientando toda uma prática social, como expressa o relato de Simone:

E acho muito importante, sabe... a fé da gente é o que move montanhas, como se diz. Acho muito importante a gente ter... assim... eu mesmo, tudo o que vou fazer, primeiro eu coloco Deus em primeiro lugar... então... gosto muito de ajudar as pessoas também, da Igreja... Todo final de semana a gente vai, eu e minha mãe, e a gente lava a Igreja, a gente que ajuda, a gente faz praticamente tudo, a gente que canta, a gente que... acho muito importante, sabe... a fé é muito importante. (SIMONE, 2015, p. 52).

Porém, o que nos chama a atenção é ainda outra dimensão da religião, que pareceu bastante expressiva na experiência juvenil, a sociabilidade. A perspectiva encontrada por Thompson (2012a) no acolhimento que o metodismo proporcionava para os trabalhadores ajuda-nos a entender essa relação. A maioria dos jovens que frequentam alguma religião afirmaram participar ou já ter participado de grupos de jovens nas igrejas, sentindo-se mais à vontade que nos espaços com adultos. Esse se sentir melhor entre os jovens sugere uma possibilidade de sociabilidade e estar juntos impossibilitada pelas relações familiares e, por vezes, escolares e de trabalho. São várias as atividades específicas para jovens desenvolvidas pelas igrejas, como gincanas, retiros, louvores, estudos bíblicos e, o mais frequente, as células.

Como visto anteriormente, entre os jovens que frequentam algum grupo mais constante, 48,15% disseram participar das células (FÁVERO; MORAIS, 2015). Estas, são grupos de jovens das igrejas que se encontram frequentemente, nas palavras de Antônio (2015, p. 25): “É uma célula né, onde vai e se reúne os jovens, a gente conversa do que a gente faz no dia a dia... vê como que a família tá na sua casa... eles ajuda a gente, conversa.”. Os encontros dos jovens, como afirma Alexandra (2015, p. 4-5), são: “Descontraído[s], assim. É... como que vou dizer. Lá eles meio que te entendem, é só jovens né, e eles debatem assuntos legais. É muito bom.”, e também: “[...] a gente brincava também. O tal do quebra-gelo, que é uma brincadeira... você inventa brincadeiras na hora também, é bem legal.”

A dimensão religiosa merece um aprofundamento empírico, sobretudo nessa dimensão da sociabilidade, que pareceu-nos ser bem central tanto na formação da experiência dos jovens que frequentam alguma religião, assim como na disputa que estas fazem, criando atrativos a

partir das demandas que os jovens vivenciam no dia a dia, principalmente no âmbito da sociabilidade.

A relação de afirmação e negação das relações materiais pela religião nos conduz a outra dimensão da sociabilidade vivida pelos jovens, trata-se da violência, visto que a religião aparece bastante como uma forma de se manter distante da mesma, que na maioria das vezes se manifestam nas ruas, locais de sociabilidade juvenil, tornando-a uma relação frequente na vida dos jovens.

4.4 Violência

Douglas: E você já sofreu algum tipo de violência?

Rosa: Eu já.

Douglas: Como foi?

Rosa: Estrupo só.

Douglas: Nossa.

Rosa: E também vendendo droga, já apanhei também.. uma vez... só... mais nada. (ROSA, 2015, p. 18).

A vida de Rosa, apesar de não ser representativa dos jovens da ocupação, é um exemplo extremo de como a violência perpassa pelo cotidiano dos jovens brasileiros. Na época da entrevista, estava grávida de oito meses e o marido desempregado. Antes de ir para a ocupação, Rosa estava em uma clínica de recuperação, passando por um ano de experiência em situação de rua e, por quatro vezes, no cárcere: “A primeira oito mês, depois da outra vez eu fiquei seis meses. Da outra vez eu fiquei quinze dias... e a outra vez três mês só.”, explicando, mais a frente, os motivos: “Por causa que eu quebrei a viatura, um abandono de incapaz [pausa] um... agressão... danos morais.” (ROSA, 2015, p. 19-20).

Antônio foi o outro entrevistado que já teve a experiência do cárcere. Em suas palavras: “Não... eu tenho um 157 [roubo] e tentativa de homicídio. Fui preso... eu paguei... fiquei um ano e pouco e assim... fiquei... eu sai e paguei... to assinando agora né. Tenho que assinar até 2019, é a pena!” (ANTÔNIO, 2015, p. 28). Quando questionado sobre o que pensava do sistema penitenciário brasileiro, ele relata:

Olha cara... eu acho que tá meio bagunçado né. Tudo totalmente bagunçado, as cadeias totalmente lotadas... muita coisa que acontece lá dentro e o povo não sabe... o povo aqui de fora não sabe. Acha que tá tudo bem, tudo normal, mas não tá. A opressão dos agentes, da polícia também é muito... assim cara, eu vejo que no meu ponto de vista tá muito bagunçado. [...] Porque lá dentro você vai... o cara passa muita humilhação, muita coisa. Na cabeça do preso, que tá preso, pra ele, aquilo lá não tá servindo de nada, é uma opressão policial, opressão do sistema. (ANTÔNIO, 2015, p. 29).

Entre 2005 e 2012, a população carcerária brasileira aumentou em 74%, chegando à 515.482 presos, sendo Minas Gerais o segundo estado com maior número de detentos, 45.540. A predominância dos presos brasileiros constitui, na grande maioria, em homens, com ensino fundamental incompleto e jovens. Em 2012, os jovens conformavam 54,8% da população carcerária brasileira – 29,6% entre 18 e 24 anos e 25,2% entre 25 a 29 anos. Importante ressaltar que o intervalo considerado para a juventude contém onze anos, muito menor que da idade adulta. Além de jovens e homens, a população carcerária brasileira tem uma predominância de negros, compondo 60,8%, sendo que, entre 2005 a 2012, proporcionalmente à população brasileira, houve um encarceramento de 1,5 vezes mais de negros que brancos (SECRETARIA GERAL DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA – SGPR; SNJ, 2015). Ao ser informada sobre o número de jovens nos presídios, indagou Rosa:

Não... e uns jovens tudo bonito sô, tudo novo, bom pra trabaiá... ainda. E tipo assim, num tá tão perdido, mas ficando ali dentro vai acabar aí, porque ali que ensina. Ali se a pessoa entra porque roubou um som de carro, sai já... sabendo matar, sai sabendo sequestrar, sabe fazer tudo quando sai de lá. Lá é a escola memo do crime, a cadeia. (ROSA, 2015, p. 20).

Falando sobre a redução da maioridade penal, Antônio (2015, p. 29) afirma como foi o tempo que ficou preso: “olha você... um jovem com 16 anos enfrentando o sistema prisional, que o nosso que tem aqui é a Colônia... pra mim que já sou de maior... pra mim foi um tormento né... imagina pra um menor né.”.

Além do cárcere, o homicídio é outra dimensão que afeta de maneira intensa a vida dos jovens, sobretudo negros de periferias, apontado pelo Mapa da Violência como os mais atingidos por homicídios no Brasil (WASELFSZ, 2014). Quando interrogado como via a violência na sociedade, responde-nos Ernesto (2015, p. 62): “Eu... eu fico triste, na verdade, por causa disso. Porque eu já perdi muitos amigos, que as vezes nem estavam fazendo nada de errado, mas tavam no lugar errado e na hora errada... e morreram, infelizmente.”. Sintetizando:

A maioria dos jovens mortos em decorrência dos homicídios no Brasil, em 2012, tinha entre 20 e 24 anos. Constata-se que a taxa de mortes entre 20 e 24 anos é de 66,9, sendo que entre 25 e 29 anos ocorrem 55,5% das mortes, e entre 15 e 19 anos ocorrem 53,8% das mortes. Em relação ao perfil da população prisional adulta, verifica-se que, em todos os estados e durante todos os anos da série observada (2007 a 2012), a maioria dos presos tinha idade entre 18 e 24 anos e outra grande parte dos presos tinha idade entre 24 e 29 anos.

Constata-se que em 2012 o perfil das vítimas de homicídio foi semelhante ao perfil dos encarcerados. Para cada grupo de 100 mil habitantes jovens acima de 18 anos havia 648 jovens encarcerados, enquanto para cada grupo de 100

mil habitantes não jovens havia 251 encarcerados, ou seja, proporcionalmente o encarceramento de jovens foi 2,5 vezes maior do que o de não jovens em 2012. O que infere a afirmação de que tanto a população prisional como as vítimas de homicídios no Brasil são, predominantemente, jovens. (SGPD; SNJ, 2015, p. 84).

A dimensão que assume o cárcere e os homicídios na vida da juventude leva-nos a questionar os motivos e razões dos jovens entrarem para o “mundo do crime”, assim como no “mundo das drogas”, fugindo das dimensões desse trabalho, da mesma forma das dificuldades metodológicas que tais estudos demandam. Entretanto, várias são as respostas para essas questões, como o caso de Rosa, expressando, a partir da própria experiência, a relação do tráfico de drogas com a dificuldade de conseguir trabalho:

E hoje em dia, a gente vai procurar um curso... um curso é maior burocracia. Ai quer que o cidadão vire o que gente? Um emprego, sendo que olha aqui, o dia que eu fui fazer um teste na ... [omitimos o nome da empresa], eu com esse porte querendo que eu faça flexão, que que tem haver FLEXÃO [bastante brava] com varrer rua, pelo amor de Deus. Eu me senti humilhada, eu não fui mais procurar serviço, desde então, eu descrencei, num fui trabalhar mais, preferi vender drogas que foi mais fácil pra mim. Só cheguei no cara e falei: ou como que faz? E ele: sério? Eu falei: sério aí. Pronto uai. Agora não, no serviço é uma burocracia, sendo que tem tantas pessoas que tá ali na boa vontade de entrar mesmo, não faltar e não dar banho no patrão, tá... mas é vetado. E muitas coisas que eles ficam fazendo, parece que é pra impedir o trabalhador de trabalhá, desanima qualquer um. É por isso que cada dia que passa o crime tá crescendo mais e as pessoas também, invadindo mais no crime por causa disso. (ROSA, 2015, p. 21).

Ou, na percepção de Tito, que relaciona os atos praticados pelas possibilidades limitadas dos jovens, aliado com a pressão do mercado cultural e do tráfico colocando-se como alternativa mais fácil, sendo, inclusive, a violência como uma resposta às condições sociais, em suas palavras:

Esses dias me parou um na rua: ou... ó... você quer isso e isso? Você vende drogas pra mim que eu te dou. Quer dizer, a pessoa não tem uma oportunidade de ter um som, de ter um tênis bom... e a mídia fala que pra ser... ser... bem quisto você tem que ter um tênis da hora, você tem que é... vestir uma roupa da hora, e a pessoa não tem a condição financeira, a mãe não tem condição financeira e a forma que a pessoa tem é essa. Então, isso vem lá de cima, é uma cadeia... uma cadeia que cai aqui embaixo... aqui embaixo é só... é só a resposta que a sociedade tá dando, o mal exemplo que as políticas tão dando, que os políticos tão dando. Então num... é... é algo que requer uma reforma, não aqui embaixo. Não adianta você pegar as pessoas... os traficantes e prender... adianta, assim, a pouco prazo, mas... mas a solução não é essa. A solução é uma reforma total. (TITO, 2015, p. 47).

São apenas algumas visões exemplares de como a sociedade percebe os motivos sociais da violência. Não podemos fazer uma generalização, tanto na dimensão de falta de trabalho,

assim como de perspectivas aliado à indústria cultural, caso fosse, a grande maioria dos jovens da ocupação estariam envolvidos com o crime e o tráfico de drogas, o que está longe de acontecer. Nessa mesma perspectiva, Misse (1995), mesmo não apresentando respostas, questiona as teses que relacionam a violência com a pobreza, aprofundamento da luta de classes ou resistência social. É uma questão em aberto, com uma possível hipótese tanto a falta de oportunidades e facilidades em relação ao tráfico, assim como uma dimensão de status e poder, com certa ostentação dessas dimensões negadas em todas as relações da vida social.

As drogas também demonstraram uma presença relativa no cotidiano da juventude. Entretanto, não é um tema fácil de captar a partir de entrevistas, devido toda a criminalização que existe na sociedade brasileira, requerendo, em muitos casos, uma confiança do pesquisado no pesquisador. Entre os jovens entrevistados, tivemos, de maneira indireta, algumas indicações sobre drogas, como na interrupção dos estudos e, até mesmo, de encontrarmos jovens utilizando maconha e álcool durante as entrevistas. Rosa teve uma vivência intensa com as drogas, chegando, como já mostrado acima, a envolver-se com o tráfico. Relatando-nos sua relação com as drogas, chegou a afirmar usar:

Tudo. Tudo, tudo, tudo. Só que cocaína, depois que estourou minha veia aqui em cima [perto do olho] eu não cheirei mais. E... crack, fumava, fumava, fumava... e crack a vontade é nunca mais parar de fumar né... o crack. Agora maconha... é... [risos]... [não] vai ficar no passado não. (ROSA, 2015, p. 19).

Para ela, existe uma forte relação dos jovens com as drogas, sobretudo como uma válvula de escape, enquanto para Ernesto, além do uso para aliviar os problemas, há a relação de curiosidade com os jovens, afirmando-nos ao falar sobre a existência de drogas na ocupação:

Tem muitos jovens que usam né, mas... mas a maioria aqui não usa. É... poucas pessoas... eu uso [risos]. Eu sou... uso maconha, mas... mas... também [risos]. Tem muitos... algumas pessoas vendem drogas aqui, outras fingem que não vê [risos]. Os policiais fingem que não vê, algumas vezes eles vê. [...] Na verdade, o jovem, por ele ser muito curioso, ele acaba buscando outras coisas pra ele, as vezes, se aliviar do problema que ele tem dentro de casa. Às vezes, por exemplo eu... eu comecei a usar maconha, foi mais pra me libertar sabe... de certa forma do que a gente tava vivendo, porque havia muita discussão, muitas brigas familiares assim, e eu me sentia como culpado e pra mim... me livrar dessa culpa, talvez eu fui... na droga, pra me aliviar um pouco. [...] Mas cada pessoa, ela tem um motivo pra usar uma droga. Às vezes ela gosta de beber e ela usa cocaína porque para de beber, mas só que explode a pessoa, sabe... eu não uso, mas... eu falo porque alguns amigos meus usam e eu não tenho nada contra ninguém que usa. Eu acho uma bobeira eles não legalizarem porque, a pessoa, quando ela não quer ela não usa. Então... é uma coisa que... que tem que ser mais debatido, tem que ser... ter mais diálogo. (ERNESTO, 2015, p. 63-64).

O uso das drogas possibilita-nos o levantamento de algumas hipóteses, como as próprias falas de Ernesto e Rosa, com a dimensão de fuga da realidade – cumprindo um mesmo papel que a religião apontada por Marx (2010), de afirmação e negação das relações materiais –, como curiosidade – que na afirmação de Ernesto aparece como típica da juventude – e, para nós ainda mais importante, uma dimensão da sociabilidade, proporcionada pelo encontro para usar drogas e uma certa unidade que ela confere a grupos de pares. Esta última, levantamos, principalmente, pelos indícios indiretos que observamos durante as entrevistas.

A relação com as drogas leva-nos a outra dimensão importante na violência vivida por esses jovens, sobretudo com os homens, a polícia. Foi muito comum encontrar entre os homens uma tensão em como essa relação é vivenciada. Podemos nos valer da analogia do teatro utilizada por Thompson (1998) para analisar a dominação simbólica da *gentry* na Inglaterra do século XVIII. Para o autor, a hegemonia era exercida cotidianamente no plano simbólico, em que o teatro demonstrava o poder exercido, aprendido e reproduzido entre as gerações dominantes, assim como a deferência; da mesma forma que o contrateatro da plebe apresentava-se como ameaça e sedição, chegando à ação direta da multidão (THOMPSON, 1998, p. 48).

Porém, na relação da polícia com os jovens de periferia, a relação de poder expressa-se também pela força. Nesse caso, o uso da força é intensificado pela coerção simbólica exercida sobre os jovens, colocando cada lado da relação em seu devido lugar e com clareza de tal, como demonstra Antônio (2015, p. 29): “Aí né.... eles fazem a ronda deles né [risos]. Eu fico memo normal né, que eu trabalho... eu tenho... igual eu tenho meu BO [boletim de ocorrência] com eles, mas... eu falo com eles... eu to trabalhando, eu to firme.”. A coerção simbólica na demonstração de poder coloca os jovens em uma situação de sempre suspeitos, em que um ato simples como levantar a cabeça e olhar para a polícia é motivo de abordagem, geralmente seguido de agressões físicas: “[...] Assim... eles me enquadraram ali na frente ali, me sequestraram ali... me bateram né... mas fazer o que né.” (ANTÔNIO, 2015, p. 29). A mesma relação é relatada por Ernesto:

[...] Uma vez, eu estava de boa, tava na porta de casa, e... eles chegaram me abordando. Até então, ta tudo tranquilo. E aí, não sei o que ele me falou, que... eu não aguentei me conter, e respondi [risos]. Porque eu não faço nada de errado sabe. Eu não vendo drogas, não faço nada de errado [risos], pro cara falar que eu sou bandido, sabe... essas coisas... aí a pessoa fica meio revoltada [risos]. Aí ele começou me agredir, falar que ia me dar choque e tacar droga em mim, como fazem com muitas pessoas. (ERNESTO, 2015, p. 63-64).

É por aí a relação de boa parte dos jovens homens de periferias com a polícia, como demonstra o espanto de Eduardo (2015, p. 70) quando questionado se já teve alguma

experiência com a polícia: “Quero nem saber de polícia mano... [risos]”. No caso, Eduardo não afirmou e nem demonstrou utilizar drogas e vê na religião uma forma de se afastar da violência e do crime, entretanto, já foi abordado pela polícia algumas vezes próximo a sua casa e à escola.

A ação da polícia exerce, ainda, outra pressão sobre os jovens da ocupação, dessa vez atingindo igualmente as mulheres e demais pessoas da ocupação, trata-se da defesa da propriedade privada e na criminalização do movimento social de luta por moradia, como demonstra Alexandra:

Aqui, quando começou... que a gente veio pra cá, eles começaram a invadir as casas assim, sem permissão, sem mandato né. Porque, eu acho, tipo assim, que o policial tem que entrar na casa só quando tem mandato, não é? Porque... como aqui é um bairro onde só tem gente pobre... que é... invadido... eles acham que tem que chegar entrando. Aí teve uma vez que nós tava tudo aqui dentro de casa assistindo televisão, eles pegou... não tinha esse cercado aqui, era só uma cerca e um portão, era aberto... eles pegou e parou com a viatura bem aqui [no quintal], entrou dentro de casa e saiu vasculhando tudo, revirou a casa inteira. Querendo levar minha mãe, porque minha mãe achou ruim... né, porque não pode... minha mãe achou ruim com eles, aí eles queriam levar minha mãe presa, querendo tocar na minha mãe, ela falou assim: não, você é louco? Não é assim.

Depois minha mãe foi com eles, conversou lá, acho que com o delegado, resolveu lá e aí eles pegou e começou a entrar em casa só com mandato. Tinha até vez que eles paravam aí na porta, conversava, mas entrar... depois desse dia... eles num entrava não, não entrou mais não. (ALEXANDRA, 2015, p. 11).

Outra tendência encontrada refere-se à violência contra mulher. Todas as jovens entrevistadas relataram ter sofrido alguma violência por homens, geralmente sendo seguidas em ruas, locais e transportes públicos. Além do referido caso extremo do estupro de Rosa, relatado como epígrafe dessa subseção. Entretanto, a violência contra mulher é vivida por essas jovens no cotidiano, às vezes de maneira bem sutil, outras de maneiras mais abertas, escancaradas e diretas, como relata Simone:

[...] Tipo, a gente [Simone e uma amiga] tava de boa, tipo assim [...] a gente foi tomar um açaí, aí chegou uns rapazes e começaram a mexer comigo e com ela. Aí... a gente não deu moral e tal... pegou, levantou, pagou, deixamos o açaí lá e fomos embora. Aí eles vieram atrás da gente, começou mexer e tal. Minha amiga pegou e meteu o tapa em um deles, aí os meninos começou a agredir ela, e tal... aí eu entrei no meio, foi aquela confusão. Mas, ainda bem que tinha gente na rua, aí viu... tal... e ajudou. (SIMONE, 2015, p. 54).

E também Alexandra:

Douglas: E você já sofreu algum tipo de violência?

Alexandra: Ah... dentro de busão aí... dentro de ônibus... essas coisas assim já. Na família... assim não.

Douglas: E como foi?

Alexandra: Ah... os homens fica encostando na gente, puxando pelo braço e chamando, aí você fica até meio assim né. Aí você já vai prum rumo onde tem muita mulher... se quer se proteger, você vai prum rumo que tem muita mulher que elas, as vezes, te entende. (ALEXANDRA, 2015, p. 11).

É significativa a atitude de Alexandra perante um ato de violência simbólico ou físico, “vai prum rumo que tem muita mulher que elas, as vezes, te entende”. Esse entender perpassa pela vivência de experiências comuns em que diariamente milhares de mulheres são violentadas pela estrutura patriarcal da sociedade brasileira, não é à toa que essa dimensão, sobretudo a simbólica, apareceu em todas as entrevistas feitas com mulheres.

O sentido da violência que se expressou em nossas pesquisas majoritariamente acontece nas dimensões da sociabilidade entre os jovens, à exceção da ameaça permanente de despejo pela polícia, dimensão que perpassa igualmente por todas as pessoas da ocupação. Entretanto, a relação com a polícia, simbolizado pela metáfora do teatro e contrateatro, ou nas relações de drogas, homicídios e violências distintas contra a mulher geralmente se dão em momentos de lazer e tempo livre, seja no tomar o açaí, como o caso de Simone ou no uso de maconha de Ernesto e nas saídas noturnas seguidos por revistas policiais, dimensões comuns na experiência juvenil na periferia brasileira, que muitas vezes não se dão, ou se dão de maneiras mais brandas, com jovens de outros estratos sociais.

CAPÍTULO 5 – JUVENTUDE E CLASSE

Vimos demonstrando ao longo da dissertação como a experiência juvenil é determinada em grande medida por situações de classe. Adotar essa hipótese não significa cair no determinismo econômico apresentado por Dayrell (2001, p. 6), mas compreender os limites fixados e as pressões exercidas que moldam a realidade vivida. Assim, ancoramo-nos na noção de classe como processo e relação (WOOD, 2003), pois busca superar uma visão estática de classe, definida estatisticamente e determinada pelas relações de produção, pois:

[...] classe não é, como gostariam alguns sociólogos, uma categoria estática: tais e tais pessoas situadas nesta e naquela relação com os meios de produção, mensuráveis em termos positivistas ou quantitativos. Classe, na tradição marxista, é (ou deve ser) uma categoria histórica descritiva de pessoas numa relação no decurso do tempo e das maneiras pelas quais se tornam conscientes de suas relações, como se separam, unem, entram em conflito, formam instituições e transmitem valores de modo classista. Nesse sentido, classe é uma formação tanto “econômica” quanto “cultural”; é impossível favorecer um aspecto em detrimento de outro, atribuindo-se uma prioridade teórica. Disso decorre que a determinação “em última instância” pode abrir seu caminho igualmente tanto por formas culturais como por econômicas. O que muda, assim que o modo de produção e as relações de produção mudam, é a *experiência* de homens e mulheres existentes. E essa experiência adquire feições classistas, na vida social e na consciência, no consenso, na resistência e nas escolhas de homens e mulheres. (THOMPSON, 2012c, p. 260, grifos do autor).

Neste sentido, buscar as experiências dos jovens, perpassa por apreender as determinações objetivas que eles estão sujeitos e como tratam essas relações em suas dimensões culturais, de valores e morais, que por sua vez, orientam a prática social dos sujeitos, a perspectiva da “história vista de baixo” (THOMPSON, 1984). Buscamos demonstrar até aqui essas experiências comuns de classe vivenciadas pelos jovens, passando, em seguida, para analisar a ação política, suas percepções sobre a própria vivência da juventude, assim como suas expectativas para o futuro, também permeadas por relações de classe.

5.1 Estado e ação política

O Estado aparece com uma dupla face na relação com os jovens na ocupação, pela ausência e intervenção. Podemos identificar a ausência do Estado em que o Estatuto da Juventude e suas garantias passam longe do cotidiano desses jovens, sendo-lhes negados a moradia, educação e saúde de qualidade, condições dignas de trabalho, mobilidade e lazer. Dessa forma, os jovens da ocupação são negados enquanto sujeitos de direitos, como observa

Groppa (2000, p. 73), ou Dayrell (2001, p. 13): “na limitação dos direitos de vivenciar a própria juventude [...]”.

Além de todos limites e pressões apresentados acima, 74,57% dos jovens não recebem nenhum benefício do Estado, contra 24,86% que recebem. Entre estes, 90,70% recebem bolsa família, 6,98% bolsa escola e 2,33% auxílio doença. Apenas 13,87% dos entrevistados conhecem algum programa de governo ou política pública voltada para jovens, sendo que, destes, apenas 37,5% participam ou já participaram de algum programa ou política pública. Os programas que os jovens disseram conhecer variaram em torno de Jovem Aprendiz, Menor Aprendiz, Fica Vivo, Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) e, como o caso de Simone que participa do Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (Proerd) – projeto de Polícia Militar em escolas para prevenção ao uso de drogas. (FÁVERO; MORAIS, 2015; SIMONE, 2015, p. 54).

Por outro lado, e ao mesmo tempo, há a intervenção do Estado na ocupação, sobretudo em defesa da propriedade, agindo como pressão para a expulsão das famílias da área ocupada. Essa dimensão exerce uma pressão, sobretudo, pela ação policial, como já relatado anteriormente, pois esses jovens, assim como os demais ocupantes, são vistos por autoridades, tais como parlamentares e juízes, assim como por boa parte da sociedade e da mídia, como infratores de direitos, o da propriedade. Entretanto, o Estado não é um todo homogêneo, mas também, um campo de disputas, em que as ações e articulações do movimento social o pressionam para a garantia do direito à moradia e à cidade.

As ações diretas como forma de pressionar o Estado têm uma participação significativa dos jovens, em que 67,05% responderam participar das atividades do MSTB. Porém, essa participação não se dá em torno do dia a dia do movimento, mas, principalmente, nas ações diretas como fechamentos de rodovias e protestos na PMU e na UFU, visto que 65,52% disseram responder participar de vez em quando das atividades do MSTB, contra 34,48% que responderam sempre participar. As reuniões foram as atividades que os jovens responderam mais participar, entretanto, essa resposta aparece entre os que sempre frequentam as atividades, enquanto os atos e manifestações aparecem entre todos os sujeitos, que participam frequentemente e de vez em quando (FÁVERO; MORAIS, 2015). Alexandra é uma expressão típica dessa relação:

Douglas: E você costuma participar das atividades do MSTB?

Alexandra: Ultimamente eu não to indo. Antes eu ia, porque agora eu vou trabalhar, aí chego cansada e vou dormir, mas minha mãe vai.

Douglas: O que você acha das atividades? Você gosta?

Alexandra: Dos protestos eu gosto [risos].

Douglas: Não é uma forma de política também, os protestos?

Alexandra: Esse é legal [risos]. Eu fui lá na UFU esses dias. Eu não conhecia lá. Aí eu fui com eles pra lá... nossa, eu amei. [risos]. Tem uns terrenos... uns jardim lá que eu tirei altas fotos. [...] O que teve aqui na coisa [BR-050] eu não fui... porque eu tava na escola. Mas eu ia... se não tivesse aula eu teria ido, mas tinha aula, eu peguei e nem fui... eu fui pra escola. (ALEXANDRA, 2015, p. 9-10).

E também com Rosa (2015, p. 18): “As vezes eu vou, quando tem paralisação na BR, quando é só esses trens aí, aí eu vou... eu gosto [risos].”. Aliado com essa participação mais efetiva nas ações e protestos, notamos, também, uma relação em que o MSTB aparece sempre como “eles” e não como “nós”, mesmo sendo praticamente unânime o reconhecimento da importância e a referência política e organizativa no movimento, como demonstra Patrícia (2015, p. 35, grifo nosso): “Ah... eu acho que assim... eu acho bom, porque quando as pessoas... a gente não tem um lugar de ficar, aí *eles* abre um lugar, e junta todos com uma força só e corre atrás, vai...”.

Além dessa não identificação no movimento, os jovens, de maneira geral, também não reconhecem o ato de ocupar e a organização do movimento social como forma de política, mesmo sabendo que a questão da moradia só será resolvida em tal âmbito. No geral, as conversas sobre política giravam em torno da dimensão eleitoral e nos casos presentes no noticiários da época³¹, como críticas ao governo e corrupção, sempre com um certo descrédito nas instituições estatais, como demonstra Patrícia falando sobre a política: (2015, p. 34): “[...] pra mim é um monte de pessoas disputando quem ganha mais, sabe. Pra mim, não anda... não sai nada do lugar, só...” e também Ernesto:

Eu, sinceramente, eu não gosto de política, porque, sinceramente, muitas pessoas... eles estão ali, mas eles não estão fazendo o trabalho deles, que você olha assim, tá falho a educação. O que mais falta nesse país é a educação... o... falta o que... professores, sabe. Eles valorizar mais o professor, porque o professor hoje, sinceramente, é o que a gente tem de melhor... pra dar um futuro pros nossos filhos. Eu não tenho filho, mas [risos] eu falo no geral. Porque, é difícil, sabe. A gente queremos um país melhor, mas enquanto houver pessoas na... lá em cima no poder, que num fazem nada, num mudarem algumas coisas, por exemplo... o crime, sabe... Hoje em dia uma pessoa vai lá, mata uma pessoa e fica o que... uns dois anos, três anos, preso. Tem muita coisa que é falho, na verdade, por isso que eu não gosto da política. Porque, pra mim é manipulação pra roubar o dinheiro das pessoas. (ERNESTO, 2015, p. 61).

Ao ser questionado se seria possível mudar esse quadro, continua Ernesto (2015, p. 61):

³¹ Na época das entrevistas, diferente do período de escrita, o *impeachment* da presidenta não era uma pauta colocada e difundida na sociedade. Nesse período, o grande caso de corrupção noticiado era o da Petrobrás, que apareceu bastante nas entrevistas.

“É possível, colocando pessoas que são boas, mas como vamos saber se as pessoas são boas? [risos]. É preciso pesquisar bastante, mas ainda assim, fica difícil.” A única exceção que encontramos nessa percepção sobre a política foi Tito, que compreende tanto a luta pela moradia como uma forma de política, assim como:

Eu entendo que política é o que define nossa vida, somos... somos definidos por política. Querendo ou não, somos definidos por política. Às vezes... ah... eu não concordo... eu não gosto de política. Você gostando ou não, a sua vida é toda moldada por política. (TITO, 2015, p. 45).

Tito ainda faz algumas críticas às ações do MSTB, sobretudo quando são mais radicalizadas, como fechamentos de rodovias, assim como atos com pautas políticas mais amplas, em suas palavras:

[...] Eu concordo assim, é... é... como eu disse no começo, a ideia que eu vi de uma reforma urbana, uma reforma imobiliária é... é... uma ideologia boa, porque tá mal distribuído, é muito mal distribuído a questão imobiliária na cidade. Mas eu acho que eles exageraram um pouco, algumas manifestações, creio que... alguns vivem disso, por que que num... não precisava viver disso. As vezes pará a rodovia pra... manifestação sem... as vezes você vai perguntar, qual é o fim disso daqui? Ah, é pra tirar a Dilma, ah... é pra deixar a Dilma, apoio à Dilma. O que que... nessa forma de política eu sou meio... eu não concordo, nessas manifestações. Eu concordo na ideia, mas na ideia de... de... abraçarmos a ideia de tentarmos fazer uma... nem que seja na raça, igual tá sendo aqui, na força pra tentar mobilizar alguém dizendo assim ó: tá precisando de uma reforma imobiliária na cidade gente, a especulação tá muita, é muito injusto. Nessa forma eu concordo e muito, na forma de manifestação, na forma de... de... baderna, aí eu já não concordo não. (TITO, 2015, p. 45).

Em muitos dos jovens, não existe uma articulação das relações políticas para além das eleitorais e como elas impactam a vida no seu cotidiano. Para eles, a política é um mundo distante, não tendo a dimensão do significado que a ocupação tem na política de Uberlândia e como essa se impõe sobre a experiência juvenil como limites e pressões. Entretanto, e ao mesmo tempo, é nítida a afirmação e negação da política existente, sobretudo da eleitoral, em que para eles não se trata de não se interessar por política, mas de não se interessar da forma como é colocada.

5.2 A percepção sobre a juventude

Ser adulto é ser obrigado a trabalhar para sustentar a família, ganhar pouco, na lógica do trabalho subalterno. Mas é também assumir uma postura “séria”, diminuindo os espaços e tempos de encontro, com uma moral baseada em valores mais rígidos, abrindo mão da festa, da alegria e das emoções que

vivenciam no estilo. Para muitos, ser adulto implica ter de abrir mão do estilo, fazendo dessa passagem um momento de dúvidas e angústias, vivida sempre como tensão. (DAYRELL, 2003b, p. 50).

Pudemos perceber, também, os limites e pressões colocados para esses jovens pela maior compreensão – deles próprios – do mundo adulto que o próprio juvenil, ainda que o vivam. Durante os questionários, a maioria dos entrevistados, 67,74%, responderam ser jovens pela questão de idade, enquanto a outra parte oscilava entre fazer coisas de jovens, com 7,53%, personalidade com 6,45%, forma de pensar com 5,38%, fase de aprendizagem com 4,30% e fazer planos com 2,15% (FÁVERO; MORAIS, 2015).

Houve, ainda, 7,53% dos jovens entrevistados que responderam não ser mais jovens, ou não se sentirem mais jovens, apesar da idade. Entre estes, 46,63% responderam não ser mais jovens pelas responsabilidades assumidas com a reprodução do núcleo familiar, enquanto 21,43% disseram não ter mais idade para ser jovem, estando entre 25 a 29 anos, seguidos por formas de pensar, com 14,29%, e trabalho e responsabilidades com quase 18% (FÁVERO; MORAIS, 2015). Tivemos situações em que os jovens afirmavam ser jovens, entretanto, suas vivências e experiências negavam a própria percepção que eles tinham sobre a juventude, mostrando uma relação de experiência juvenil mais como expectativa que vivida, expressando, mais uma vez, em suas narrativas relações ucrônicas (PORTELLI, 1993).

Por outro lado, pudemos notar a dificuldade dos jovens em caracterizar a juventude. Quando questionados sobre o que os diferenciam dos adultos, a idade já aparece em segundo lugar, com 19,44%, meio que confirmando a tendência encontrada por Dayrell (2001, 2003b) e citada acima. Desta vez, 25,93% dos jovens responderam aproveitar a vida, em terceiro lugar aparece a noção de ter liberdade, com 11,11%, seguido por 10,19% que compreendem ser uma fase de aprendizagem, 9,26% como forma de pensar, 7,41% responderam fazer planos, 6,48% ter menos responsabilidades e 10% responderam outras questões (FÁVERO; MORAIS, 2015).

De certa maneira, a maioria dessas representações perpassam pelas responsabilidades e posturas mais sérias do mundo adulto, como apontada por Dayrell (2003b). Essa dimensão esteve presente de maneira mais intensa durante as entrevistas de história oral, pois muitos dos jovens que conversamos veem a juventude como o momento mais flexível de responsabilidades com a própria vida e dos próximos. Flexibilidade que possibilita outras vivências, como encontros com grupos de pares, esportes, festas e o próprio ficar à toa na rua, com expressa Ernesto:

O bom de ser jovem é que a gente estamos sempre... num tem aquele peso da... da... correria do dia a dia. O jovem ele tem mais coisas boas, sabe... por

exemplo... eles saem, podem se divertir de boa, tipo até na escola mesmo... é um lugar que eles aprendem... São muitas coisas boas... é muito bom ser jovem... eu amo ser jovem... que pena que isso vai passar [risos]. (ERNESTO, 2015, p. 64)

Ernesto, no caso é solteiro e mora com a família de origem. Na época da entrevista ele estava desempregado e vivendo de bicos, como relatado anteriormente. Para ele, estar desempregado, apesar de ser um drama, não coloca em risco suas condições materiais, sendo uma pressão menos intensa em sua experiência juvenil que os jovens responsáveis pela manutenção do núcleo familiar. Entretanto, Ernesto não representa a totalidade dos jovens, como já discutido, em que “não ter o peso do dia a dia” não é uma opção, sofrendo os jovens diversas pressões do mundo adulto, e alguns com muita clareza disso, o que nos leva a confirmar que a própria noção de juventude é disputada socialmente e culturalmente, pois “[...] homens e mulheres, ao se conformar com as necessidades de sua existência, formulam seus próprios valores e criam sua cultura própria, intrínsecos ao seu modo de vida.” (THOMPSON, 2012c, p. 261).

Ao mesmo tempo que a representação dos jovens tende às relações de responsabilidade e liberdade, aparece, também, a relação entre autonomia e dependência, como já apontado nas relações familiares. Entretanto, essa dimensão tem mais força em jovens mais novos, como Alexandra e Eduardo, e jovens com responsabilidades na constituição de um novo núcleo familiar, como Patrícia e Tito. Tivemos outras perspectivas não tão expressivas, variando em torno das teses discutidas pela sociologia da juventude, como a idade, a tese funcionalista do vir-a-ser e, como o caso de Tito, da noção pós-moderna da juventude como um estilo de vida:

Tito: Sim. Essa... essa... essa idade que colocaram aí [15 a 29 anos], isso é mais formalidades, minha opinião. Na questão, jovem não é idade. Jovem é a pessoa. Pessoas que tem... tem muitos hoje... eu atendo muitos na Igreja... o jovem tem 20 anos, mas tá com 40, sedentarismo, não quer estudar, uma vida totalmente desregrada. E tem pessoas que tem 35 anos, que vive assim, totalmente como se fosse jovem. E essa pessoa é jovem, e ela não é jovem por causa da idade? E a outra é por causa da idade? Assim, eu creio que é mais uma formalidade mesmo, eu creio que jovem, hoje, e creio que sempre, é uma questão assim, de... de... de estilo de vida, jovem não é idade, é estilo de vida.

Douglas: E você acha que você tem um estilo de vida de jovem?

Tito: Pô rapaz... eu sou jovem demais, eu jogo bola, faço tudo [risos].

Outra tendência apontada por Dayrell (2001, 2003b) que também notamos entre os jovens é a relação do presente, questionando a tese funcionalista do vir-a-ser, na vivência da juventude de maneira intensa, em que a partir da experiência formam valores, sentimentos e expectativas, ou seja:

[...] O tempo da juventude, para eles, localiza-se no aqui e agora, imersos que estão no presente. E um presente vivido no que ele pode oferecer de diversão, de prazer, de encontros e de trocas afetivas, mas também de angústias e incertezas diante da luta de sobrevivência, que se resolve a cada dia. (DAYRELL, 2003b, p. 48).

Nessa perspectiva, chama-nos a atenção a visão de Rosa sobre o que diferencia os jovens dos adultos:

Douglas: Você já tem 27 anos né. No questionário eu lhe perguntei se você se sentia jovem, não sei se lembra...

Rosa: Demais... até hoje aí.

Douglas: E por que você se sente jovem?

Rosa: Ah porque... eu num... num... num me enquadro no meio de coroa ainda não [risos]. Os assuntos deles não é os meus ainda não... depois... mais pra FRENTE, BEM pra frente eu posso até enquadrar, mas agora não [risos].

Douglas: O que você acha que é diferente nos jovens dos adultos e das crianças?

Rosa: Não, porque só pra começar, os mais velhos... QUANDO EU ERA... já começa assim, o jovem não: eu sou; criança: eu queria ser... já é diferente. Todo início de assunto, cada idade é de um jeito. E eu não... uai... os mais véio fica muito no passado, lembrando só do passado ué. Eu fui isso, nossa era tão bom, era... tal. Não... o trem é, a vida tá acontecendo, tá vivendo, então... isso que é ser jovem. Eu não quero ser velha não, vou ficar jovem [risos].

Para eles, ser jovem, é também ter opinião, ter visões de mundo como mostra Simone:

Jovem tem suas manias de, tipo, não querer escutar os pais nunca [risos]. Tipo, jovem tem a sua mania de... ser jovem. Acho que ser jovem é... nossa... sei lá... ter suas próprias conclusões também. É... expressar seu modo de pensar, porque... aí, sei lá... to meio perdida. [risos]. (SIMONE, 2015, p. 55).

E nesse viver, não significa que não haja sonhos e perspectivas. Da mesma maneira da intensidade da vivência do presente, os jovens fazem planos e sonham, como demonstra Patrícia:

Ah... não sei... ser jovem no meu caso é sonhar, ter expectativas, correr atrás... que quando você é criança, você só pensa em... como você vai ser... o que você vai ser quando crescer [...] E quando você chega na fase adulta, ou depois dos 30, você já não pensa mais nada. As suas expectativas, se você não conseguiu, vai indo [...] Mas jovem é expectativa, é sonho. (PATRÍCIA, 2015, p. 37).

As dimensões das representações sobre a juventude chocam-se com as situações de classe que esses jovens a vivenciam, bastante expressas nessas narrativas ucrônicas (PORTELLI, 1993), em que o fazer planos, maiores tempos de estudos, mais tempo livre, menos responsabilidades, conflitam com a própria noção de ser jovens, idealizada a partir de uma vivência de jovens de setores mais altos e naturalizada pelas relações sociais como noções

de juventude. Para boa parte desses jovens, a experiência juvenil se realiza mais como expectativa que realidade, com pressões mais intensas e limites mais estreitos.

5.3 Expectativas e o futuro incerto

Eu só quero que aqui saia né, esperança muito grande nossa, de pagar uma água, uma luz, porque... ninguém merece não... tem que viver na dignidade mesmo. Vê se esse povo para de robar e devolve o emprego pra nós, que agora nós tá pagando a conta da Petrobras, nós num é obrigado não uai, não é, porque direto meu marido... fez cursos, esses trem... maquinista, aí vai, faz uma entrevista e num dá certo aí, entendeu? Então... o desemprego tá demais. (ROSA, 2015, p. 22).

A esperança de Rosa é significativa, visto a peculiaridade destes jovens em viverem um processo de luta pela moradia e, conseqüentemente, do direito à cidade. A conquista e legalização da casa mostrou-se como a grande expectativa entre os jovens, sobrepondo-se e relacionando-se com outras esferas, como trabalho, estudo e família. São expectativas que emergem das experiências e situações de classe, a partir do processo de luta, organização e ocupação, que reorganizam, a partir de suas vivências, as formas de conceber a relação de propriedade e direito, na sacudida da experiência, assim:

A experiência entra sem bater à porta e anuncia mortes, crises de subsistência, guerra de trincheira, desemprego, inflação, genocídio. Pessoas estão famintas: seus sobreviventes têm novos modos de pensar em relação ao mercado. Pessoas são presas: na prisão, pensam de modo diverso sobre as leis. Frente a essas experiências gerais, velhos sistemas conceptuais podem desmoronar e novas problemáticas podem insistir em impor sua presença. (THOMPSON, 1981, p. 17).

Junto a dimensão da moradia, aparecem as relações familiares como já discutidas acima, afirmando a tendência encontrada por Dayrell (2001, 2003b) na referência familiar na construção moral e de valores, assim como na vontade de retribuir, possibilitando uma vida mais confortável para seus familiares, como Simone que sonha em:

[...] formar [risos] e... conseguir alcançar meus objetivos né, e.... o sonho da minha mãe, realizar o sonho da minha mãe, que se meu sonho der certo, vai... que é ter uma casinha... assim, sabe... dela... ela sonha que a filha dela crescesse né, na vida. Tipo isso. (SIMONE, 2015, p. 55).

Ou em Patrícia, que tem a responsabilidade na criação de uma filha:

Bom, meu futuro agora, eu vejo... eu vejo ele assim... só dando o melhor para minha filha, eu vou atrás do que eu preciso, do que eu quero, pra dar o melhor pra ela. Vou atrás de conseguir me formar, ter um trabalho melhor, porque o

meu... ele toma todo o meu tempo, eu mal tenho tempo de ficar com ela e... to... num sorteio das casas e, então, se Deus quiser, eu vou conseguir ganhar. É isso que eu vejo. Então é estudar, arrumar um emprego melhor. (PATRÍCIA, 2015, p. 36).

A solidariedade com as demais famílias que, da mesma forma, experimentam a ocupação e organização social aparece nas narrativas dos jovens, em que veem como perspectiva não apenas conseguir a moradia, mas que todos naquelas condições também a consigam, como se preocupa Ernesto (2015, p. 64): “Só espero que dê tudo certo pra todo mundo né... porque... que ninguém aqui fique sem casa... porque, sinceramente, é muitas pessoas que têm aqui.”.

A esperança de um futuro melhor aparece sempre a partir das relações vividas e limites e pressões impostos, cada um com sua particularidade, seja as do âmbito familiares, como a busca de um trabalho que tome menos tempo ou em uma educação melhor, mas também, há os sonhos das vivências interrompidas, sobretudo pelas drogas e violências, como Rosa, que pretende:

Ah, realmente parar com toda droga, pra mim... porque o que eu queria era alguém de verdade né, falava nossa, quando eu encontrar alguém, nossa, vai ter paciência comigo, vai me ajudar a vencer as drogas. E agora que eu arrumei desculpa, porque eu achei esse alguém [risos]. Qual é minha desculpa agora? Porque tipo assim, as vezes, eu acredito na recaída quando é eu que recaio, quando é outra pessoa: nossa ó, não tem nem vergonha na cara aí, tava indo na Igreja, tava... Aí, oia lá, já tá fumando de novo, a não... Eu não acredito em recaída... mas quando é eu... porque tem dia que a gente acorda, parece que te virou do avesso, você já acorda num nível sem precisão, ninguém te fez nada... aí a desculpinha... é a droguinha... aí... Mas eu pretendo... parar com a maconha, cuidar da minha filha, que essa daqui... da outra eu já não cuidei né e ficar de boa com meu marido aí. (ROSA, 2015, p. 21-22).

E Tito, que sintetiza bem os anseios de jovens com tantas possibilidades negadas:

É, eu tenho bastante... eu tenho muitos projetos né, eu tenho muitos sonhos. Assim, eu não sei se.. aqui.. se... se vai ser aqui, a gente não sabe o que que vai dar isso aqui, mas... eu... Meu sonho, que não é um sonho, é um projeto de vida, eu pretendo... a pouco prazo mesmo assim, concluir meu curso de teologia, que falta poucos... poucas matérias pra terminar lá. Eu não terminei, tranquei, mas vou terminar. Minha esposa, começar a faculdade dela logo, faculdade de... faculdade não, um curso tecnológico de estética, ela quer fazer um curso de estética. Eu, por questão de conhecimento, não questão profissional, eu quero fazer psicologia e... trabalhar pra ganhar dinh... conquistar as coisas né [risos]. Né... trabalhar, assim... Antes de eu começar qualquer coisa, assim... eu pretendia uma casa, porque assim, eu creio que a base das coisas é você ter um lugar pra você morar, o resto você vai conseguindo. (TITO, 2015, p. 47-48).

A moradia é mais um limite na vida desses jovens, que na luta por esse direito seguem,

sonhando em ser médicos, psicólogos, músicos, engenheiros, ou até mesmo, como Tito, em ter um negócio próprio, ou com Antônio (2015, p. 29) em: “conseguir meu carro né, um veículo pra mim andar, melhorar a situação da minha família... isso aí que eu pretendo pro futuro”. E nessas perspectivas seguem fazendo bicos, lutando para terminar os estudos, ocupando praças e parques como pontos de encontro, fazendo suas festas, vivendo com seus pares e seus próprios modos de serem jovens, dentro dos limites e sob as pressões colocadas.

5.4 Situações de classe e consciência de classe entre os jovens

A classe se delinea segundo o modo como homens e mulheres *vivem* suas relações de produção e segundo a *experiência* de suas situações determinadas, no interior do “*conjunto* de suas relações sociais”, com a cultura e as expectativas a eles transmitidas e com base no modo pelo qual se valeram dessas experiências em nível cultural. (THOMPSON, 2012c, P. 277, grifos do autor).

Analisar a experiência juvenil consiste em não compreender os jovens em abstrato, mas no contexto e no processo, ou no processo estruturado. Dessa forma, pudemos notar que a experiência juvenil é vivida a partir de situações de classe, que perpassam quase todas as dimensões por nós analisadas, seja pelas necessidades de reprodução do ser social ou nos espaços de sociabilidade experimentados por eles e, até mesmo, na percepção que fazem sobre a própria juventude.

Essas experiências comuns perpassam pelo abandono do estudo e entrada precoce no mundo do trabalho, nas condições precárias de emprego, na necessidade de reprodução do núcleo familiar, nas relações com o Estado e com a particularidade da experiência comum da luta pela moradia. Essas situações se ampliam para as dimensões da sociabilidade pelas poucas possibilidades de acesso cultural e na falta de dinheiro para pegar um ônibus para ir para um show, no acesso restrito à internet, na violência vivida em torno das ruas nas periferias e por aí vai.

Não é a reunião de um grupo de trabalhadores em um processo produtivo que vai criar a identidade e a unidade necessária para constituir-se enquanto classe, como demonstra Thompson (2012a, p. 18) em que a exploração durante a revolução industrial não se deu sobre uma matéria bruta vazia, mas sobre ingleses livres, que sentiram a exploração e as pressões do modo de produção pela experiência. E é essa experiência comum que confere a unidade perante a diversidade da classe, perpassando pela experiência juvenil em que todas as diferenças perpassam por experiências de classe vividas por esses jovens, conferindo um elemento

unificador, ou nas palavras de Marx (2011, p. 54) a “unidade da diversidade”.

Como aponta Thompson (2012b, p. 414-415) a consciência de classe perpassa por uma “consciência dos trabalhadores em relação a seus interesses e à sua situação enquanto classe”. Dessa forma, encontramos, de certa maneira, essa forma de consciência entre os jovens por nós pesquisados. Eles não necessariamente apresentam uma consciência da totalidade do processo social ou uma consciência revolucionária³², mas conseguem identificar um conflito de interesses a partir da especulação imobiliária, como no caso de Tito (citado nas pp. 54 e 87), ou na percepção de estratégias dos patrões para não registrar o trabalhador, expressa por Ernesto (citado na p. 62) e relações de exploração manifestas na precariedade do trabalho.

Encontramos essa dimensão a consciência de classe, também, a partir das ações diretas e conflitos com o Estado (sobretudo com a ameaça de despejo forçado, escancarando o verdadeiro papel da polícia como mantenedor da ordem existente), como a narrativa de Alexandra (citada nas pp. 82-83) e na dimensão da política, como expressa a fala de Rosa (citado na p. 91), diferenciando os políticos corruptos dos trabalhadores, que inclusive roubam destes as possibilidades de emprego. Ou seja, a dimensão da consciência de classe advém tanto das experiências comuns de situações de classe quanto, e sobretudo, da luta que as classes travam, expressa de maneira mais intensa no caso da luta pela moradia, pois:

[...] Não podemos colocar “classe” aqui e “consciência de classe” ali, como duas entidades separadas uma vindo depois da outra, já que ambas devem ser consideradas conjuntamente – a experiência da determinação e o “tratamento” desta de maneiras conscientes. Nem podemos deduzir a classe de uma “seção” estática (já que é um *vir-a-ser* no tempo), nem como uma função de um modo de produção, já que as formações de classe e a consciência de classe (embora sujeitas a determinadas pressões) se desenvolvem num processo inacabado de *relação* – de luta com outras classes – no tempo. (THOMPSON, 1981, p. 121, grifos do autor).

E mais a frente:

[...] as classes surgem porque homens e mulheres, em relações produtivas determinadas, identificam seus interesses antagônicos e passam a lutar, a pensar e a valorar em termos de classe: assim o processo de formação de classe é um processo de autoconfecção, embora sob condições que são “dadas”. (THOMPSON, 1981, p. 121).

Mesmo não tendo a consciência da ação política da ocupação na totalidade social e

³² Importante ressaltar que para Thompson (2011, p. 11) a consciência de classe não deve ser idealizada, mas percebida em como ela é, sendo que não ter uma consciência revolucionária não implica em ausência de consciência de classe, negando com isso a idealização da consciência de classe como a consciência que a classe deveria ter, negando, também, a noção de falsa consciência, ambas presentes na tradição marxista.

política de Uberlândia e mesmo a participação no MSTB ser de maneira pontual, sobretudo nas ações diretas, há a referência no movimento, que nessas relações contribuem nesse processo do fazer-se de classe, com consciência de si, de seus interesses e antagonismos e levando adiante a luta por seus direitos. Essa referência, mesmo o movimento ser visto muitas vezes como “eles” e não “nós” (como a fala de Patrícia, citada na p. 86), expressa-se no reconhecimento que a moradia só será conseguida a partir da luta e da organização enquanto movimento social, da mesma forma que aparecem frequentemente nas narrativas a preocupação em se mostrar ativo na vida da organização, em que mesmo não participando relatam o fato de sempre ir alguém da casa nas reuniões e atividades do movimento (como a fala de Alexandra citada nas pp. 85-86).

Não estamos propondo ou sugerindo que a juventude apresenta um potencial político de classe ou alguma condição de protagonismo inerente à experiência juvenil. Pelo contrário, defendemos que as relações de classe determinam – no sentido de limites e pressões – em grande medida a experiência juvenil. Entretanto, determinam como situações de vida em comum, estabelecem limites em que as possibilidades e expectativas se colocam e exercem pressões sobre as próprias necessidades. Por outro lado, há, e isso é uma particularidade dos jovens da ocupação, a dimensão da consciência de classe no âmbito político, simplesmente pelo fato desses jovens encontrarem-se permanentemente – por sua vontade ou da família – em um processo de luta pela moradia.

No caso, a partir de conversas com a coordenação e pelas próprias entrevistas, pudemos perceber que não há atividades específicas para os jovens na vida política da ocupação, talvez isso contribua na visão da maioria deles em não ver o ato de ocupar como uma forma de política. Aliado a isso, temos a negação da política institucional, um pouco pelo descrédito e um pouco pela não possibilidade de participação da juventude, expressando uma postura de não reconhecimento (logo, não participação) da política na forma que está.

Foram a partir dessas experiências comuns e das representações e expectativas, permeadas pela dimensão de classe, que afirmamos não haver uma juventude em abstrato, mas concretamente vivida na totalidade social, sob limites e pressões. Da mesma forma para as classes, pois

[...] Classes não existem como categorias abstratas – platônica – mas apenas à medida que os homens vêm a *desempenhar* papéis determinados por objetivos de classe, sentindo-se *pertencentes* a classes, definindo seus interesses tanto entre si mesmos como contra outras classes. (THOMPSON, 2012c, p. 107, grifos do autor).

Por fim, podemos compreender, como ajuda Wood (2003, p. 78), que os conflitos e as

lutas moldam a experiência social como formas de classe, expressando uma consciência de classe ou não, devendo a análise desvendar como essas situações objetivas forjam a realidade, “mostrando como os determinantes de classe dão forma aos processos sociais, como as pessoas se comportam em ‘formas de classe’, mesmo antes, e como precondição de formações maduras de classe com suas instituições e valores conscientemente definidos por classe”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pudemos perceber experiências, necessidades e expectativas em comum entre esses jovens, mesmo entre a diversidade existente. Vivências recortadas a partir de formas de classe, reconhecidas e identificadas no dia a dia: na dificuldade financeira e na necessidade de entrada precoce no mundo do trabalho, com o desafio em continuar os estudos, muitas vezes conciliando com trabalho, nas limitações de mobilidade pela cidade e no acesso cultural socialmente produzido, assim como na vivência mais intensa e cotidiana com a violência, relações vividas de maneira distintas de jovens de outros setores. São comuns as expectativas, no direito à moradia e à juventude, da formação superior e de um trabalho que não tome todo o tempo.

Compreender os limites e pressões que se impõem objetivamente aos jovens, ou seja, as experiências vividas a partir de situações de classe, não significa compreendê-los como sujeitos predeterminados, mas que suas vivências dão-se a partir de possibilidades determinadas, que dizem até onde a prática humana pode ir, como muitas das necessidades, impondo visões de mundos e concepções sobre a forma de ser, em que as expectativas não correspondem com as necessidades e possibilidades reais. Entretanto, as pressões são exercidas em experiências, valores, morais, tradições e costumes; sob esses limites, há a ação, pressionando as possibilidades existentes e a projetando como novas possibilidades. É nesta perspectiva que vemos a categoria experiência como um bom terreno para compreender a juventude, a partir da indissociabilidade entre ser social e consciência social, em que as situações de classe estabelecem o perímetro e as regras onde se insere a ação humana, ação que é pensada e, ao mesmo tempo, vivida, definindo a condição juvenil dentro do contexto e do processo, a partir de sujeitos e estruturas reais, nos seus modos de vida.

Ademais, além da própria experiência ser um processo de formação humana, as experiências de classe também demonstram-se como um processo educativo, visto que possibilitam aos jovens, sobretudo pela vivência do movimento social, compreenderem os motivos da desigualdade social e a negação da moradia como uma condição da especulação imobiliária e forma de acumulação do capital. Da mesma maneira, compreendem o verdadeiro papel do Estado no processo de luta, sem contar das experiências comunitárias de organização do bairro e de solidariedade entre as famílias, dimensões bastante encontradas nas narrativas.

Durante o processo de pesquisa, as hipóteses e perguntas foram revistas, questionadas e reformuladas, assim, nossa pesquisa empírica e teórica levou-nos a alguns questionamentos, sobretudo da importância dos grupos de pares e espaços de sociabilidade na formação dos

jovens enquanto sujeitos e na conformação da experiência juvenil. Da mesma forma, as práticas e vivências a partir de situações de classe, fazem-nos questionar as formulações sobre as culturas juvenis, talvez não encontrada em nosso estudo empírico. Seriam estas formações culturais independentes das situações de classe? Qual o grau de autonomia ou integração dessas práticas? São culturas juvenis ou são formações que emergem e são apropriadas ou tornam-se alternativas ou opositoras à dominante? Nos jovens das periferias, e ocupação, qual a relação/distinção da(s) cultura(s) juvenil da cultura local?

Essas questões levam-nos à um confronto teórico entre a produção feita pela sociologia da juventude com o debate da cultura na perspectiva do materialismo histórico, sobretudo no diálogo entre E. P. Thompson, Raymond Williams e Antonio Gramsci, o que torna inviável no período de dois anos do mestrado, visto à densidade e quantidade dessas produções. Ademais, essas perguntas exigem uma ampliação de nosso recorte empírico, abrangendo uma territorialidade maior, assim como formações (se é que podemos falar assim) culturais mais amplas, como os grupos informais apontados por Groppo (2000) e os grupos culturais por Dayrell (2001).

É a partir desses fundamentos que emerge a continuidade da pesquisa em outra perspectiva, para os grupos de jovens e espaços de sociabilidade. Entretanto, o enfoque dado não será nem pelo protagonismo juvenil, nem nos grupos culturais, mas para além, propomos a continuidade desse estudo a partir dos jovens da periferia concretos, nos grupos criados e recriados permanentemente, tanto nos grupos informais e espontâneos quanto nos grupos tutelados por adultos.

Nestes apontamentos, novas perguntas surgem, por exemplo: como os jovens vivenciam, criam, recriam e contestam esses espaços? Onde eles se dão? Como são significados e ressignificados? Como são vividos? Como se relacionam com a formação social como um todo e as outras instâncias de socialização? Da mesma forma, coloca-nos outras hipóteses, em que, a partir de nossa pesquisa e da literatura visitada, podemos trabalhar com a que os grupos de pares – tanto formais quanto informais – cumprem um papel central na formação dos jovens, sendo mediadores de relações na saída da infância, na experimentação de novas vivências e agências, de novos territórios e novas relações sociais – em torno da educação, da religião, família, trabalho (de certa maneira), estilo, sexuais e territoriais.

O processo de luta da ocupação continua, apesar de diversas vezes ter chegado ao ponto de decisões judiciais para a reintegração de posse, todas derrubadas pela luta popular. No momento de conclusão da escrita, havia uma nova decisão judicial para que a UFU depositasse o valor necessário para efetuar o despejo (em torno de R\$ 7,4 milhões). Após essa decisão,

houve uma reunião do Conselho Universitário para discutir tal questão que foi ocupada pelos moradores do Élisson Prieto (SEM-TETO..., 2016; UFU TERÁ..., 2016). Dessa forma, os rumos da ocupação (incluindo sua continuidade ou não) estão em abertos, sem nenhuma possibilidade de definição, sendo decidido somente pelo processo de luta de classes e da capacidade de organização e ação direta desses trabalhadores.

Conseguimos retomar o contato com alguns desses jovens, que à exceção de Simone, que foi morar em Montes Claros com a família enquanto os pais continuam na luta pela moradia, continuam firmes na ocupação, sempre com a preocupação de perderem essa luta e terem que abandonar suas casas já construídas e recomeçarem um processo que possibilite uma moradia digna, ao mesmo tempo, esperançosos da vitória e de fato terem a casa própria.

Por fim, sabemos dos limites desse trabalho, em que cada dimensão por nós analisada merece um aprofundamento tanto empírico quanto teórico, o que inviabiliza no tempo de um mestrado. Sabemos, também, que nosso material empírico levantado não se esgota com essa apresentação, devendo ser revisto e melhor “digerido” nesse lento processo que é a construção do conhecimento. Esperamos ter contribuído com pesquisas sobre os jovens de periferia, sobretudo no estudo dos sujeitos, tão necessário para atuação e organização de movimentos sociais que se preocupam principalmente com a juventude.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Acervo de pesquisa

ALEXANDRA. **[Entrevistas de história oral dos jovens do bairro Élisson Prieto]**. Bairro Élisson Prieto, Uberlândia – MG, 02 nov. 2015. Entrevista realizada por Douglas Gonsalves Fávero. p. 1-13. Acervo de pesquisa.

ANTÔNIO. **[Entrevistas de história oral dos jovens do bairro Élisson Prieto]**. Bairro Élisson Prieto, Uberlândia – MG, 05 nov. 2015. Entrevista realizada por Douglas Gonsalves Fávero. p. 22-30. Acervo de pesquisa.

EDUARDO. **[Entrevistas de história oral dos jovens do bairro Élisson Prieto]**. Bairro Élisson Prieto, Uberlândia – MG, 05 nov. 2015. Entrevista realizada por Douglas Gonsalves Fávero, p. 65-72. Acervo de pesquisa.

ERNESTO. **[Entrevistas de história oral dos jovens do bairro Élisson Prieto]**. Bairro Élisson Prieto, Uberlândia – MG, 03 nov. 2015. Entrevista realizada por Douglas Gonsalves Fávero, p. 55-64. Acervo de pesquisa.

FÁVERO, D. G.; MORAIS, S. P. **Perfil dos jovens do bairro Élisson Prieto**. 2015. Relatório elaborado a partir do *survey* efetuado entre 12 a 22 de agosto, Uberlândia, 2015.

IGINO MARCOS E ADVOGADOS ASSOCIADOS. **Cadastro dos moradores do Glória**. 2016. Cadastro interno do escritório e do MSTB disponibilizado para os pesquisadores para consulta, Uberlândia, 2016.

PATRÍCIA. **[Entrevistas de história oral dos jovens do bairro Élisson Prieto]**. Bairro Élisson Prieto, Uberlândia – MG, 11 nov. 2015. Entrevista realizada por Douglas Gonsalves Fávero. p. 30-37. Acervo de pesquisa.

ROSA. **[Entrevistas de história oral dos jovens do bairro Élisson Prieto]**. Bairro Élisson Prieto, Uberlândia – MG, 10 nov. 2015. Entrevista realizada por Douglas Gonsalves Fávero, p. 13-22. Acervo de pesquisa.

SIMONE. **[Entrevistas de história oral dos jovens do bairro Élisson Prieto]**. Bairro Élisson Prieto, Uberlândia – MG, 03 nov. 2015. Entrevista realizada por Douglas Gonsalves Fávero, p. 49-55. Acervo de pesquisa.

TITO. **[Entrevistas de história oral dos jovens do bairro Élisson Prieto]**. Bairro Élisson Prieto, Uberlândia – MG, 09 nov. 2015. Entrevista realizada por Douglas Gonsalves Fávero, p. 37-49. Acervo de pesquisa.

Institucionais

BRASIL. Lei nº 8.069, de 31 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 16 set. 1990.

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>. Acesso em 10 abr. 2016.

BRASIL. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 06 ago. 2013. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm>. Acesso em 10 abr. 2016.

IBGE. **Pesquisa Mensal de Emprego – PME (abril de 2015)**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/defaulttab_hist.shtm>. Acesso em: 09 jun. 2015.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Educação dos jovens brasileiros no período de 2006-2013**. Escritório no Brasil: OIT; Instituto de Pesquisas Aplicadas (IPEA), 2015a. 18 p. Relatório.

_____. **Diálogo social e trabalho decente para a juventude no Brasil**. Brasília, OIT; IPEA, 2015b. 22 p. (Relatório)

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA. Secretaria e Órgãos: Meio Ambiente. Complexo Parque do Sabiá. [201-]. Disponível em: <<http://www.uberlandia.mg.gov.br/2014/secretaria-pagina/51/144/secretaria.html#>>. Acesso em: 29 mai. 2016.

SECRETARIA DE ASSUNTOS ESTRATÉGICOS. Governo Federal. Juventude levada em conta – demografia. 2013. Disponível em <<http://www.sae.gov.br/site/wp-content/uploads/Juventude-Levada-em-Conta.pdf>>. Acesso em 25 jun. 2014.

SECRETARIA GERAL DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA; SECRETARIA NACIONAL DE JUVENTUDE. **Mapa do encarceramento**: os jovens do Brasil. Brasília: Presidência da República, 2015. (Série Juventude Viva)

SECRETARIA NACIONAL DE JUVENTUDE. **Agenda Juventude Brasil**. Pesquisa de opinião pública, 2013. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/participacao/images/pdfs/participacao/pesquisa%20perfil%20da%20juventude%20snj.pdf>> Acesso: 09 jun. 2015.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da Violência**: os jovens do Brasil. Brasília: Secretaria-Geral da Presidência da República; Secretaria Nacional de Juventude; Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, 2014.

Referências bibliográficas

ABAD, M. Las Políticas de juventud desde la perspectiva de la relación entre convivencia, ciudadanía y nueva condición juvenil. **Última Década**, Viña Del Mar, n. 16, p. 117-152, marzo 2002.

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista**

Brasileira de Educação, São Paulo, n. 5 e 6, p. 25-36, maio/dezembro 1997.

ABRAMO, H. W. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: _____; MARTONI, P. P. (Org.). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 37-72.

_____.; MARTONI, P. P. (Org.). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

ALVES, G. Juventude e nova precariedade salarial no Brasil: elementos da condição proletária no século XXI. In: _____; ESTANQUE, E. (Org.). **Trabalho, Juventude e Precariedade**: Brasil e Portugal. Bauru: Canal 6, 2012. p. 11-32.

_____.; ESTANQUE, E. (Org.). **Trabalho, juventude e precariedade**: Brasil e Portugal. Bauru: Canal 6, 2012.

BABBIE, E. **Métodos de Pesquisas de Survey**. Tradução de Guilherme Cezarino. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

BARBETTA, P. A. **Estatística aplicada às ciências sociais**. 5ª edição revisada. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

BOURDIEU, P. A juventude é apenas uma palavra. In: _____. **Questões de Sociologia**. Tradução de Jeni Vaitsman. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero Limitada, 1983. p. 112-121.

CARCANHOLO, M. D.; BARUCO, G. C. D. C. Pós-modernismo e Neoliberalismo: duas facetas ideológico-políticas de uma pretensa nova era. **Lutas Sociais**, São Paulo, v. 21/22, p. 132-145, 2009.

CARDOSO, A. Juventudes desorientadas e gerações perdidas: dinâmicas do mercado de trabalho brasileiro. In: ALVES, G.; ESTANQUE, E. (Org.). **Trabalho, juventude e precariedade**: Brasil e Portugal. Bauru: Canal 6, 2012. p. 65-98.

CASTRO, E. G. D. **Entre ficar e sair**: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural. 2005. 380f. 2v. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2005.

DAYRELL, J. T. Juventude, grupos de estilo e identidade. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 30, p. 25-38, dez 1999.

_____. **A música entra em cena**: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte. 2001. 412f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2001.

_____. Cultura e Identidades Juveniles. **Ultima Década**, CIDPA Viña del Mar, n. 18, p. 69-61, abr 2003a.

_____. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 24, p. 40-52, set/out/nov/dez 2003b.

DAYRELL, J. T. Juventude, grupos culturais e sociabilidade. **JOVENes**. Revista de Estudios sobre Juventud, México, v. 9, n. 22, p. 296-313, jan/jun 2005.

_____. A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, out 2007.

DAYRELL, J. T.; NONATO, B. F.; DIAS, F. V.; CARMO, H. C. do. Juventude e Escola. In: SPOSITO, M. P. (Coord.). **Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)**. Belo Horizonte: Argvmentvm, v. 1, 2009. p. 57-127.

DE SORDI, D. N. **MORADIA, TRABALHO E LUTA: experiências, práticas e perspectivas sobre ocupações de terras urbanas (Uberlândia, MG 2000-2012)**. 2014. 151f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

É O FLUXO. Produção de Roberto Camargos, João Augusto Neves. Uberlândia, 2014. Vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OX5R_3KjX1g>. Acesso em: 27 mai. 2016.

FÁVERO, O.; SPOSITO, M. P.; CARRANO, P. N.; NOVAES, R. R. (Org.). **Juventude e Contemporaneidade**. Brasília: MEC/UNESCO, 2007.

FRIGOTTO, G. Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Org.). **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 180-216.

_____. Os delírios da razão: crise do capital e metamorfose conceitual no campo educacional. In: GENTILI, P. (Org.). **Pedagogia da exclusão: crítica ao neoliberalismo em educação**. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 77-108.

_____. CIAVATTA, M. (Org.). **Ensino médio: ciência, cultura e trabalho**. Brasília: MEC, SEMTEC, 2004.

GROPPO, L. A. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

_____. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. **Revista de Educação do Cogeime**, n. 25, p. 9-22, dezembro 2004.

_____. Condição juvenil e modelos contemporâneos de análise sociológica das juventudes. **Ultima Década**, Valparaíso, n. 33, p. 11-26, diciembre 2010.

_____. Pierre Bourdieu: da teoria da reprodução à teoria social. **Revista Acta Científica**, v. 20, n. 2, p. 11-19, mai/ago 2011.

GROPPO, L. A.; GOUSSAIN, E. M. F. C. dos S. Dimensões educativas não formais e informais das práticas culturais juvenis na cidade. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 41, n. 2, p. 265-286, mai/ago 2016.

LEVIN, J. **Estatística aplicada a ciências humanas**. 2ª. ed. São Paulo: Harbra, 1978.

LIMA, N. T. Juventude e ensino médio: de costas para o futuro? In: FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. (Org.). **Ensino médio: ciência, cultura e trabalho**. Brasília: MEC, SEMTEC, 2004. p. 93-111.

LINEBAUGH, P. Todas as Montanhas Atlânticas Estremeceram. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 3, p. 07-46, setembro 1983.

LÖWY, M. Marxismo e religião: ópio do povo? In: BORON, A. A.; AMADEO, J.; GONZÁLEZ, S. (Org.). **A teoria marxista hoje: problemas e perspectivas**. Buenos Aires: CLACSO, 2007. p. 298-315.

_____. E. P. Thompson (1924 - 1993): a religião dos trabalhadores. **História & Perspectivas**, Uberlândia, n. 1 - Especial, p. 295-312, jan/jun 2014.

MAGNANI, J. G. C. Tribos urbanas: metáfora ou categoria? **Cadernos de Campo (USP)**, São Paulo, v. 2, p. 48-51, 1992.

_____. Os circuitos dos jovens urbanos. **Tempo Social: revista de sociologia da USP**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 173-205, nov 2005.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. Tradução de Florestan Fernandes. 2ª. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

_____. **Contribuição à crítica da Filosofia do Direito de Hegel. Introdução**. Tradução de Lúcia Helers. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

_____. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2010.

_____. Introdução. In: _____. **Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858**. Tradução de Nélcio Schneider e Mario Duayer. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: UFRJ, 2011. p. 37-64.

_____. **O capital: crítica da economia política**. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo Editorial, Livro I, v. I e II, O processo de produção do capital, 2013.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MELUCCI, A. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 5 e 6, p. 5-14, mai/dez 1997.

MISSE, M. **Cinco teses equivocadas sobre a criminalidade urbana no Brasil**. 1995. Exposição apresentada à Mesa-Redonda: “Violência no Público e no Privado”, no Seminário “Violência ou Participação Social no Rio de Janeiro”, Rio de Janeiro, 1995. Mimeo.

NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Org.). **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

OCUPAÇÃO Élisson Prieto, Glória/Uberlândia/MG: 2.350 famílias, lotes 10X25 metros. Despejo?. Produção de Gilvander Luís Moreira. Uberlândia, 2015. Vídeo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YVzvNpRtcMw>>. Acesso em: 15 dez. 2016.

PÀMPOLS, C. F. A construção histórica da juventude. In: CACCIA-BAVA, A.; PÀMPOLS, C. F.; CANGAS, Y. G. (Org.). **Jovens na América Latina**. Tradução de Augusto Caccia-Bava. São Paulo: Escrituras Editora, 2004. p. 257-327.

PERALVA, A. T. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 5 e 6, p. 15-24, mai/dez 1997.

PORTELLI, A. Sonhos ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 41-58, dez 1993.

_____. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre história oral. **Projeto História**, São Paulo, v. 15, p. 13-49, abr 1997.

_____. História oral como gênero. **Projeto História**, São Paulo, v. 22, p. 9-36, jun 2001.

REGUILLO, R. Las culturas juveniles: un campo de estudio; breve agenda para la discusión. In: FÁVERO, O., et al. **Juventude e Contemporaneidade**. Brasília: UNESCO/MEC/ANPEd, 2007. p. 47-72.

SEM-TETO protestam na reitoria da UFU contra desocupação do Glória. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia. 20 dez. 2016. Disponível em: <<http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/sem-teto-protestam-na-reitoria-da-ufu-contr-desocupacao-do-gloria/>>. Acesso em: 22 dez. 2016.

SMITH, R. C. Estratégias analíticas para entrevistas de história oral. In: SMITH, R. C. **Circuitos de Subjetividade: história oral, o acervo e as artes**. São Paulo: Letra e Voz, 2012. p. 13-44.

SPOSITO, M. P. A sociabilidade juvenil e a rua; novos conflitos e ação coletiva na cidade. **Tempo Social: Revista Sociologia da USP**. São Paulo, v. 5 n. 1 e 2, p. 161-178, 1993.

_____. Juventude: crise, identidade e escola. In: DAYRELL, J. (Org.) **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. 3 ed. Belo Horizonte: UFMG, 1996. pp. 96-104.

_____. (Des)encontros entre os jovens e a escola. In: GAUDÊNCIO, F.; CIAVATTA, M. (Org.). **Ensino médio: ciência, cultura e trabalho**. Brasília: MEC, SEMTEC, 2004. p. 73-92.

_____. (Coord.). **O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006)**. Belo Horizonte: Argvmentvm, v. 1, 2009a.

_____. (Coord.). A pesquisa sobre Jovens na Pós-Graduação: um balanço da produção discente em Educação, Serviço Social e Ciências Sociais (1999-2006). In: _____. **O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006)**. Belo Horizonte: Argvmentvm, v. 1, 2009b. p. 17-57.

THOMPSON, E. P. Educação e experiência. 1968. In: _____. **Os Românticos: a Inglaterra na era revolucionária**. Tradução de Sérgio Moraes Rêgo Reis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

_____. La sociedad inglesa del siglo XVIII: ¿lucha de clases sin clases? In: _____. **Tradición, revuelta y consciencia de clase: estudios sobre la crisis de la sociedad pré-industrial**. Tradução castelhana de Eva Rodríguez. Barcelona: Editorial Crítica, 1984. p. 13-61.

_____. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. La política de la teoría. In: SAMUEL, R. **Historia popular y teoría socialista**. Barcelona: Crítica, 1984. p. 301-317.

_____. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **A formação da classe operária inglesa 1: a árvore da liberdade**. Tradução de Denise Bottmann. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **A formação da classe operária inglesa 2: a maldição de Adão**. Tradução de Renato Busatto Neto e Cláudia Rocha de Almeida. 2ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012a.

_____. **A formação da classe operária inglesa 3: a força dos trabalhadores**. Tradução de Denise Bottmann. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012b.

_____. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Organização de Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. Campinas: Editora da Unicamp, 2012c.

VARELA, F. R. El mito de la cultura juvenil. **Ultima Década**, CIDPA Valparaíso, n. 28, p. 79-90, jul 2008.

VILANOVA, M. Pensar a subjetividade - estatísticas e fontes orais. In: FERREIRA, M. de. M. (Org.). **História Oral e Multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994. p. 45-74.

UFU TERÁ de depositar R\$ 7,4 milhões para reintegração do Glória. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia. 15 dez. 2016. Disponível em: <<http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/ufu-tera-de-depositar-r-74-milhoes-para-reintegracao-do-gloria/>>. Acesso em: 22 dez. 2016.

VÁZQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis**. Tradução de Maria Encarnación Moya. 1ª. Ed. Buenos Aires: CLACSO; São Paulo: Expressão Popular, 2007.

WILLIAMS, R. **Marxismo e Literatura**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. **Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade**. Tradução de Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2007.

WILLIAMS, R. Base e superestrutura na teoria da cultura marxista. In: _____. **Cultura e Materialismo**. Tradução de André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 43-68.

WOOD, E. M. Classe como processo e como relação. In: _____. **Democracia contra capitalismo: a renovação do materialismo histórico**. Tradução de Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2003. p. 73-98.

APÊNDICE A – TERMOS DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada “A condição juvenil em áreas de ocupações urbanas”, sob a responsabilidade dos pesquisadores Douglas Gonsalves Fávero e Sérgio Paulo Morais.

Nesta pesquisa nós estamos buscando entender como os jovens vivem a sua condição de juventude em assentamentos urbanos em que a moradia ainda se encontra em negociação. Buscamos compreender, sob essas condições, como os jovens vivem, agem, pensam e se relacionam.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pelo pesquisador Douglas Gonsalves Fávero no momento da primeira entrevista no bairro Élisson Prieto.

Na sua participação você participará de uma entrevista registrada em um gravador de voz (não será utilizado imagens), respondendo, sob seu juízo, as perguntas efetuadas pelo pesquisador Douglas Gonsalves Fávero. As gravações serão transcritas e analisadas pelos pesquisadores, podendo ser publicado parte destas transcrições.

Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada.

Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: Douglas Gonsalves Fávero – Rua Antônio Marciano de Ávila, nº 991, bairro Santa Mônica – Uberlândia-MG, CEP: 38408-244; fone: (34) 99697-5668 e, Sérgio Paulo Morais, Universidade Federal de Uberlândia: Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco H, sala 1H34, Campus Santa Mônica – Uberlândia –MG, CEP: 38408-100; fone: (34) 3230-9597.

Uberlândia, de de 2015

Douglas Gonsalves Fávero

Sergio Paulo Morais

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Participante da pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA O RESPONSÁVEL DO MENOR ENTREVISTADO

Prezado(a) senhor(a), o(a) menor, pelo qual o(a) senhor(a) é responsável, está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada “A condição juvenil em áreas de ocupações urbanas”, sob a responsabilidade dos pesquisadores Douglas Gonsalves Fávero e Sérgio Paulo Moraes.

Nesta pesquisa nós estamos buscando entender como os jovens vivem a sua condição de juventude em assentamentos urbanos em que a moradia ainda se encontra em negociação. Buscamos entender, sob essas condições, como os jovens vivem, agem, pensam e se relacionam.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pelo pesquisador Douglas Gonsalves Fávero no momento da primeira entrevista no bairro Élisson Prieto.

Na participação do(a) menor, ele(a) participará de uma entrevista registrada em um gravador de voz (não será utilizado imagens), respondendo, sob seu juízo, as perguntas efetuadas pelo pesquisador Douglas Gonsalves Fávero. As gravações serão transcritas e analisadas pelos pesquisadores, podendo ser publicado partes destas transcrições.

Em nenhum momento o(a) menor será identificado(a). Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada.

O(A) menor não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa.

O(A) menor é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com o(a) senhor(a), responsável legal pelo(a) menor.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, o(a) senhor(a), responsável legal pelo(a) menor, poderá entrar em contato com: Douglas Gonsalves Fávero – Rua Antônio Marciano de Ávila, nº 991, bairro Santa Mônica – Uberlândia-MG, CEP: 38408-244; fone: (34) 99697-5668 e, Sérgio Paulo Moraes, Universidade Federal de Uberlândia: Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco H, sala 1H34, Campus Santa Mônica – Uberlândia –MG, CEP: 38408-100; fone: (34) 3230-9597.

Uberlândia, de de 2015

Douglas Gonsalves Fávero

Sergio Paulo Moraes

Eu, responsável legal pelo(a) menor _____
consinto na sua participação no projeto citado acima, caso ele(a) deseje, após ter sido devidamente esclarecido.

Responsável pelo(a) menor participante da pesquisa

TERMO DE ASSENTIMENTO PARA O MENOR

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada “A condição juvenil em áreas de ocupações urbanas”, sob a responsabilidade dos pesquisadores Douglas Gonsalves Fávero e Sérgio Paulo Morais.

Nesta pesquisa nós estamos buscando entender como os jovens vivem a sua condição de juventude em assentamentos urbanos em que a moradia ainda se encontra em negociação. Buscamos compreender, sob essas condições, como os jovens vivem, agem, pensam e se relacionam.

Na sua participação você participará de uma entrevista registrada em um gravador de voz (não será utilizado imagens), respondendo, sob seu juízo, as perguntas efetuadas pelo pesquisador Douglas Gonsalves Fávero. As gravações serão transcritas e analisadas pelos pesquisadores, podendo ser publicado parte destas transcrições.

Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada.

Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa.

Mesmo seu responsável legal tendo consentido na sua participação na pesquisa, você não é obrigado a participar da mesma se não desejar. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação.

Uma via original deste Termo de Esclarecimento ficará com você.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: Douglas Gonsalves Fávero – Rua Antônio Marciano de Ávila, nº 991, bairro Santa Mônica – Uberlândia-MG, CEP: 38408-244; fone: (34) 99697-5668 e, Sérgio Paulo Morais, Universidade Federal de Uberlândia: Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco H, sala 1H34, Campus Santa Mônica – Uberlândia –MG, CEP: 38408-100; fone: (34) 3230-9597.

Uberlândia, de de 2015

Douglas Gonsalves Fávero

Sergio Paulo Morais

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Participante da pesquisa

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO

PESQUISA – PERFIL DA JUVENTUDE DO BAIRRO ÉLISSEON PRIETO

- 1) Nome: _____
- 2) Endereço: Quadra: _____ Lote: _____
- 3) Sexo: (1) Masculino (2) Feminino 4) Data de nascimento: ____/____/____
- 4) Cor: (1) Amarela (2) Branca (3) Indígena (4) Preta (5) Outras
- 5) Há quanto tempo mora no Élisson Prieto: _____
 - 5.1) Onde morava antes de ir para o Élisson Prieto: _____
- 6) Situação escolar: (1) Em andamento (2) Concluído (3) Interrompido
 - 6.1) Motivo da interrupção: _____
 - 6.2) Série/nível: _____ (interrompida ou que se encontra)
- 7) Mora com: (1) Pais/avós/irmãos/tios (2) Sozinho (3) Esposa/filhos (4) Amigos (NR)
 - 7.1) Tipo de moradia: (1) própria (2) alugada (3) Em construção
 - 7.2) Estado civil: (1) Solteiro(a) (2) Casado(a) (3) “Amigado”
 - (4) Divorciado/viúvo (5) Outro: _____
 - 7.3) Possui filhos: (1) Sim (2) Não Quantos: _____
- 8) Relação financeira com a família: (1) Independente (2) Dependente (3) Sustenta (MR)
 - 8.1) Depende financeiramente da família: (1) Total (2) Não (3) Em partes
 - 8.2) Possui pessoas que dependem financeiramente (irmãos, cônjuge, filhos...):
 - (1) Sim (2) Não Quantos: _____
- Quem: _____
- 9) Trabalha: (1) Sim (2) Não
 - 9.1) Em que: _____
 - 9.2) Carga horária semanal: _____
 - 9.3) Situação: (1) Desemprego (2) Registrado (3) Não registrado (4) Por conta própria
 - 9.4) Renda individual: R\$ _____
 - 9.5) Renda familiar (domicílio): R\$ _____
- 10) Frequenta alguma religião: (1) Sim (2) Não Qual: _____
 - 10.1) Frequenta culto/missa: (1) Toda semana (2) Uma vez por mês
 - (3) Menos que uma vez por mês

11) A família participa de algum programa de governo? (1) Sim (2) Não

Qual: _____

11.1) Você tem alguma obrigação com o programa? (1) Sim (2) Não

Qual: _____

12) Você conhece programas de governo ou políticas públicas para jovens?

(1) Sim (2) Não Quais: _____

12.1) Participa de algum programa de governo voltado para jovens? (1) Sim (2) Não

Qual: _____

13) Participa de algum grupo de jovens: (1) Sim (2) Não Que tipo: _____

13) Participa das atividades do MSTB: (1) Sim (2) Não

13.1) Com que frequência: (1) Sempre (2) de vez em quando (3) Nunca

Quais: _____

14) O que faz nos momentos de lazer: _____

14.1) Com que frequência: _____

14.2) Com quem: (1) Sozinho (2) Amigos (3) Família (4) Outro: _____

15) O que você entende por juventude? (Para jovens mais velhos)

16) Você se considera jovem? (1) Sim (2) Não

16.1) Por quê? _____

17) Você teria disponibilidade em participar da pesquisa de mestrado sobre a juventude do

Élisson Prieto? (1) Sim [pegar telefone] (2) Não

16.1) O que achou dessa pesquisa?

Tel: () _____ - _____ () _____ - _____

APÊNDICE C – ROTEIRO DA ENTREVISTA DE HISTÓRIA ORAL

1. Apresentação (do pesquisador e da pesquisa)
2. Orientações sobre a entrevista (sigilo, termo de consentimento, uso para publicação, gravação)
3. Cotidiano (moradia e família)
 - a. Como foi que vocês vieram para o Glória?
 - b. Como são as relações na casa? (divisão de tarefas, responsabilidades)
 - c. Como é morar no Glória? (condições do bairro, da casa, relação com os vizinhos, com o movimento, o que acontece no dia a dia)
 - d. Como é a sua relação com sua família?
4. Filho
 - a. Quantos anos tem seu filho?
 - b. Como você vê essa relação de ser mãe jovem?
 - c. E o pai contribui com a criação do filho?
5. Educação
 - a. Qual a importância dos estudos para você?
 - b. Sobre a relação de estudo? (porque parou de estudar, pretende continuar, se está estudando o que acha da escola)
6. Trabalho
 - a. Como é seu trabalho (incluindo o doméstico para as donas de casa)? (O que você costuma fazer? Com quem trabalha? Quais horários?)
 - b. Você se relaciona com as pessoas com quem trabalha fora do trabalho?
 - c. O que faz com o filho enquanto trabalha?
 - d. Você se lembra do seu primeiro emprego? Como foi?
7. Consumo
 - a. Como você gerencia seu dinheiro? Com as suas coisas e a casa, sustento do filho?
 - b. O que você costuma comprar?
8. Religião
 - a. Qual a importância que a religião tem para você?
 - b. Quais as atividades da Igreja que você participa? E com quem você costuma ir?
9. Sociabilidade
 - a. Como são seus momentos de lazer? (o que faz, com quem)

- b. Você frequenta quais espaços públicos?
- c. Já participou de algum grupo de jovens qualquer?

10. Cultura

- a. Que tipo de literatura você costuma utilizar? (leituras, músicas, filmes...)
- b. Frequenta atividades culturais? (Quais? Com quem? E como são?)
- c. Você faz alguma atividade cultural? (dança, música, poesia, literatura, audiovisual...)

11. Informações

- a. Como costuma se informar?
- b. Como é a relação com a internet e mídias digitais?

12. Política

- a. O que você entende por política?
- b. Você participa de alguma forma de política?
- c. Como que você acha que está a política hoje?

13. MSTB

- a. Como você vê o MSTB? Qual a importância dele para você e para a sociedade?
- b. Como é sua participação nas atividades?

14. Sexualidade

- a. Você se relaciona afetivamente com alguém?
- b. Você conversa com a família e amigos sobre a sexualidade?

15. Violência

- a. Como você vê a violência na sociedade?
- b. Você já sofreu algum tipo de violência? Teve alguém na família que já sofreu?
- c. Já teve alguma experiência com a polícia? E como foi?

16. Quais suas perspectivas com o futuro?

17. O que você acha que é ser jovem? O que diferencia vocês das crianças e dos adultos?

APÊNDICE D – PERFIL DOS JOVENS DO BAIRRO ÉLISSON PRIETO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PERFIL DOS JOVENS DO BAIRRO ÉLISSON PRIETO
UBERLÂNDIA 2015

Douglas Gonsalves Fávero
Sérgio Paulo Moraes

UBERLÂNDIA
2015

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 Distribuição dos jovens por idade.	9
Gráfico 2 Distribuição dos jovens por sexo.	9
Gráfico 3 Distribuição dos jovens por idade e sexo.	10
Gráfico 4 Distribuição dos jovens por cor.	11
Gráfico 5 Distribuição dos jovens por raça.	11
Gráfico 6 Distribuição dos jovens por escolaridade.	12
Gráfico 7 Situação escolar dos jovens.	13
Gráfico 8 Situação escolar dos jovens por sexo.	13
Gráfico 9 Escolaridade dos jovens que atualmente estão estudando.	14
Gráfico 10 Idade dos jovens que estão estudando.	14
Gráfico 11 Nível em que foi interrompido os estudos.	15
Gráfico 12 Motivos da interrupção dos estudos.	16
Gráfico 13 Motivo da interrupção dos estudos por jovens homens.	17
Gráfico 14 Motivo da interrupção dos estudos por jovens mulheres.	17
Gráfico 15 Tempo de moradia dos jovens no Élisson Prieto.	18
Gráfico 16 Local de moradia dos jovens antes de irem para o Élisson Prieto.	19
Gráfico 17 Estado de moradia dos jovens antes de irem para o Élisson Prieto.	20
Gráfico 18 Estado civil dos jovens do Élisson Prieto.	21
Gráfico 19 Relação de moradia com a família.	22
Gráfico 20 Jovens que possuem filhos.	22
Gráfico 21 Estado civil dos jovens com filhos.	23
Gráfico 22 Número de filhos dos jovens.	23
Gráfico 23 Relação financeira dos jovens com a família.	24
Gráfico 24 Pessoas que dependem financeiramente dos jovens.	24
Gráfico 25 PEA e Não PEA entre os jovens.	25
Gráfico 26 PEA e Não PEA por idade.	25
Gráfico 27 PEA e Não PEA por sexo.	26
Gráfico 28 PEA juvenil que estuda.	26
Gráfico 29 Não PEA que estuda.	27
Gráfico 30 Horas trabalhadas por dia.	27
Gráfico 31 Situação trabalhista dos jovens.	28
Gráfico 32 Desemprego por idade.	28

Gráfico 33 Desemprego por sexo entre os jovens.	29
Gráfico 34 Renda individual dos jovens da PEA.	29
Gráfico 35 Renda familiar dos jovens.	30
Gráfico 36 Mulheres da Não PEA que exercem trabalho doméstico.	31
Gráfico 37 Jovens que frequentam religião.	32
Gráfico 38 Religiões frequentada entre os jovens do Élisson Prieto.	32
Gráfico 39 Frequência que os jovens frequentam a igreja.	33
Gráfico 40 Jovens e familiares que recebem algum benefício social.	34
Gráfico 41 Programas mais acessados pelos jovens e seus familiares.	34
Gráfico 42 Jovens que conhecem programas de governo ou políticas públicas voltadas para a juventude.	35
Gráfico 43 Jovens, entre os que conhecem, participam de algum programa de governo ou política pública juvenil.	35
Gráfico 44 Jovens que participam das atividades do MSTB.	36
Gráfico 45 Frequência que os jovens participam das atividades do MSTB.	37
Gráfico 46 Atividades realizadas pelo MSTB que os jovens mais participam.	37
Gráfico 47 Motivos da não participação nas atividades do movimento.	38
Gráfico 48 Participação e grupos de jovens.	39
Gráfico 49 Espaços de sociabilidade.	40
Gráfico 50 O que os jovens fazem nos momentos de lazer.	41
Gráfico 51 Os jovens que se consideram jovem.	42
Gráfico 52 Motivo de ser jovem.	43
Gráfico 53 Porque não se sente mais jovem.	44
Gráfico 54 Representação sobre juventude.	45

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Distribuição das entrevistas por idade e sexo.....	7
Tabela 2 Distribuição dos jovens que estão estudando por nível e série.....	15
Tabela 3 Relação dos principais bairros de moradia dos jovens antes do Élisson Prieto.	19
Tabela 4 Principais cidades de Minas Gerais que os jovens moravam antes de irem para o Élisson Prieto.....	20

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	6
2	PROCEDIMENTOS TÉCNICO-METODOLÓGICOS	7
3	PERFIL DOS JOVENS DO ÉLISSON PRIETO.....	9
4	ESCOLARIDADE	12
5	MORADIA	18
6	FAMÍLIA	21
7	TRABALHO	25
8	RELIGIÃO	32
9	PROGRAMAS DE GOVERNO E POLÍTICAS PÚBLICAS	34
10	RELAÇÃO COM O MSTB	36
11	SOCIABILIDADE E LAZER.....	39
12	REPRESENTAÇÃO DA JUVENTUDE	42

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa Perfil da Juventude do Bairro Élisson Prieto é fruto de resultados parciais da pesquisa de Mestrado em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, intitulada “A Condição Juvenil em Áreas de Ocupação Urbana de Uberlândia-MG”.

Com essa pesquisa, busca-se compreender como os jovens vivenciam a sua juventude em situações que a moradia ainda é uma luta. Busca-se compreender suas experiências enquanto sujeitos em suas diferentes relações como família, escola, trabalho, sociabilidade entre outros.

Este relatório é resultado de uma análise exploratória buscando compreender o perfil dos jovens do bairro. Essa fase possibilitou, além de uma visão ampla sobre os jovens, um contato inicial com eles, assim como uma orientação para entrevistas em profundidade realizadas posteriores e em fase de análise.

Esta pesquisa quantitativa foi feita buscando compreender os jovens nas relações entre moradia, escolaridade, família, trabalho, religião, políticas públicas, cultura, sociabilidade, relação com o movimento social e a percepção deles sobre o que é ser jovem.

2 PROCEDIMENTOS TÉCNICO-METODOLÓGICOS

Para a realização da pesquisa utilizou-se de uma amostragem aleatória sistemática e estratificada. O primeiro procedimento foi uma amostragem pelo número de residências no bairro, chegando-se a 173 entrevistas com uma margem de erro¹ de no máximo 7,5% e um nível de significância² de 95%. Foi escolhida essa margem de erro devido à viabilidade do trabalho de campo, visto a escassez de recursos materiais e humanos.

Após o cálculo do número de entrevistas, fez-se uma sistematização da amostra, ou seja, a partir de uma entrevista, pulou-se sete (constante) casas para a próxima. Esse procedimento nem sempre foi possível de ser respeitado, devido muitas casas não terem jovens e terem casas vizinhas com jovens. No entanto, este procedimento assegura que as entrevistas sejam espalhadas por todo o bairro e não fique concentrada em apenas parte dele.

Antes de iniciar as entrevistas, foi elaborado um perfil entre as idades e sexo, baseando-se na média do perfil de sexo e idade entre Brasil, Minas Gerais e Uberlândia, considerando os dados do IBGE mais recentes (PNAD e CENSO). A distribuição das entrevistas é apresentada na Tabela 1. Na Figura 1 é apresentado o trajeto realizado durante a amostragem.

Tabela 1 Distribuição das entrevistas por idade e sexo.

Sexo	Idade	Nº de entrevistas
Homem	15 a 19 anos	28
	20 a 24 anos	30
	25 a 29 anos	24
Mulher	15 a 19 anos	30
	20 a 24 anos	32
	25 a 29 anos	29
TOTAL		173

¹ A margem de erro se dá pelo erro amostral, ou seja, o tanto que as informações coletadas pela amostra se distanciam do estudo da população. Isso significa que os dados apresentados não são um número em percentagem, mas um intervalo que abrange no máximo 7,5% para mais ou para menos.

² O nível de significância corresponde à confiança da pesquisa. Ou seja, a cada 100 pesquisas realizada com diferentes amostragens, 95 vezes teremos os resultados dentro do intervalo da margem de erro.

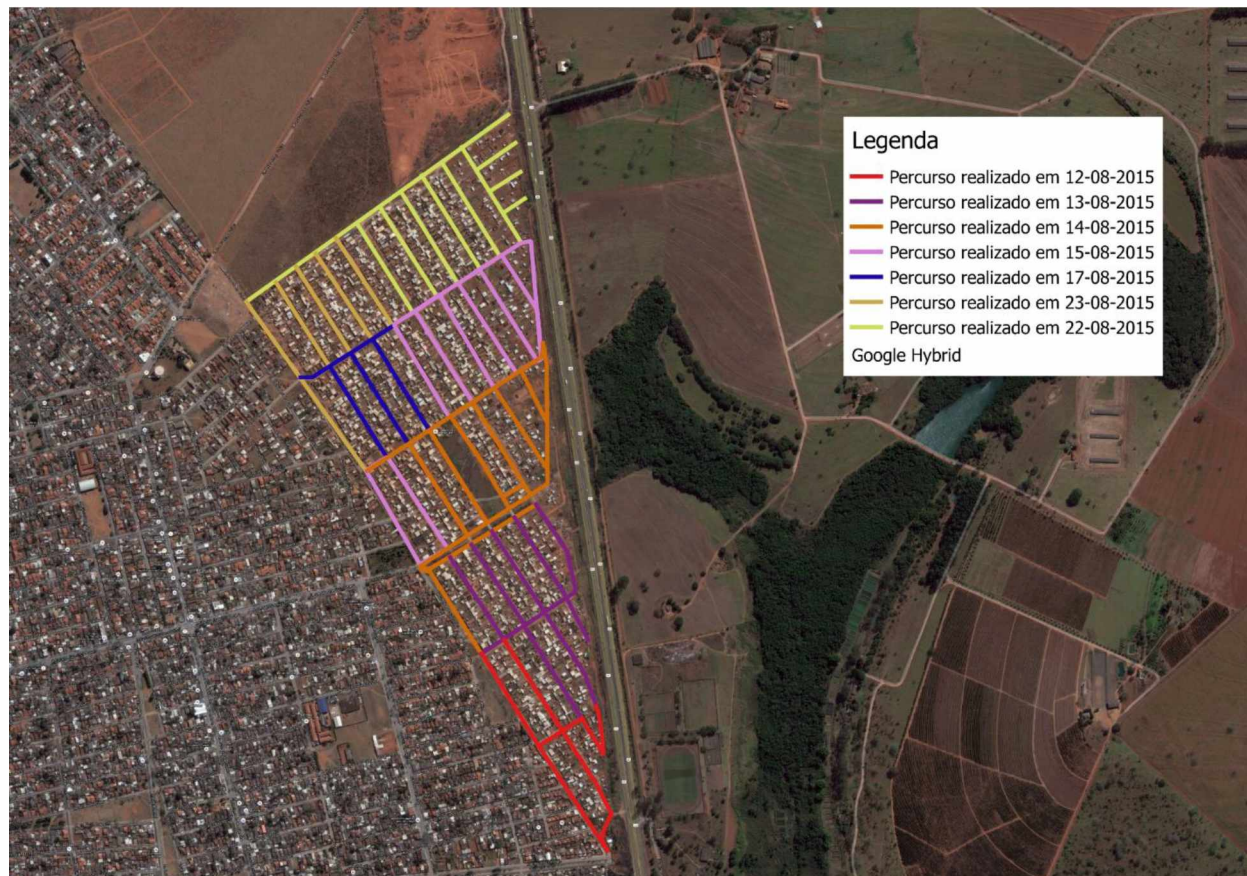


Figura 1 – Trajeto realizado durante a amostragem

PERFIL DOS JOVENS DO ÉLISSON PRIETO

A distribuição dos jovens entre a idade pode ser observada no Gráfico 1.

Idade

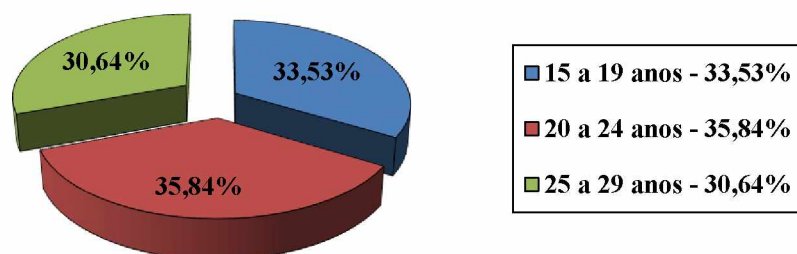


Gráfico 1 Distribuição dos jovens por idade.

Referente ao sexo, podemos notar uma aproximação entre homens e mulheres em todas as idades, com uma pequena maioria das mulheres no geral, o que não ocorre em todas as idades, como apresentado nos Gráficos 2 e 3.

Sexo

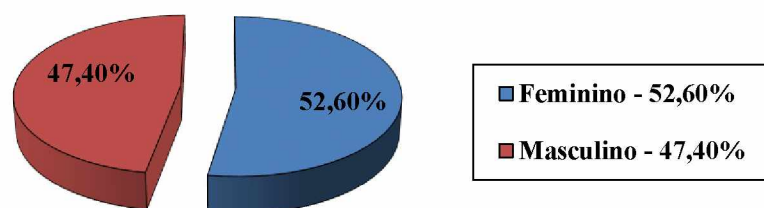


Gráfico 2 Distribuição dos jovens por sexo.

Idade e sexo

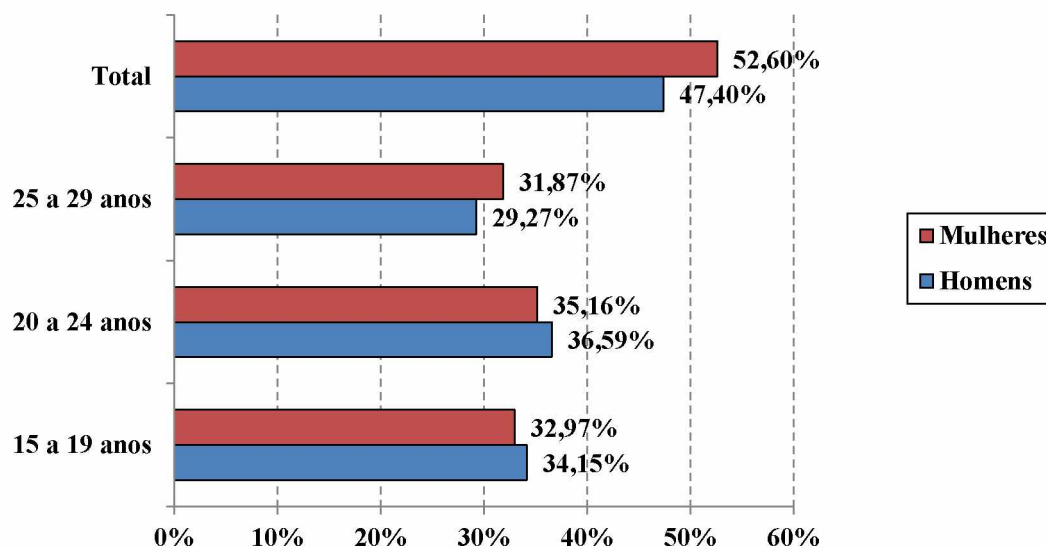


Gráfico 3 Distribuição dos jovens por idade e sexo.

Quanto à cor, podemos notar que quase metade dos jovens são pardos (43,93%), seguida pela cor preta (29,48%) e branca (10,98%) – Gráfico 4. Porém, adotando a sugestão de Frigotto³, agrupando por raça, em que se incorpora na mesma categoria – negra – as cores preta e parda, temos que a imensa maioria (73,41%) dos jovens são negros – Gráfico 5.

3 FRIGOTTO, Gaudêncio. Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Org.). Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

Cor

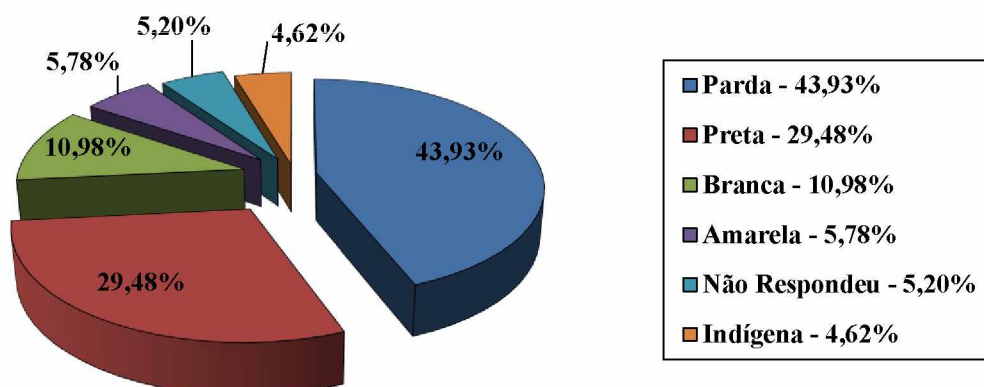


Gráfico 4 Distribuição dos jovens por cor.

Raça

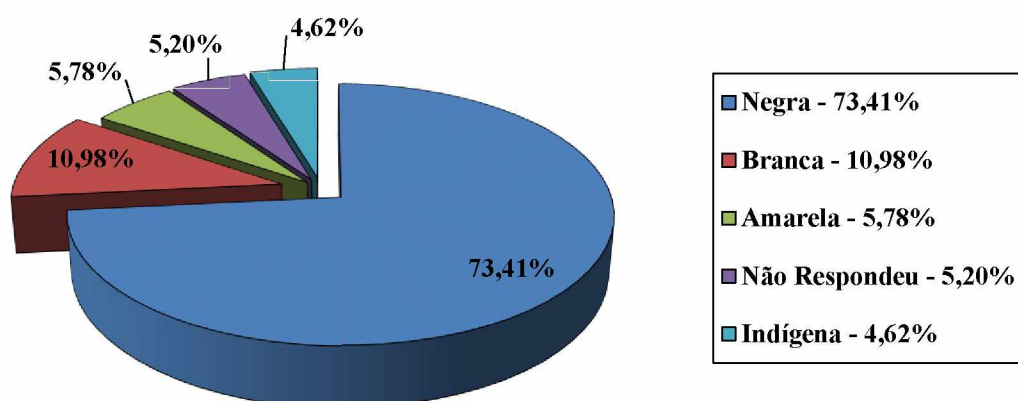


Gráfico 5 Distribuição dos jovens por raça.

3 ESCOLARIDADE

Podemos notar uma baixa escolaridade entre os jovens do Élisson Prieto, visto que a maioria não possui o ensino fundamental completo (41,62%). Apenas 23,70% dos jovens tem a possibilidade terminar o ensino médio a pequena expressão desses jovens que tem acesso ao ensino superior (2,31%), conforme apresentado no Gráfico 6.

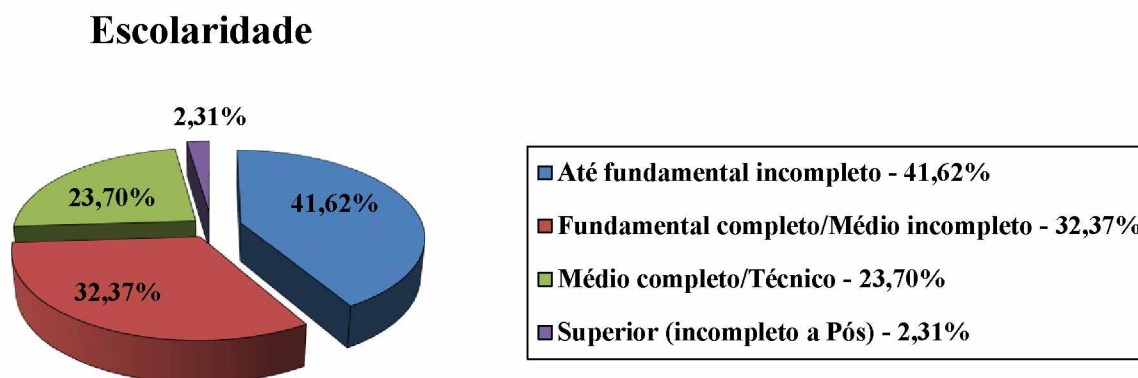
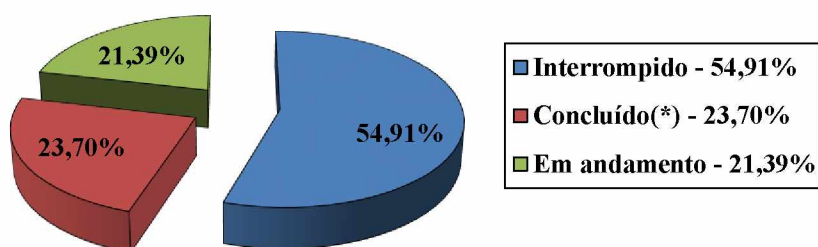


Gráfico 6 Distribuição dos jovens por escolaridade.

Quanto à situação escolar, temos um quadro em que muitos dos jovens são obrigados a abandonar seus estudos, sendo realidade para aproximadamente 55% deles, enquanto que apenas 23,70% conseguem concluir seus estudos. Uma questão importante de se ressaltar é que todos os jovens que responderam concluir os estudos estavam referindo-se ao ensino médio, o que mostra mais uma vez a ínfima parcela desses jovens que tem acesso ao ensino superior, e mais, este quadro sugere uma situação em que cursar uma faculdade não está no imaginário destes jovens. No Gráfico 7 é apresentada a situação escolar dos jovens do Élisson Prieto.

Situação escolar



(*) Corresponde à conclusão do ensino médio

Gráfico 7 Situação escolar dos jovens.

É possível notar uma maior escolaridade das mulheres, visto que aproximadamente 66% das mulheres concluíram o ensino médio, contra 34,15% dos homens, ao mesmo tempo, as mulheres estão um pouco abaixo entre os jovens que interrompem os estudos e com estudos em andamento comparado com os homens, como apresentado no Gráfico 8.

Situação escolar por sexo

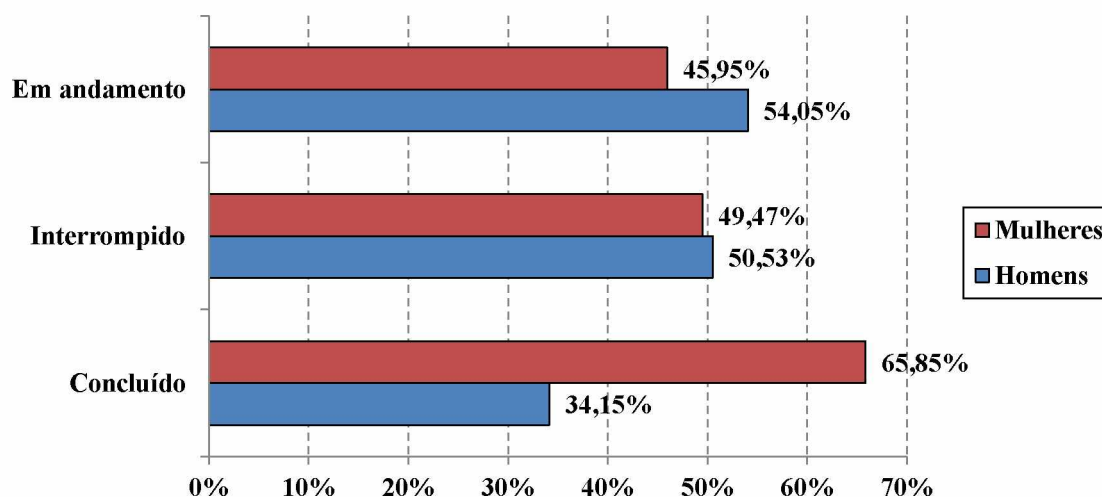


Gráfico 8 Situação escolar dos jovens por sexo.

Dos jovens que estão estudando, temos um pouco mais da metade cursando o ensino fundamental, enquanto que uma pequena parcela (8,11% dos jovens que estão

estudando) cursa o ensino superior – Gráfico 9. No Gráfico 10, está apresentado a idade dos jovens que estão estudando, sendo a grande maioria entre 15 a 19 anos.

Em andamento

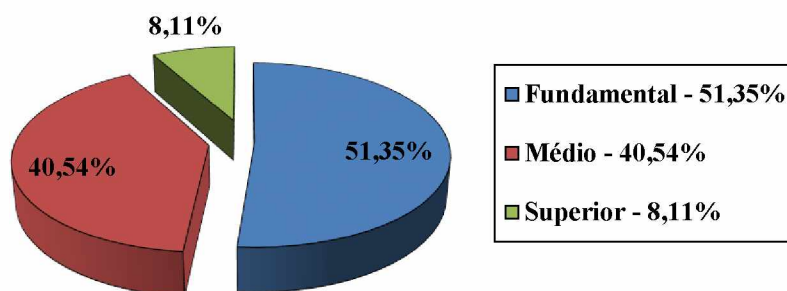


Gráfico 9 Escolaridade dos jovens que atualmente estão estudando.

Idade dos jovens que estão estudando

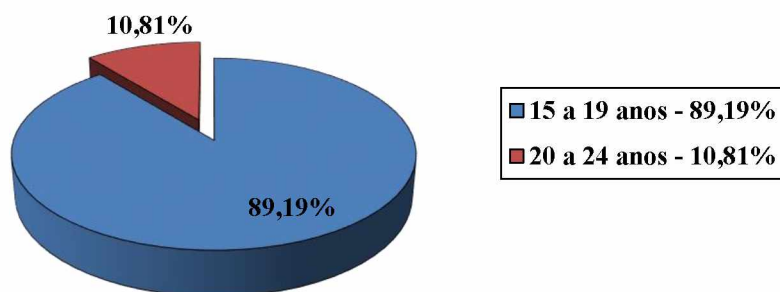


Gráfico 10 Idade dos jovens que estão estudando.

Na Tabela 2 é apresentado as séries que atualmente os jovens estão cursando.

Tabela 2 Distribuição dos jovens que estão estudando por nível e série.

Em andamento	
Fundamental	51,35%
6º ano	5,41%
7º ano	5,41%
8º ano	16,22%
9º ano	24,32%
Médio	40,54%
1º ano	21,62%
2º ano	13,51%
3º ano	5,41%
Superior	8,11%

No Gráfico 11 é apresentado as interrupções nos níveis de ensino entre os jovens, mostrando que a maioria (aproximadamente 59%) não chega a concluir o ensino fundamental.

Interrupção

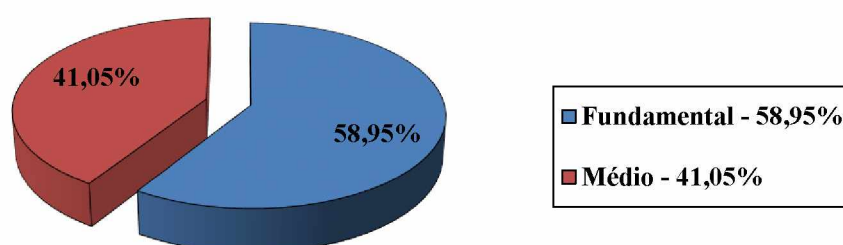


Gráfico 11 Nível em que foi interrompido os estudos.

No Gráfico 12 é apresentado os motivos da interrupção dos estudos pelos jovens. A maior parte deles (aproximadamente 37%) interrompeu os estudos por casamento e filhos, seguido pelo trabalho (26,32%). A categoria “Outros” engloba jovens que abandonaram os estudos por moradia longe da escola, serviço militar obrigatório e expulsão, sendo agrupados em uma categoria pela pouca expressividade apresentada.

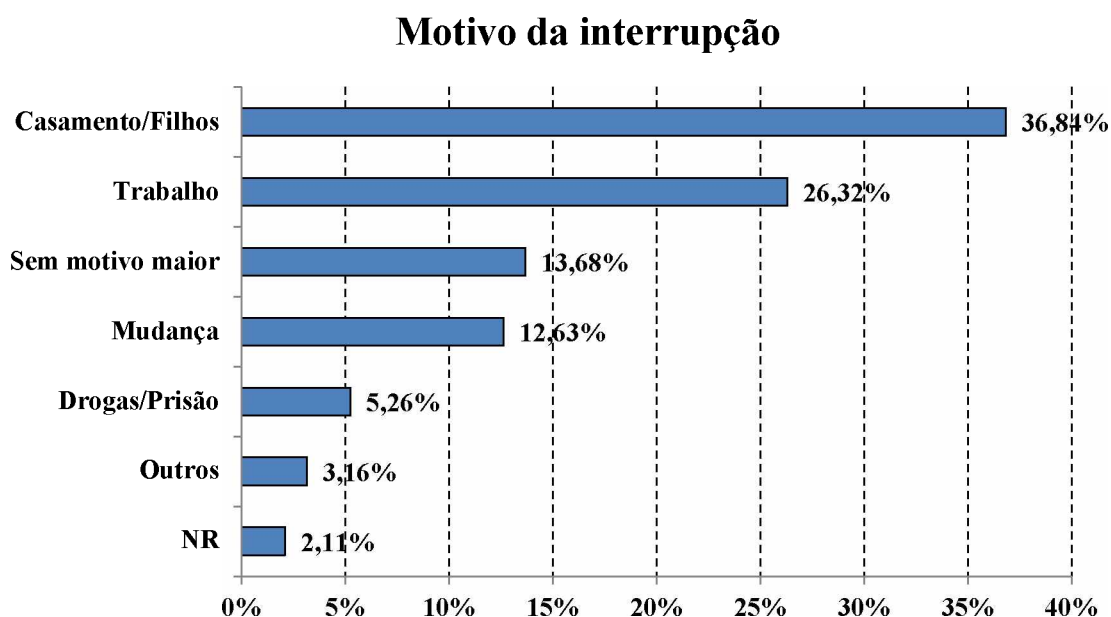


Gráfico 12 Motivos da interrupção dos estudos.

Pelos Gráficos 13 e 14 é possível notar a diferença nos motivos de interrupção entre os jovens homens e mulheres. Para os primeiros, a grande maioria interrompe seus estudos por conta de trabalho (41,67%), seguido por casamento e filhos (16,67%). Já para as mulheres, esse quadro se inverte, pois, 57,45% interrompem os estudos por causa de filhos e casamento, enquanto que o trabalho aparece na quarta posição com 10,64%.

Motivo da interrupção - Homem

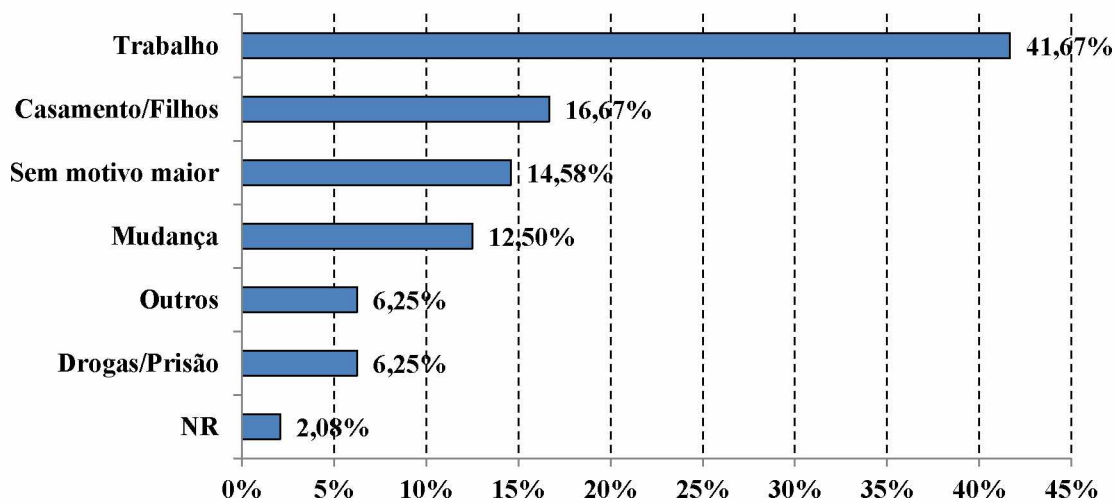


Gráfico 13 Motivo da interrupção dos estudos por jovens homens.

Motivo da interrupção - Mulher

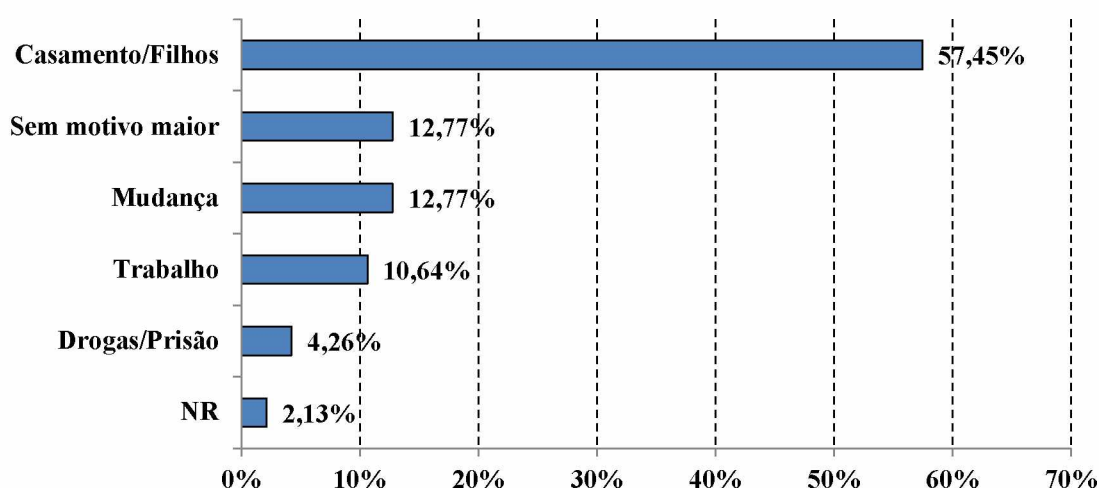


Gráfico 14 Motivo da interrupção dos estudos por jovens mulheres.

Entretanto, o Gráfico 14 não nos apresenta uma questão importante que será melhor discutida na seção 6, referente ao trabalho doméstico. Nesta pesquisa, as mulheres não veem o trabalho doméstico como um trabalho, isso explica essa categoria aparecer em quarto lugar, pois o trabalho doméstico encontra-se diluído na relação familiar, porém, por esse gráfico, não é possível inferir quanto ao trabalho doméstico como um motivo para a interrupção dos estudos.

4 MORADIA

Quanto a questão da moradia, temos que quase metade dos jovens do Élisson Prieto moram na ocupação há mais de 1 ano e menos que 3. O Gráfico 15 apresenta a relação de tempo de moradia no bairro dos jovens.

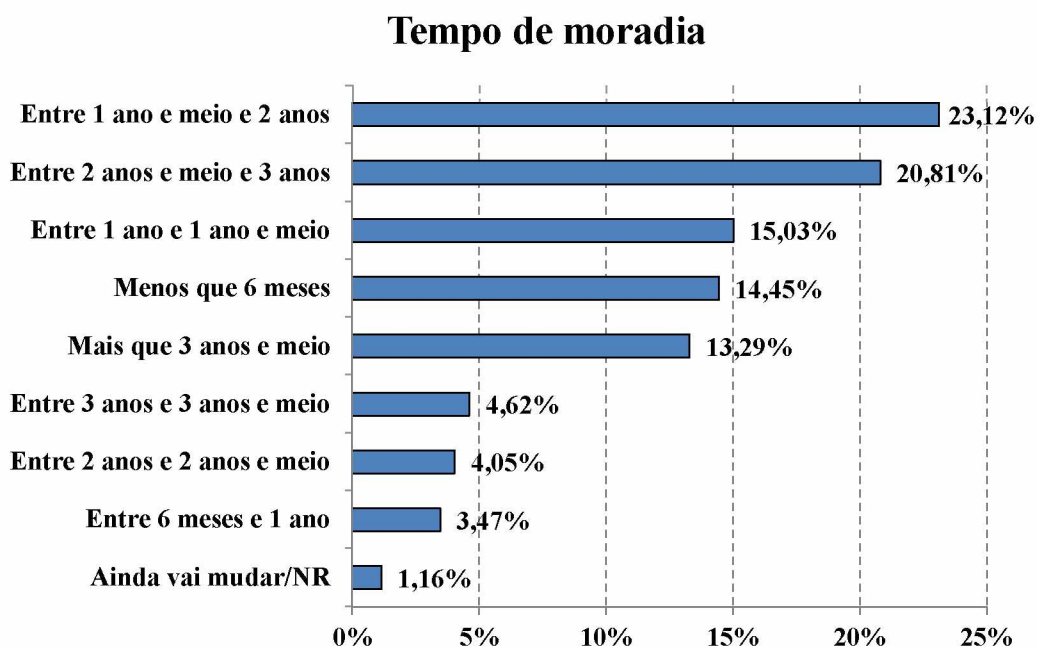


Gráfico 15 Tempo de moradia dos jovens no Élisson Prieto.

A grande maioria dos jovens do Élisson Prieto moravam em outros bairros antes de irem para a ocupação (68,21%), seguido por cidades de outros estados (16,76%) e somente em terceiro lugar (9,25%) de outras cidades de Minas Gerais - Gráfico 16.

Local de moradia antes da ocupação

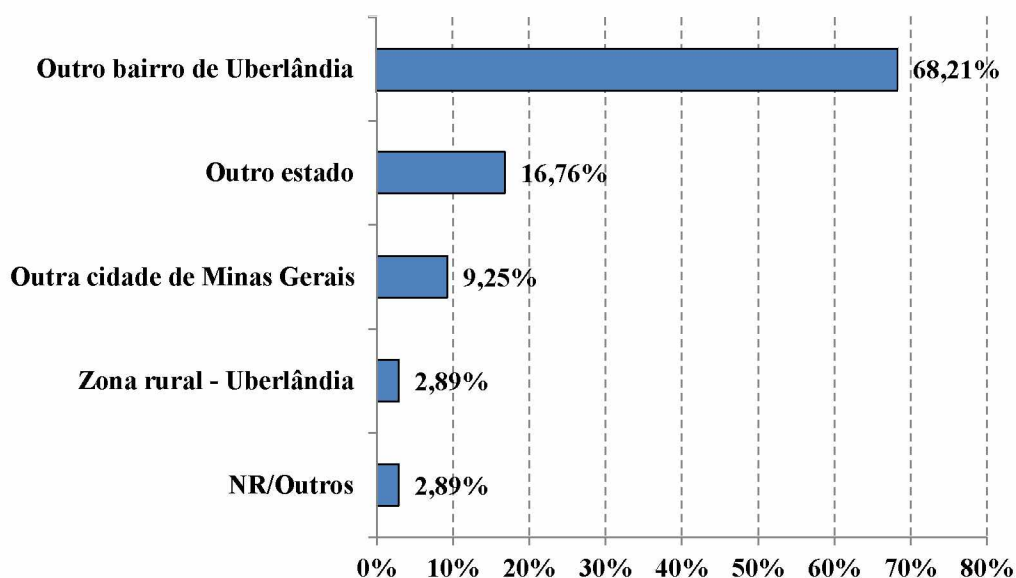


Gráfico 16 Local de moradia dos jovens antes de irem para o Élisson Prieto.

Na Tabela 3 é apresentado os principais bairros que os jovens moravam antes de irem para o Élisson Prieto. Outros bairros apareceram, porém, optamos por destacar os que tiveram frequência maior que 1,5%.

Tabela 3 Relação dos principais bairros de moradia dos jovens antes do Élisson Prieto.

Bairro	Frequência	Bairro	Frequência
São Jorge	17,89%	Segismundo Pereira	3,25%
Morumbi	10,57%	Aurora	3,25%
Laranjeiras	7,32%	Shopping Park	3,25%
Dom Almir	6,50%	Tibério	3,25%
Seringueira	4,07%	Roosevelt	1,63%
Santa Luzia	4,07%	Ipanema	1,63%
Zona rural	4,07%	Campo Alegre	1,63%
Santa Mônica	3,25%	Granada	1,63%
Custódio Pereira	3,25%	Outros	19,51%

Quanto aos jovens que moravam em outro estado antes de irem para o Élisson Prieto, a maior parte deles vieram da Bahia (24,14%), seguido do Pará e Goiás (17,24%). A categoria “Outros” agrupa os estados: Alagoas, Rio Grande do Norte, Tocantins, Maranhão e Piauí – Gráfico 17.

Local de moradia anterior - Estado

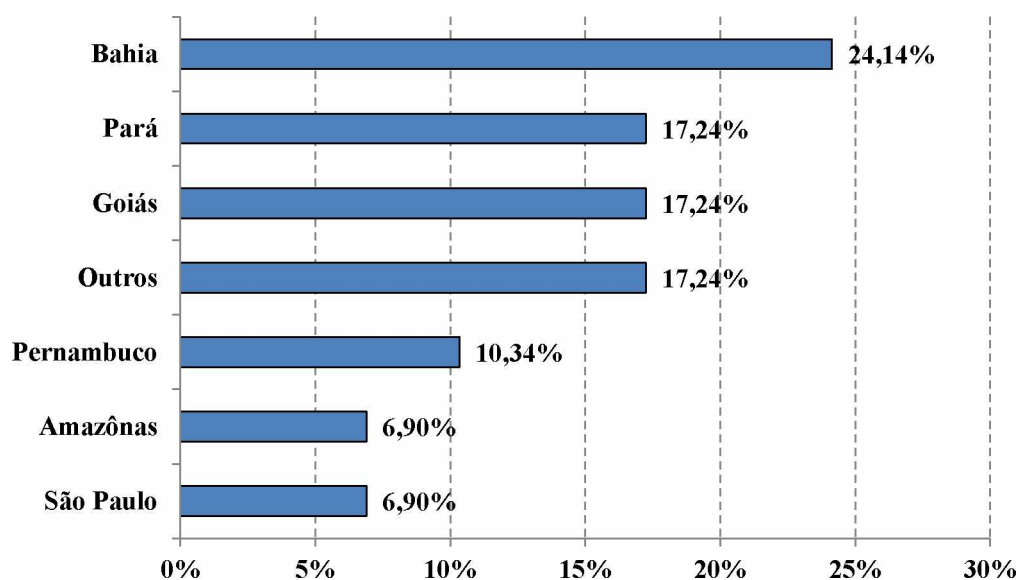


Gráfico 17 Estado de moradia dos jovens antes de irem para o Élisson Prieto.

Na Tabela 4 é apresentado as principais cidades de Minas Gerais em que os jovens moravam antes de irem para o Élisson Prieto.

Tabela 4 Principais cidades de Minas Gerais que os jovens moravam antes de irem para o Élisson Prieto.

Buritizeiro	João Pinheiro
Jaíba	Montes Claros
Patrocínio	Nova Ponte
Belo Horizonte	Pirapora
Caldas Novas	Uberaba
Centralina	Vargem Grande
Grão Mogol	

5 FAMÍLIA

Praticamente metade dos jovens entrevistados são solteiros (50,87%), enquanto que 37,57% possuem união estável informal, também conhecido entre eles como “amaziado” e somente uma pequena parte são formalmente casados (9,83%). Agrupando as categorias “casado” e “união estável”, temos quase a metade dos jovens (47,40%) – Gráfico 18.

Estado civil

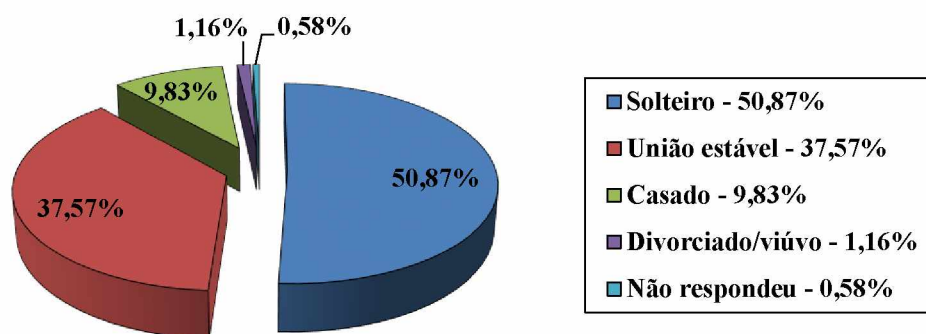


Gráfico 18 Estado civil dos jovens do Élisson Prieto.

A relação familiar na moradia é bastante observado, pois apenas 5,20% dos jovens moram sozinhos, enquanto que a maior parte mora com cônjuge e filhos (45,09%) – Gráfico 19.

Divide a moradia

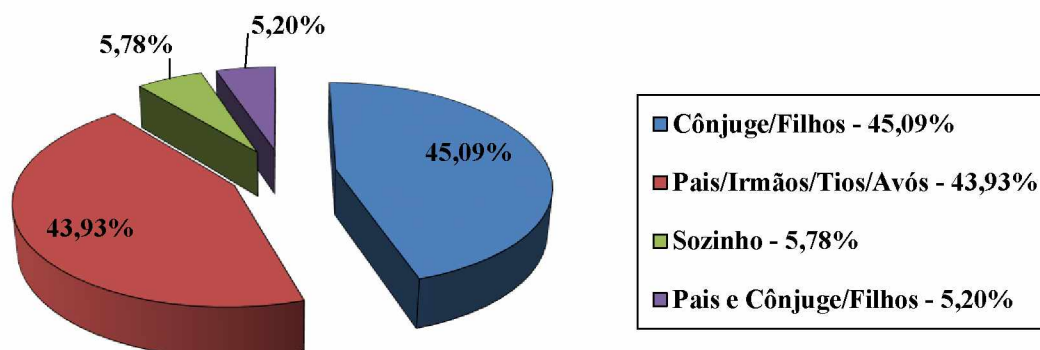


Gráfico 19 Relação de moradia com a família.

Uma questão curiosa de se observar é que a maior parte dos jovens possuem filhos (53,76%) – Gráfico 20. Entretanto, dos jovens que possuem filhos, a maior parte estão em união estável (64,52%), seguido por solteiros (21,51%) – Gráfico 21. No Gráfico 22, é apresentado o número de filhos que os jovens têm, em sua maioria com dois filhos (46,54%).

Possuem filhos

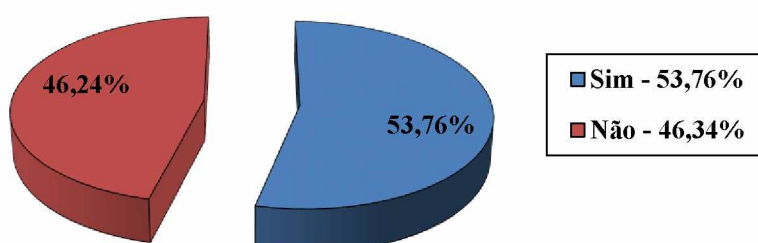


Gráfico 20 Jovens que possuem filhos.

Estado civil dos jovens com filhos

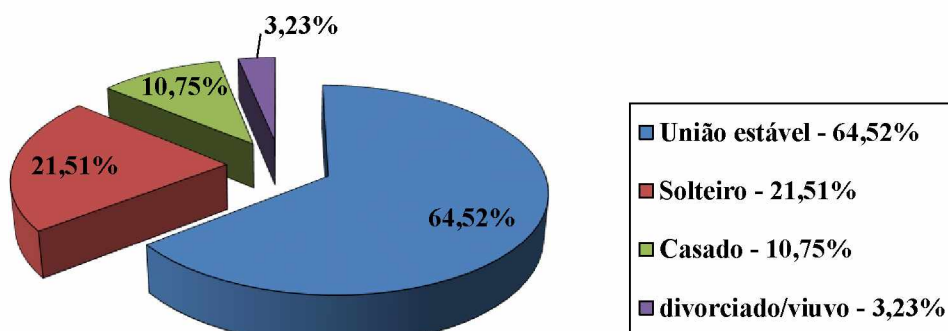


Gráfico 21 Estado civil dos jovens com filhos.

Quantos filhos

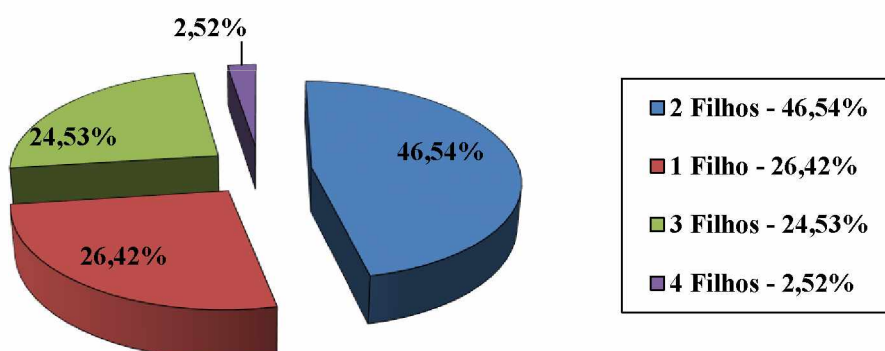


Gráfico 22 Número de filhos dos jovens.

Ainda sobre a relação familiar, no tocante às finanças, quase metade dos jovens são dependentes da família (43,35%), seguido por jovens que contribuem na divisão dos gastos familiares (31,79%) – Gráfico 23.

Relação financeira com a família

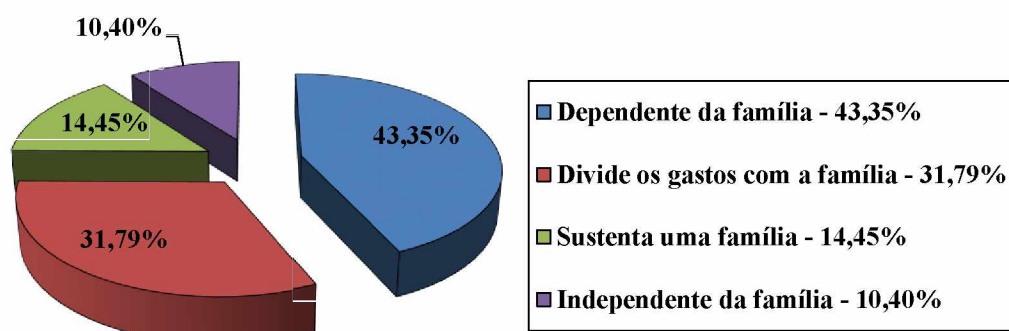


Gráfico 23 Relação financeira dos jovens com a família.

Dos jovens que sustentam seus familiares, a imensa maioria (91,53%) tem compromisso com o cônjuge e filhos, enquanto que apenas 6,78% possuem compromisso financeiro com pais e irmãos – Gráfico 24.

Pessoas que dependem financeiramente

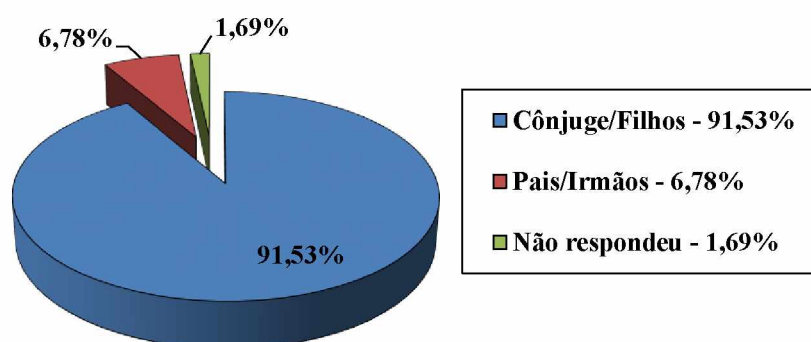


Gráfico 24 Pessoas que dependem financeiramente dos jovens.

6 TRABALHO

Em relação ao trabalho, os jovens trabalhadores são a maioria no Bairro, abarcando 57,80% dos jovens - Gráfico 25. A População Economicamente Ativa (PEA) é composta majoritariamente por homens (38,15%), na faixa etária entre 20 a 24 anos (24,28%) - Gráfico 26 e 27.

PEA e Não PEA

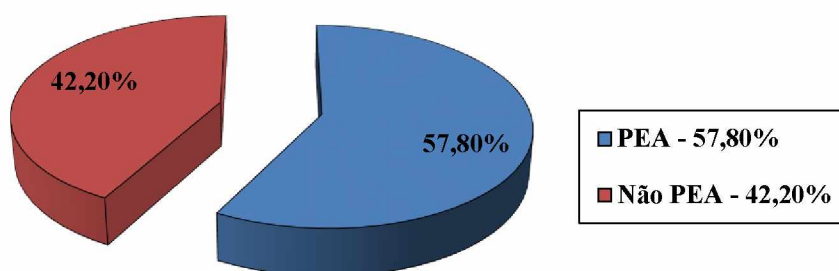


Gráfico 25 PEA e Não PEA entre os jovens.

PEA x Não PEA por idade

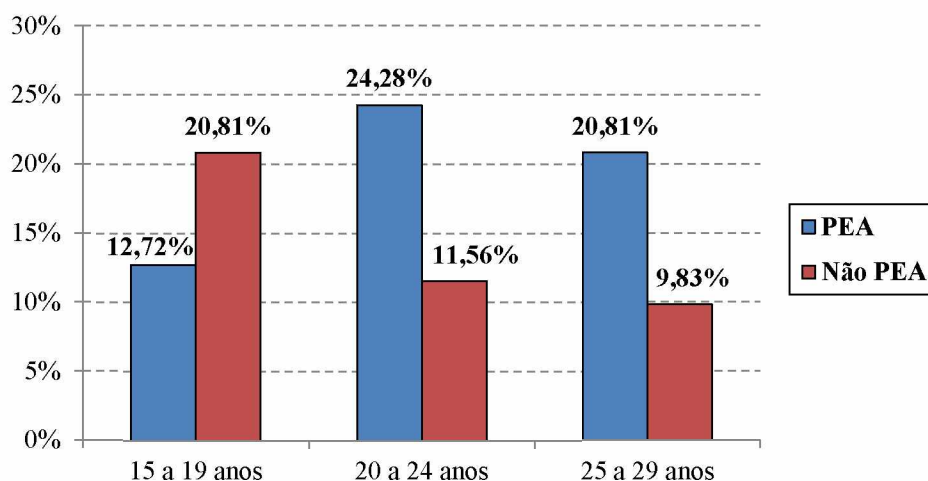


Gráfico 26 PEA e Não PEA por idade.

PEA x Não PEA por sexo

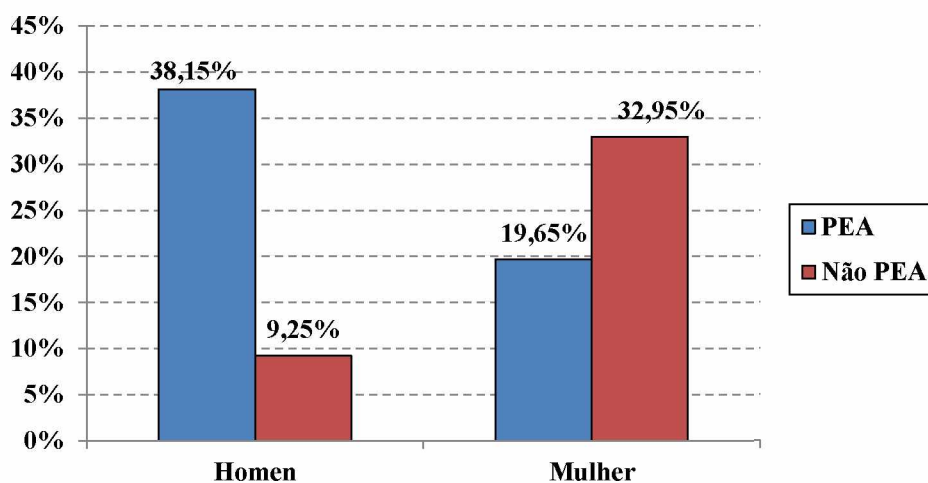


Gráfico 27 PEA e Não PEA por sexo.

A imensa maioria da PEA juvenil não estuda (85%) - Gráfico 28. Enquanto que 70% dos jovens da Não PEA estão estudando - Gráfico 29.

PEA que estuda

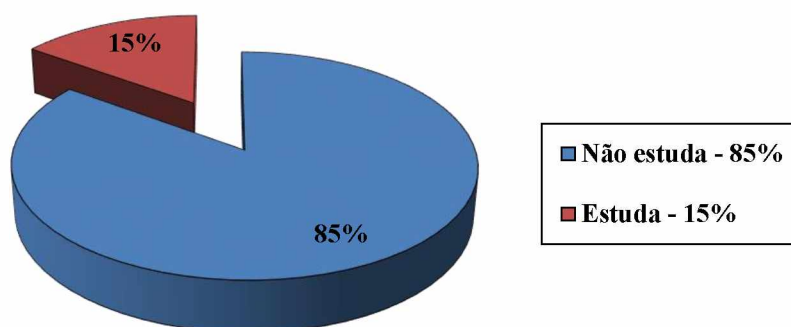


Gráfico 28 PEA juvenil que estuda.

Não PEA que estuda

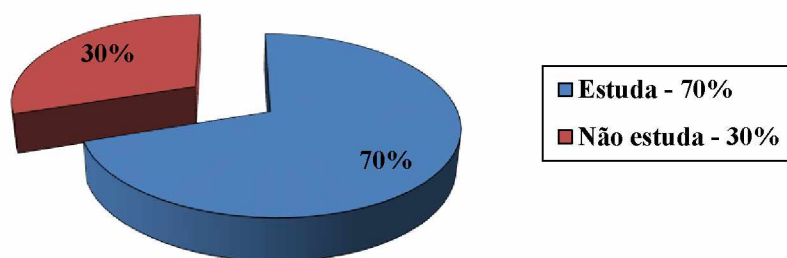


Gráfico 29 Não PEA que estuda.

Em média, os jovens da PEA trabalham 8 horas por dia. No Gráfico 30 é apresentada a carga horária diária dos jovens da PEA.

Horas diárias trabalhada

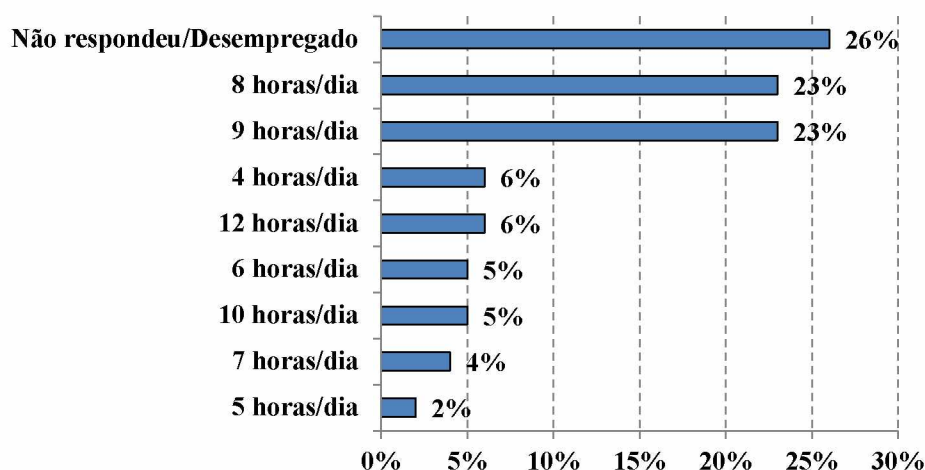


Gráfico 30 Horas trabalhadas por dia.

A maioria dos jovens trabalhadores são registrados (47%), seguido por autônomos e *free lancers* (35%). Os jovens apresentam um grau de desemprego maior que a média, estando com 15% de desempregados – Gráfico 31. Nesta situação, além do alto desemprego entre os jovens, é possível notar a grande parcela dos jovens no mercado informal, além do nível de precarização do trabalho, indicado pelo Gráfico 32, renda individual.

Situação trabalhista

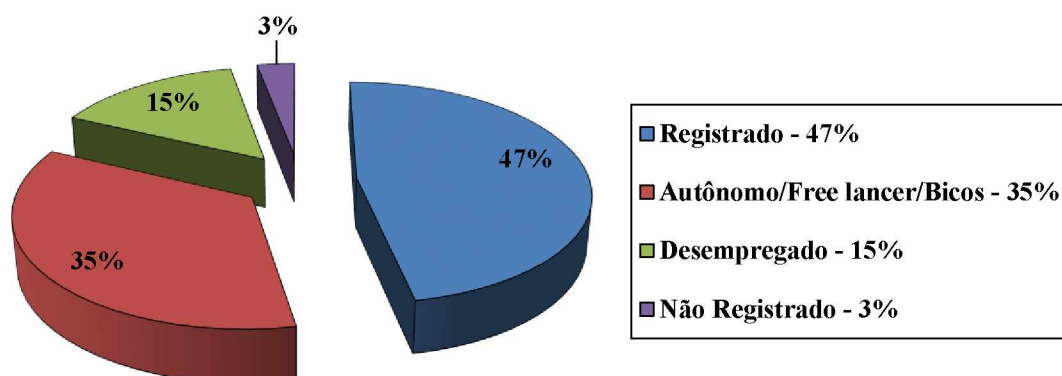


Gráfico 31 Situação trabalhista dos jovens.

A maior faixa atingida pelo desemprego está entre os jovens mais velhos, 25 a 29 anos, correspondendo à 53,85% dos desempregados – Gráfico 32. Quanto ao sexo, a grande maioria (84,62%) dos desempregados são homens – Gráfico 33.

Desemprego por idade

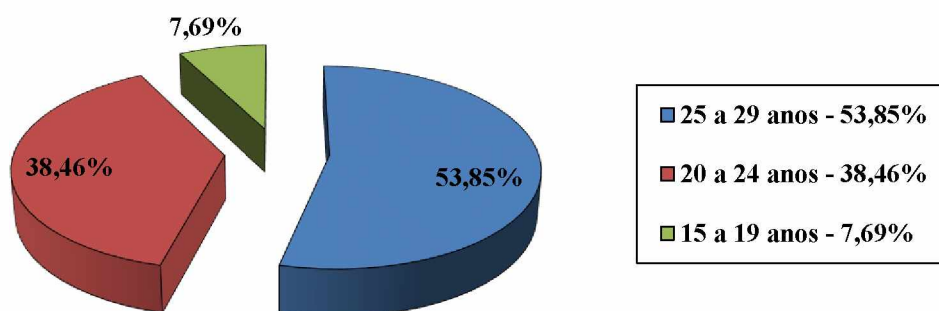


Gráfico 32 Desemprego por idade.

Desemprego por sexo

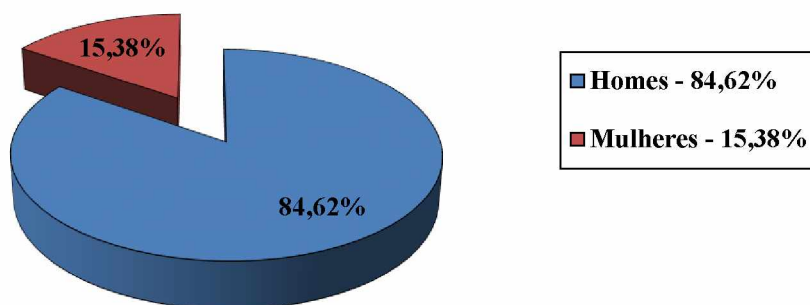


Gráfico 33 Desemprego por sexo entre os jovens.

Quanto à renda, a grande maioria dos jovens recebem entre 1 e 1,5 salário mínimo, o que sugere uma grande precarização do trabalho entre esses jovens, ou seja, ocupam os salários com remuneração mais baixa, ao mesmo tempo que apresentam altas jornadas de trabalho – Gráfico 34. Esse número se repete entre a renda familiar – Gráfico 35.

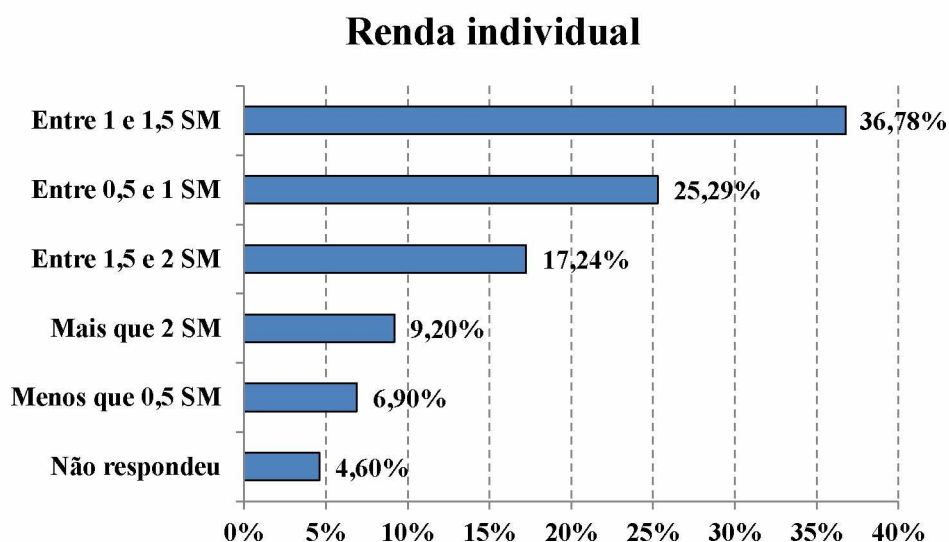


Gráfico 34 Renda individual dos jovens da PEA.

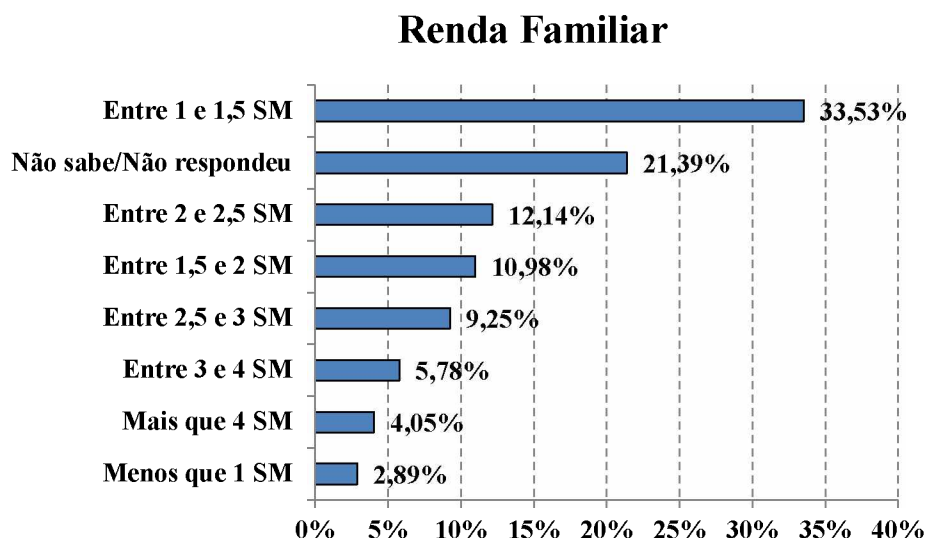


Gráfico 35 Renda familiar dos jovens.

Um fenômeno interessante que atinge quase todas as mulheres da Não PEA é o trabalho doméstico. Durante o questionário a pergunta feita era se o/a jovem trabalhava e não se exercia trabalho remunerado, precisamente para poder captar o trabalho doméstico. E o curioso é que ele não aparecia de imediato. Ao perguntar para as mulheres se elas trabalhavam, a resposta era que não. Após isso perguntou se exercia o trabalho doméstico e 94,74% das mulheres disseram que sim. Isso sugere uma não representação sobre o trabalho doméstico como trabalho, não considerando como trabalho por não ser remunerado. No Gráfico 36 é apresentada a proporção das mulheres que trabalham em casa após responder ser da Não PEA. O trabalho doméstico só apareceu na primeira pergunta (Você trabalha?) quando era remunerado, ou seja, trabalhadoras domésticas regulares e diaristas.

Mulheres Não PEA e trabalho doméstico

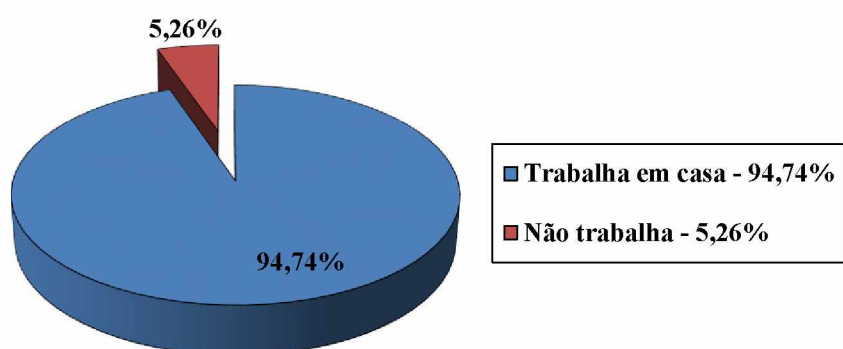


Gráfico 36 Mulheres da Não PEA que exercem trabalho doméstico.

7 RELIGIÃO

A religião está muito presente entre os jovens, sendo que 64,74% dos jovens responderam frequentar alguma religião – Gráfico 37. A mais frequente entre eles é a protestante (65,18%), abarcando as igrejas: Universal, Assembleia de Deus, Assembleia de Cristo, Pentecostal, Evangélica e Congregação Cristã no Brasil – Gráfico 38.

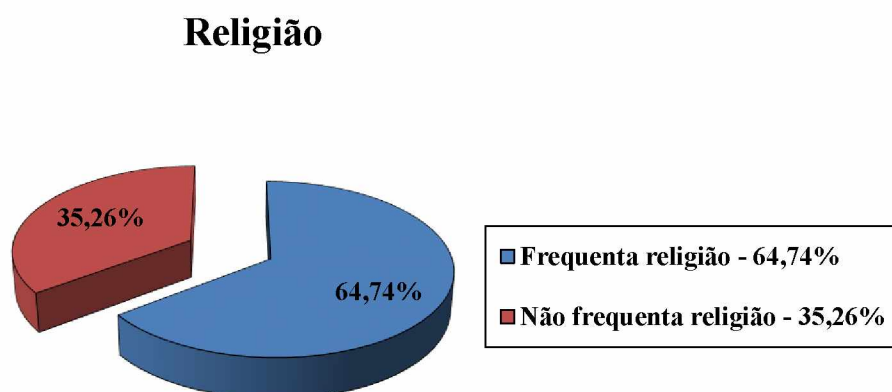


Gráfico 37 Jovens que frequentam religião.

Religiões frequentadas

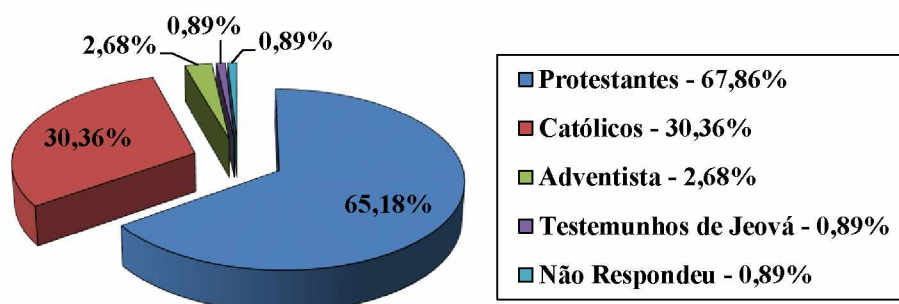


Gráfico 38 Religiões frequentada entre os jovens do Élisson Prieto.

É possível notar a frequência da religião de maneira muito intensa entre os jovens, pois 61,61% dos que frequentam alguma religião disseram ir à igreja uma vez ou mais por semana, enquanto que 20,54% vão entre 2 a 3 vezes no mês – Gráfico 39.

Frequência nas atividades da Igreja

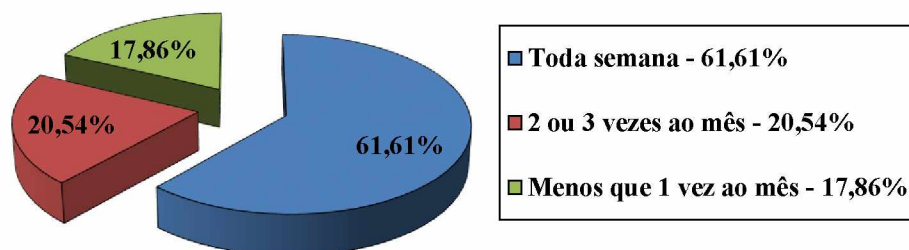


Gráfico 39 Frequência que os jovens frequentam a igreja.

8 PROGRAMAS DE GOVERNO E POLÍTICAS PÚBLICAS

A grande maioria dos jovens e seus familiares não recebem nenhum benefício social, sendo apenas 24,86% que recebe algum benefício – Gráfico 40. O programa de governo mais acessado entre os jovens e seus familiares é o Bolsa Família (90,70%), seguido pelo Bolsa Escola (6,98%) e auxílio doença (2,33%) – Gráfico 41.

Programas de governo



Gráfico 40 Jovens e familiares que recebem algum benefício social.

Qual programa

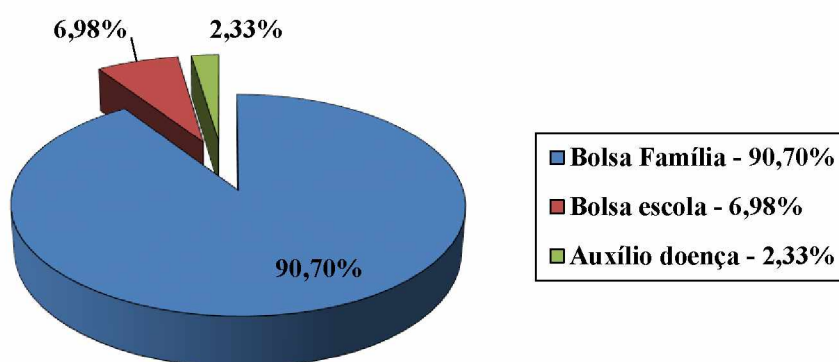


Gráfico 41 Programas mais acessados pelos jovens e seus familiares.

É possível notar, pelos Gráficos 42 e 43, um baixo acesso dos jovens às políticas públicas e programas de governo voltados especificamente para o público juvenil, pois,

apenas 13,87% dos jovens conhecem algum programa de governo ou política pública voltado para a juventude. Destes, 37,5% participa ou já participou de algum programa. Este número na totalidade dos jovens representa 5,2% dos que participam ou já participaram de algum programa de governo ou política pública para jovens.

Conhece programas de governo para jovens

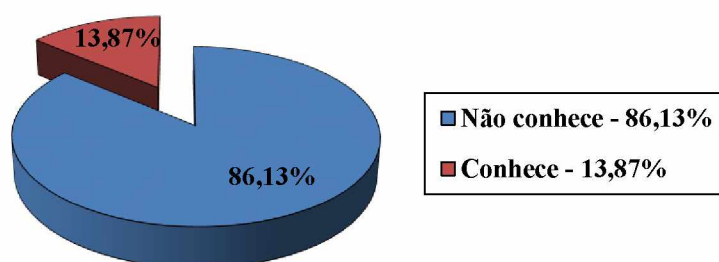


Gráfico 42 Jovens que conhecem programas de governo ou políticas públicas voltadas para a juventude.

Participa de programas de governo para jovens

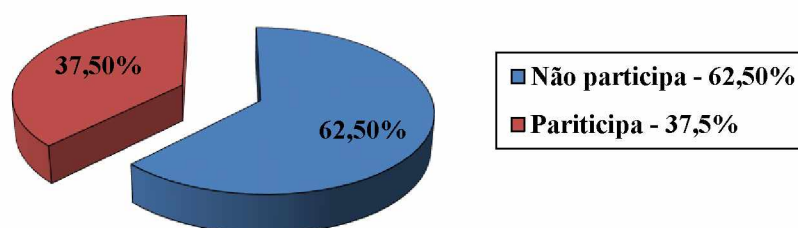


Gráfico 43 Jovens, entre os que conhecem, participam de algum programa de governo ou política pública juvenil.

Entre os programas de governo ou políticas públicas mais acessadas pelos jovens estão o Jovem Aprendiz, Menor Aprendiz, Fica Vivo e Pronatec.

9 RELAÇÃO COM O MSTB

Durante os questionários, buscou-se apreender a relação que os jovens têm com o movimento (MSTB). A maioria dos jovens, de certa maneira participam ou tem referência no movimento, sendo que 67,05% deles participam das atividades do MSTB – Gráfico 44.

Participa das atividades do MSTB

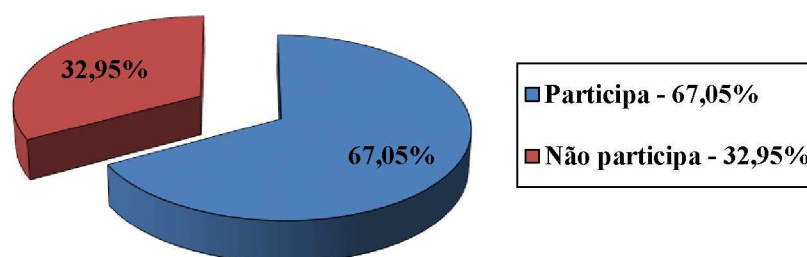


Gráfico 44 Jovens que participam das atividades do MSTB.

Entre os jovens que participam das atividades, a maioria deles participam de vez em quando, sendo apenas 34,48% que sempre participam das atividades. Este número representado no total dos jovens está em torno de 23%, ou seja, apesar da grande referência que o movimento tem entre os jovens, seu poder de mobilização entre eles é um pouco mais limitado – Gráfico 45.

Frequência que participa das atividades

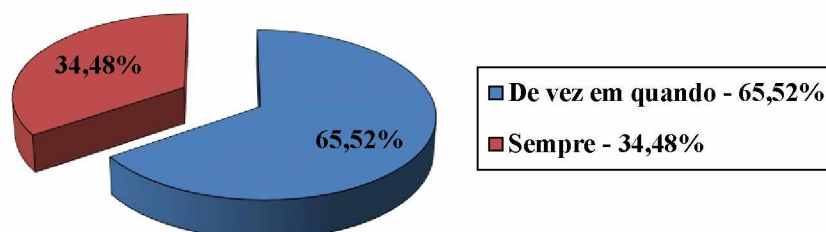


Gráfico 45 Frequência que os jovens participam das atividades do MSTB.

Ao ser perguntado para os jovens quais atividades que eles mais participam, as reuniões foram as que mais apareceram (55,17%). Mais uma vez, podemos notar a o baixo poder de mobilização dos jovens, pois apenas 11,21% responderam participar de todas as atividades realizadas pelo MSTB – Gráfico 46.

Atividades que os jovens participam

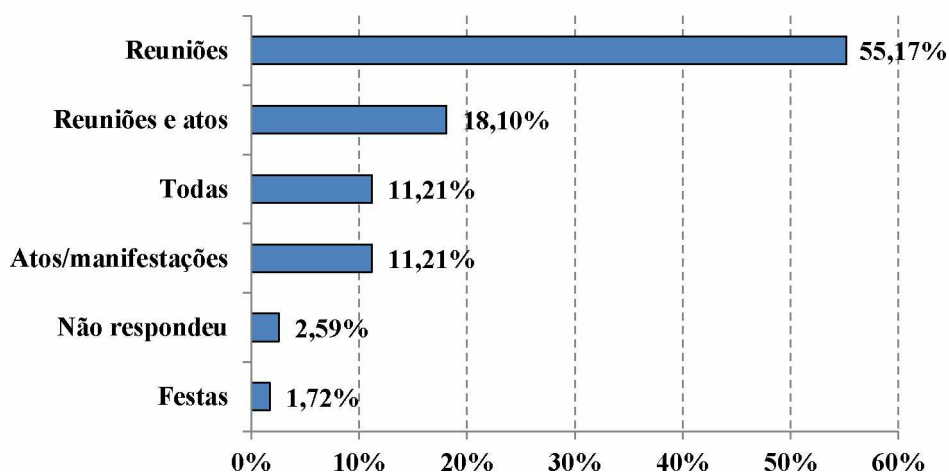


Gráfico 46 Atividades realizadas pelo MSTB que os jovens mais participam.

No Gráfico 47 é apresentado os motivos dos jovens não participarem das atividades do MSTB. Essa pergunta foi feita para os 32,95% dos jovens que responderam não participar das atividades do movimento. Podemos notar por esse gráfico a grande

referência dos jovens no movimento, pois 17,54% não vão mas tem alguém da família que participa, enquanto 19,30% porque não tem tempo. Esses números no total dos jovens são muito baixo, representando 5,78% e 6,36% respectivamente. Apenas 15,79% responderam não ir por não gostar, não concordar ou não ter recebido o convite, enquanto apenas 12,28% não conhecem. Esses números representam, no total dos jovens, 5,20% e 5,78%, respectivamente.

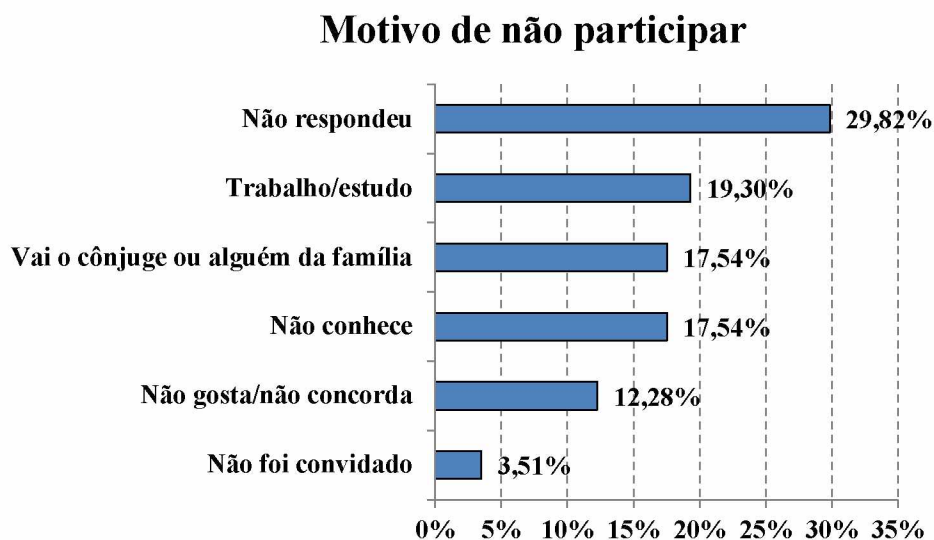


Gráfico 47 Motivos da não participação nas atividades do movimento.

10 SOCIABILIDADE E LAZER

Os jovens responderam participar pouco de grupos de jovens, sendo que apenas 15,16% dos jovens disseram participar de algum grupo de jovens – Gráfico 48.

Participa de algum grupo de jovens

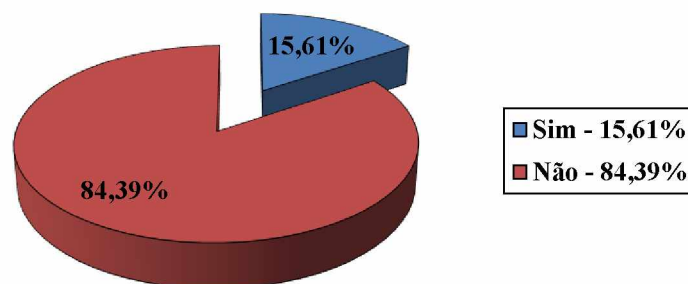


Gráfico 48 Participação e grupos de jovens.

Entre essa pequena proporção que respondeu participar entre grupos de jovens, a Igreja teve uma maior importância, representando 48,15% desses jovens – Gráfico 49. Entre esses espaços, estão grupos chamados de células, reuniões de jovens, ensaios (canto e dança) e até mesmo de esporte. O segundo mais contemplado foi o esporte, 29,63%, entre eles futebol, vôlei e bicicleta. A rua aparece como um importante espaço de sociabilidade (18,52%), principalmente na questão da pipa, dos bares (entre os mais velhos) e no simples “encontrar a galera”.

Grupos de jovens

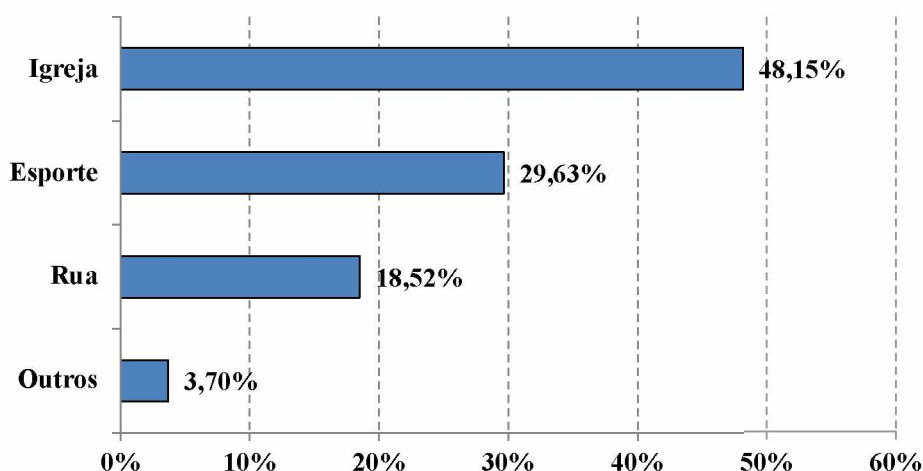


Gráfico 49 Espaços de sociabilidade.

Quanto ao lazer, a maioria dos jovens (21,97%) aproveitam os momentos de lazer na rua com os amigos, isso inclui esportes – principalmente futebol –, brincadeiras – principalmente a pipa –, e até mesmo os meros encontros na rua. Esta pergunta mostra uma frequência maior da sociabilidade da rua, limitada pela pergunta dos grupos de jovens. A categoria sair com a família engloba idas ao Parque Sabiá, sorveterias, praças, shoppings e cinema, estes últimos com uma frequência bem menor. A categoria trabalho e não tem lazer envolveram uma grande quantidade (principalmente mulheres) que disseram não ter lazer, pois ficam por conta de cuidar da casa e dos filhos, assim como pessoas que utilizam do tempo livre para fazer bicos. As atividades em casa agrupam respostas como jovens que não podem sair, televisão, estudos, leitura (com bastante pessoas que aproveitam para ler a bíblia). Nesta última categoria apareceu duas repostas bem interessante, dois jovens que compõem músicas e poesias, um deles ainda pretende lançar um livro - Gráfico 50.

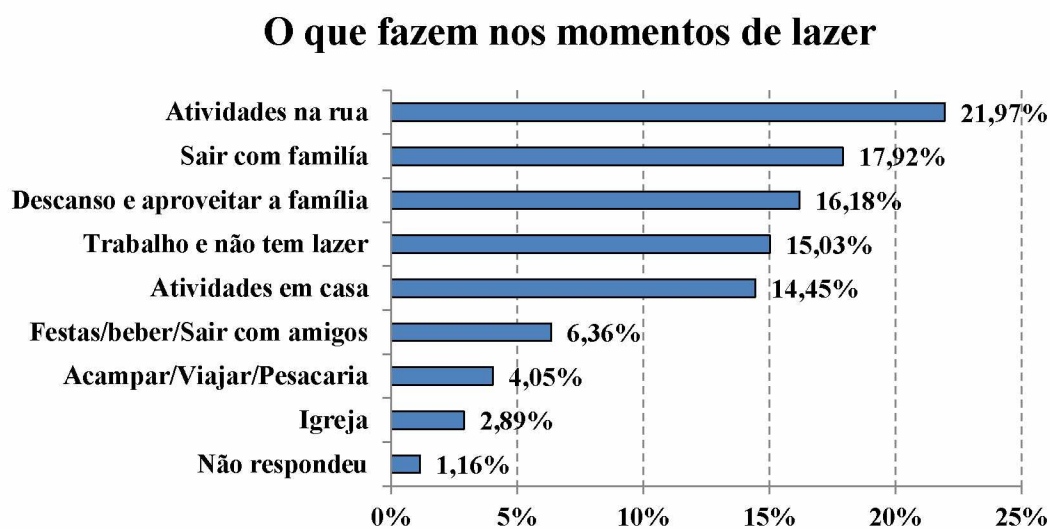


Gráfico 50 O que os jovens fazem nos momentos de lazer

11 REPRESENTAÇÃO DA JUVENTUDE

O último bloco do questionário tentou captar a representação que os jovens fazem da condição juvenil. A primeira pergunta deste bloco era se a pessoa se sentia jovem, seguida do porquê. A grande maioria – 80,35% disseram ser jovens – Gráfico 51. Entretanto, pela pergunta seguinte – Gráfico 52 –, podemos notar uma contradição, em que 7,53% dos jovens responderam não ser mais jovens (mesmo respondendo “sim” na pergunta anterior). Essa condição juvenil interrompida na grande maioria das vezes se dá pela constituição de uma nova família, filhos e necessidade de trabalhar. Incorporando estes aos que disseram não ser jovem, a proporção sobe para 23% dos jovens. Para os jovens que disseram ser jovem, a grande maioria respondeu ser jovem por causa da idade, 67,74%.

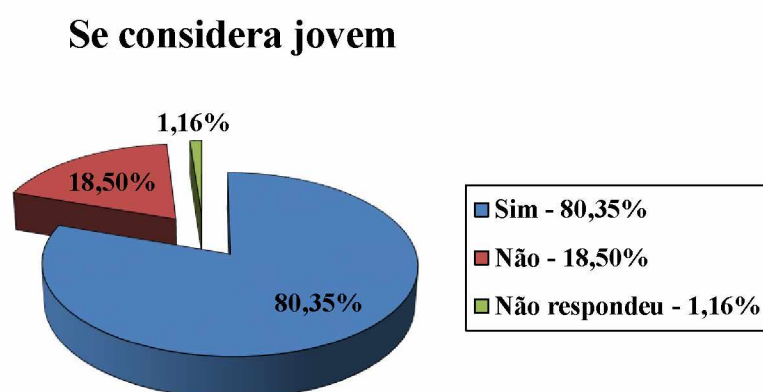


Gráfico 51 Os jovens que se consideram jovem.

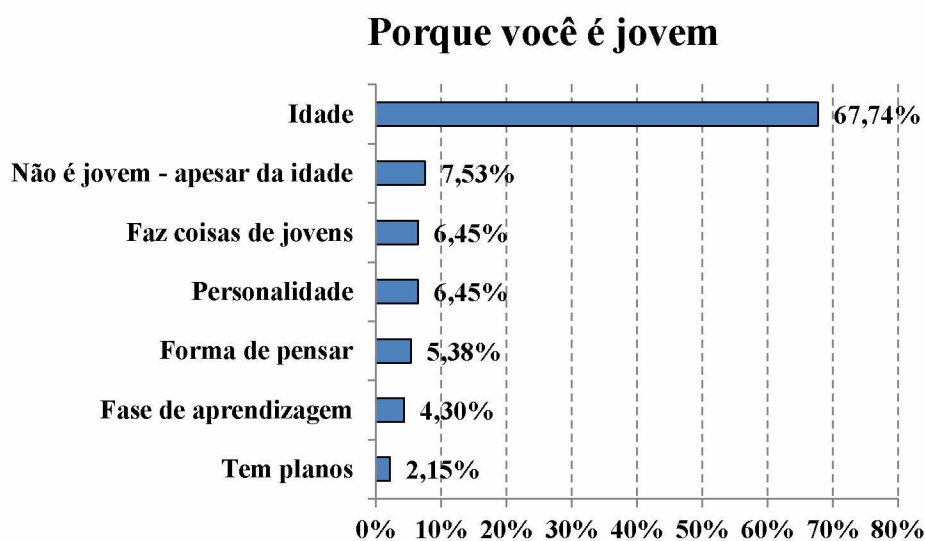


Gráfico 52 Motivo de ser jovem.

Para os jovens que disseram não se sentirem mais jovens, a resposta pelo motivo se deu em sua maioria – 46,43% – na constituição de uma nova família e responsabilidade com filhos. A categoria idade agrupa os jovens que não se sentem mais jovens pela idade, entre 25 a 29 anos, fazendo uma representação que jovem é quem tem menos de 20 anos. O trabalho aparece subrepresentado neste gráfico, pois boa parte dos jovens que estão na categoria família também tem responsabilidades com o trabalho, visto a necessidade de manter uma família.

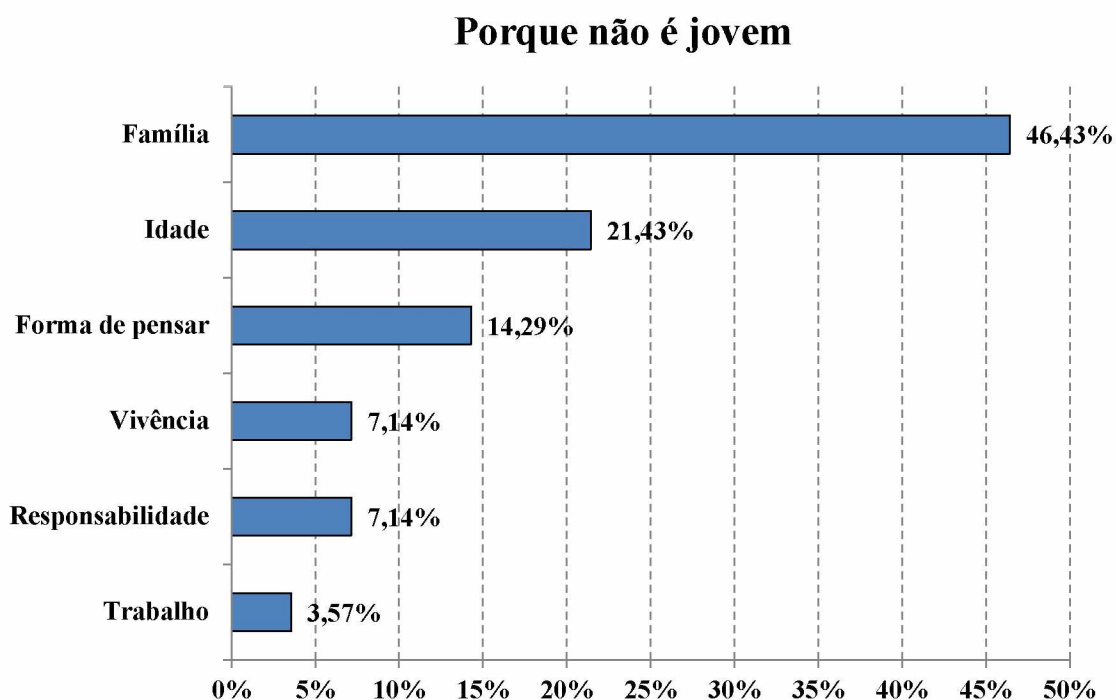


Gráfico 53 Porque não se sente mais jovem.

Por fim, perguntou-se aos jovens o que eles entendem por juventude, ou seja, qual a representação que eles fazem por “ser jovem” – Gráfico 54. A idade neste caso, apareceu em segundo lugar, com 19,44%. Aproveitar a vida foi o que mais apareceu com 25,93%. A categoria “Outros” agrupou respostas mais genéricas, como “é bom ser jovem”, assim como algumas representações negativas sobre a juventude (que não apareceu nas outras perguntas) como a submissão aos pais, familiares e mais velhos, falta de liberdade e sofrimento.

O que entende por juventude

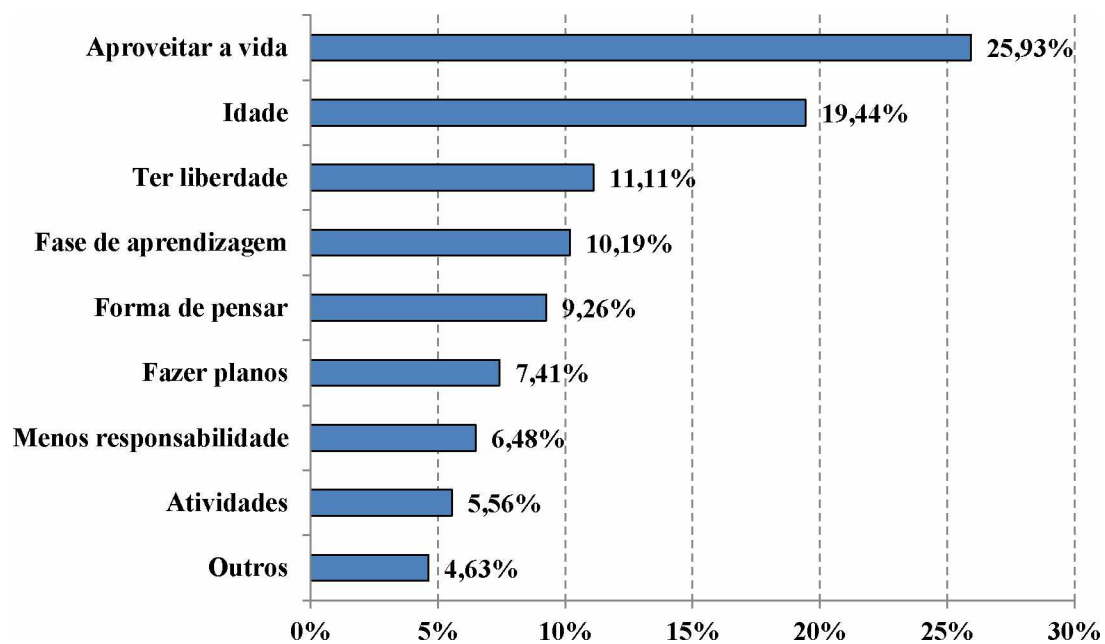


Gráfico 54 Representação sobre juventude.